

# Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a colecção Fernando Távora

Jerónimo Pizarro\*

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Colecção Fernando Távora, "Marinha", "Côrte-Real", *Mensagem*, "Analyse", "Hiemal", "Serena voz imperfeita", "Plenilúnio", *Ficções do Interlúdio*, "Abdicação", "Além-Deus", "No horizonte solemne", "Liberdade", "Hora absurda", "Sol nullo dos dias vãos", "Nota de poesias portuguezas", *Cancioneiro*, Poemas portugueses inéditos.

## Resumo

O arquitecto Fernando Távora adquiriu numerosos documentos manuscritos e dactilografados por Fernando Pessoa, entre os quais figuram muitos poemas (um deles inédito até hoje) e algumas listas de poemas que referem poemas também inéditos (mas estes encontram-se no espólio pessoano na Biblioteca Nacional de Portugal). Este contributo apresenta a maior parte dos poemas da colecção Fernando Távora e ainda outros documentos dessa mesma colecção, muitos deles referidos no lote 31.

## Keywords

Fernando Pessoa, Fernando Távora collection, "Marinha", "Côrte-Real", *Mensagem*, "Analyse", "Hiemal", "Serena voz imperfeita", "Plenilúnio", *Ficções do Interlúdio*, "Abdicação", "Além-Deus", "No horizonte solemne", "Liberdade", "Hora absurda", "Sol nullo dos dias vãos", "Nota de poesias portuguezas", *Cancioneiro*, Unpublished Portuguese Poems.

## Abstract

Throughout his life, the Architect Fernando Távora purchased several of Fernando Pessoa's manuscripts. These include a number of poems, one of which ("No horizonte solemne") remained unpublished until today. The manuscripts also include lists that refer to other unpublished poems, the latter available in Pessoa's archive at the National Library of Portugal. This contribution presents most of Fernando Pessoa's poems in the Fernando Távora Collection, as well as other documents of in that archive, many of which are part of what Távora designated as "lot 31."

---

\* Universidad de los Andes.

Entrar num arquivo sempre comporta algum perigo – e mais ainda quando esse arquivo remete, como costuma acontecer, para muitos mais... A informação gerada pela pesquisa parece infinita, e a sensação de ter tocado uma caixa de Pandora impõe-se. Quando comecei este contributo, querendo homenagear uma família e retribuir a generosidade de um filho, José Bernardo Távora, que me deixou, a mim e a outros colegas, consultar a colecção Fernando Távora, imaginei escrever umas poucas páginas sobre uns poemas que acreditava conhecer. Mas o contributo cresceu como bola de neve, e nem a minha tranquilidade inicial – assente na ideia de que iria escrever sobre um número limitado de textos referidos no inventário de um lote, o 31, adquirido por um coleccionador – foi suficiente para esconjurar a angústia que tive a certa altura, quando percebi que o texto não parava de crescer... Um texto remetia a outro, a necessidade de “Bridging Archives” (FERRARI, 2017) era imensa, e a vastidão surgia como apenas uma dimensão da realidade. Já Arlette Farge explicou que a comparação dos arquivos com os fluxos naturais não era fortuita:

L’archive [...] est difficile dans sa matérialité. Parce que démesurée, envahissante comme les marées d’équinoxe, les avalanches ou les inondations. La comparaison avec des flux naturels et imprévisibles est loin d’être fortuite ; celui qui travaille en archives se surprend souvent à évoquer ce voyage en termes de plongée, d’immersion, voire de noyade... la mer est au rendez-vous ; d’ailleurs, répertoriée dans des inventaires, l’archive consent à ces évocations marines puisqu’elle se subdivise en fonds ; c’est le nom donné à ces ensembles de documents, soit homogènes par la nature des pièces qu’ils comportent, soit reliés ensemble par le seul fait d’avoir un jour été donnés ou légués par un particulier qui en avait la propriété. Fonds d’archives nombreux et amples, arrimés dans les caves des bibliothèques, à l’image de ces énormes masses de rochers appelées “basses” en Atlantique, et qui ne se découvrent que deux fois par an, aux grandes marées.

(FARGE, 1989: 10)

Concluída esta primeira navegação pela colecção Fernando Távora, que tentei que fosse guiada pelas notas do próprio arquitecto e pela história do arquivo, o resultado é a crónica de viagem que se segue. Primeiro, uma transcrição do lote 31, como o mapa inicial. Depois, como se fossem ilhas de um arquipélago: a edição e o estudo de uma série de poemas e documentos poéticos, incluindo-se uma discussão do estabelecimento textual e pistas para descobrir inéditos que Pessoa valorizou. A certa altura optei por incluir poemas referidos em outros lotes, diferentes do 31, simplesmente porque entre os manuscritos e cartas inventariados pelo arquitecto Fernando Távora existiam mais poemas – e entendi que este devia ser um contributo em que se apresentasse o maior número possível deles. Fica ao leitor a tarefa de perder-se, com relativa organização, nesta vastidão e de sentir, como uma lufada de ar fresco, que ainda há muito por descobrir neste mundo das arcas pessoais que, por vezes, parece já ser conhecido. O certo é que Pessoa ainda está por conhecer – e milhares de documentos, ainda por relacionar.

(12)

31º Lote - Conjunto de documentos vendidos por José Caspar Simões ao livreiro - alfarrabista Manuel Ferreira, do Porto e por este vendidos a mim pelo preço quase completamente bruto de esc. 40.000 \$00. Raiu uma vez nos consegui registar e não tive coragem de discutir o preço que, aliás, me foi dito ~~ser~~ <sup>ser</sup> muito alto frisando o Dr. Caspar Simões "sebe bem o valor daquilo que tem".

Comprou este lote em 12 de Julho 1977. Apesar do 25 de Abril continuo com este vício inveterado e incurável vel! (os documentos que puderam ser f.p. foram certamente redigidos por J. Caspar Simões de cara no facto quando teve acesso à sua obra <sup>depois</sup> para a publicação dos poemas ou a biografia).

31.1 - folha com o poema Manilha dactilografado e entre a lapiz de F.P.

31.2 - folha com o poema Conto Real dactilografado e entre a lapiz de F.P. (plano de parte de Neuzegem e outros)

31.3 - duas folhas com o poema Analyse, Híavel, Sereia vog e Plenitude dactilografados; a segunda folha é timbrada de A. Xavier Pinto & Co. reintroduzido em que sublevar F.P.

31.4 - folha com note de poemas portugueses, dactilografada; contém o nome do poeta, sua data e número de versos de cada uma.

31.5 - folha com poemas do Cancioneiro, dactilografada; contém o nome de 50 poemas. entre

31.6 - três folhas com poemas sob o título geral o Abdicaral, dactilografada e datada de 1899-1917. Entre os nomes de poemas a F.P. <sup>do</sup> facto de estarem cripitas não que letra de J. Caspar Simões, cria metas de de uma biográfica feita por este. título

31.7 - duas folhas com poemas de F.P., dactilografadas, e com o texto de Alem-deas. São poemas de Alphem 3, certamente manuscritos por J. Caspar Simões.

31.8 - duas folhas dactilografadas; a primeira ~~é~~ <sup>contém</sup> uma declaração do avô do Sr. A. Carmeiro data de 21/set/1918, a favor de Carlos Ferreira; a segunda, timbrada A.F.A. Parra, é cópia de uma carta ~~de~~ <sup>de parte</sup> dirigida ao parente do grand chefe A. Ária e refer-se à alébr mala de Rário (datada de 25/set/1918).

Fig. 1. "31º Lote" (coleção Fernando Távora).

12

31.º lote – Conjunto de documentos vendidos por João Gaspar Simões ao livreiro-alfarrabista Manuel Ferreira, do Porto e por este vendidos a mim pelo preço *completamente* louco de esc. 40.000\$00. Mais uma vez não consegui resistir e não tive coragem de discutir o preço que, aliás, me foi dito <que era> [↑ ser] muito alto porquanto o Dr. Gaspar Simões “sabe bem o valor daquilo que tem,.. Comprado este lote em 12 de Julho de 1974. Apesar do 25 de Abril continuo com este vicio inveterado e insaciável! (Os documentos que pertenceram a F[ernando] P[essoa] foram certamente retirados por J. Gaspar Simões da casa do poeta quando teve acesso à sua obra [↑ inédita] para a publicação das poesias ou da biografia).

- 31.1 – folha com o poema *Marinha* dactilografado e notas a lápis de F[ernando] P[essoa].
- 31.2 – folha com o poema *Côrte-Real* dactilografado e notas a lápis de F[ernando] P[essoa] (plano de parte da Mensagem<> e outros)
- 31.3 – duas folhas com os poemas *Analyse*, *Hiemal*, *Serena voz* e *Plenilúnio* dactilografados; a segunda folha é timbrada de A. Xavier Pinto & C.<sup>a</sup>, escritório em que trabalhou F[ernando] P[essoa].
- 31.4 – folha com *Nota de poesias portuguesas*, dactilografada; contem os nomes das poesias, suas datas e número de versos de cada uma.
- 31.5 – folha com poesias do *Cancioneiro*, dactilografada; contem os nomes de 50 poesias.
- 31.6 – três folhas com [↑ sete] poesias sob o título geral de *Abdicação*, dactilografadas e datadas de 18-9-1917. Embora se trate de poesias de F[ernando] P[essoa], [↑ pelo] facto de estarem originais à mão pela letra de J. Gaspar Simões, creio tratar-se de uma transcrição feita por este.
- 31.7 – duas folhas com quatro poesias de F[ernando] P[essoa], dactilografadas, e com o <nome> [↑ título] de *Além-Deus*. São poesias do *Orpheu* 3, certamente transcritas por J. Gaspar Simões.
- 31.8 – duas folhas dactilografadas; a primeira<, original, contem> [↑ contem] uma declaração do avô de M[á]rio de Sá Carneiro, datada de 21/Set/1918, a favor de Carlos Ferreira; a segunda, timbrada de F.A. Pessoa, é cópia de uma carta <de F.P.> [↓ do poeta] dirigida ao gerente do Grand Hotel de Nice e refere-se à celebre mala do Mário (datada de 26/Set./1918).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Fecham-se os parênteses e acrescenta-se ponto final. Sobre este lote, 31.8, veja-se o contributo correspondente de Ricardo VASCONCELOS (2017), neste número de *Pessoa Plural*.

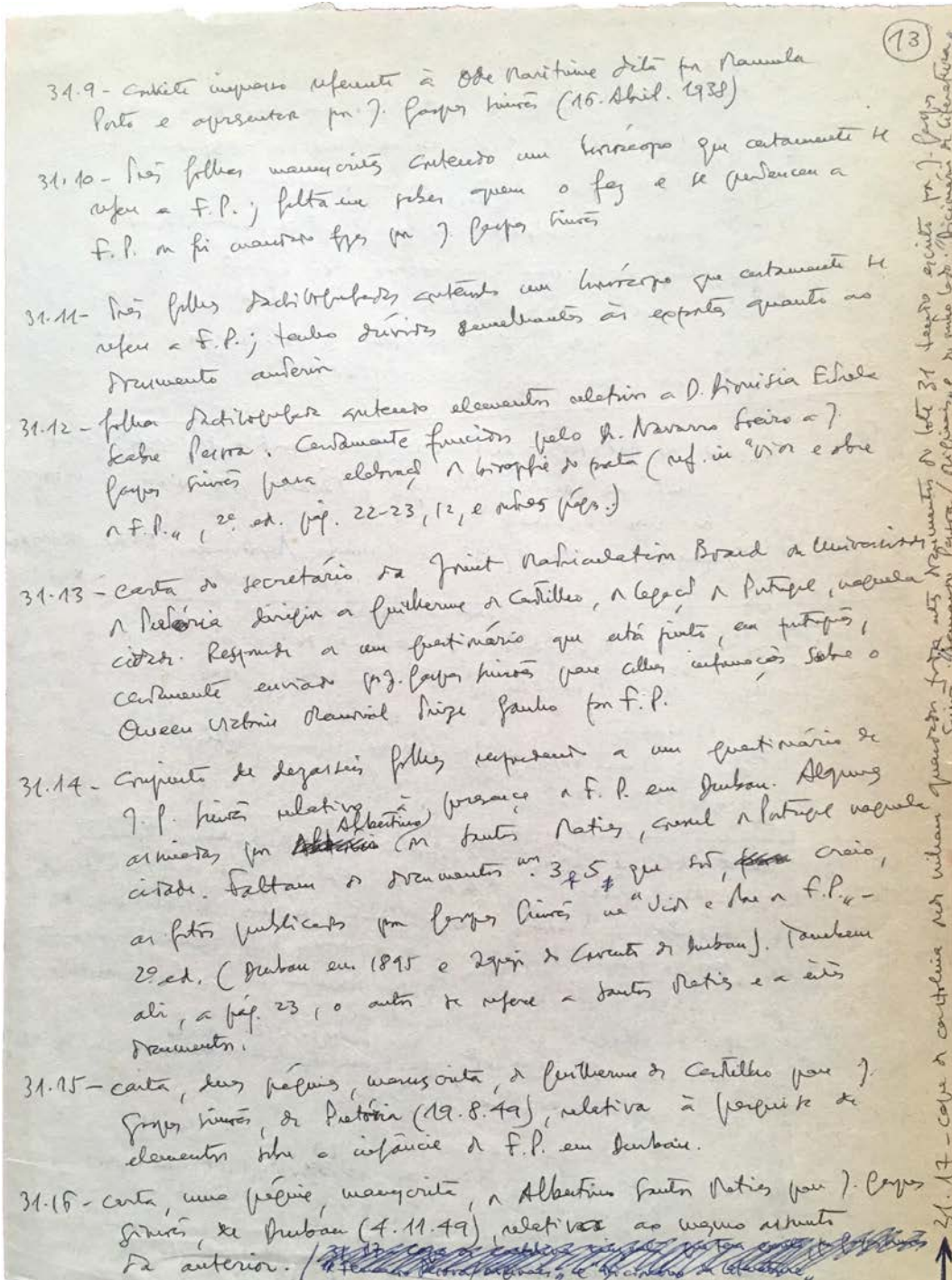


Fig. 2. "31º Lote" (coleção Fernando Távora).

- 31.9 – convite impresso referente à Ode Marítima dita por Manuela Porto e apresentada por J. Gaspar Simões (16.Abril.1938).
- 31.10 – três folhas manuscritas contendo um horóscopo que certamente se refere a F[ernando] P[essoa]; falta-me saber quem o fez e se pertenceu a F[ernando] P[essoa] ou foi mandado fazer por J. Gaspar Simões.
- 31.11 – três folhas dactilografadas contendo um horóscopo que certamente se refere a F[ernando] P[essoa]; tenho dúvidas semelhantes às expostas quanto ao documento anterior.
- 31.12 – folha dactilografada contendo elementos relativos a D. Dionisia Estrela Seabra Pessoa. Certamente fornecidos pelo Dr. Navarro Soeiro a J. Gaspar Simões para elaboração da biografia do poeta (ref. in “Vida e obra de F[ernando] P[essoa]”, 2.<sup>a</sup> ed. pág. 22-23, 12, e outras págs.)
- 31.13 – carta do secretário da Joint Matriculation Board da Universidade de Pretória dirigida a Guilherme de Castilho, delegação de Portugal, naquela cidade. Responde a um questionário que está junto, em português, certamente enviado por J. Gaspar Simões para colher informações sobre o Queen Victoria Memorial Prize ganho por F[ernando] P[essoa].<sup>2</sup>
- 31.14 – conjunto de dezasseis folhas respondendo a um questionário de J. G. Simões relativo à presença de F[ernando] P[essoa] em Durban. Algumas assinadas por <Alberio> [↑ Albertino] dos Santos Matias, côsul<sup>3</sup> de Portugal naquela cidade. Faltam os documentos [↑ um], 3<,>/e\ 5<,> que são, <fotos> creio, as fotos publicadas por Gaspar Simões na “Vida e obra de F[ernando] P[essoa]”, – 2.<sup>a</sup> ed. (Durban em 1895 e Igreja do Convento de Durban). Também ali, a pág. 23, o autor se refere a Santos Matias e a esses documentos.
- 31.15 – carta, duas páginas, manuscrita, de Guilherme de Castilho para J. Gaspar Simões, de Pretória (19.8.49), relativa à pesquisa de elementos sobre a infância de F. P. em Durban.
- 31.16 – carta, uma página, manuscrita, de Albertino dos Santos Matias para J. Gaspar Simões, de Durban (4.11.49), relativ<as>/a\ ao mesmo assunto da anterior.
- <31.17 – capa de cartolina cinzenta que tem escrito, por Gaspar Simões, “Fernando Pessoa / originais,, e “Dicionário de literatura,,.>
- 31.17 – capa de cartolina onde vinham guardados todos estes documentos do lote 31 tendo escrito por J. Gaspar Simões: “Fernando Pessoa / originais,, e do outro lado: “Dicionário de literatura,,.

<sup>2</sup> Sobre os lotes 31.13, 31.14, 31.15 e 31.16, veja-se o contributo de Carlos Pittella, “Mr. Ormond: the testimonial from a classmate of Fernando Pessoa”, neste número de *Pessoa Plural*.

<sup>3</sup> Acrescenta-se o acento circunflexo.

## I. “Marinha” [Lote 31.1]

Para além da descrição de cada lote, o arquitecto Fernando Távora costumava deixar pequenas folhas junto dos documentos da sua colecção, com informações mais extensas e complementares. No caso de “Marinha”, as seguintes:

Creio ser int[eressante] o poema  
Marinha estar aqui datado;  
 na transcrição de Galhoz –  
 “Obra poética”, – 4.ª edição –  
 pág. 147, não vem  
 datado. (Poesia n.º [106]  
 diz-se na nota a pág. 689  
 que foi publicado a 1.ª vez na  
 Presença, n.º 5, Junho de  
 1927). Reparar que a data  
 é de Abril – 21/4/1927

Este original figurou na Exposição  
 Realizada durante o 1.º Congresso de

Creio ser int[eressante] o poema  
Marinha estar aqui datado;  
 na transcrição de Galhoz –  
 “Obra poética”, – 4.ª edição –  
 pág. 147, não vem  
 datado. (Poesia n.º [106]  
 diz-se na nota a pág. 689  
 que foi publicado a 1.ª vez na  
 Presença, n.º 5, Junho de  
 1927). Reparar que a data  
 é de Abril – 21/4/1927

Este original figurou na Exposição  
 Realizada durante o 1.º Congresso de

Estudos Pessoaanos (n.º 63 do  
 Catálogo)

Estudos Pessoaanos (n.º 63 do  
 Catálogo)

Figs. 3 e 4. Notas sobre “Marinha”  
 (colecção Fernando Távora)

Távora quase sempre cita a 4.ª edição da *Obra Poética* (PESSOA, 1972), da Aguilar, e, com frequência, indica que o documento comentado por ele esteve na Exposição Iconográfica e Bibliográfica associada ao 1.º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos – sobre ser o primeiro ou segundo, ver MONTEIRO (2013) –, de cuja montagem foi responsável, e que decorreu na cidade do Porto em Abril de 1978.

De facto, no catálogo dessa exposição, o poema corresponde ao documento 63 (CENTRO DE ESTUDOS PESSOANOS, 1978: 5).

“Marinha” é o poema com o qual Pessoa iniciou em 1927 a sua colaboração com a revista *Presença*. Enrico Martines, que editou e estudou a correspondência de Pessoa com os diretores da revista coimbrã, escreveu a este respeito:

[José Régio] assinou os artigos que, nos primeiros números da revista, definiram logo o seu programa teórico; num destes, “Da Geração Modernista”, que apareceu no n.º 3, Fernando Pessoa – já citado no artigo do n.º 1, intitulado “Literatura Viva” – é elevado pela primeira vez à condição de mestre contemporâneo, tal como Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros. Este artigo deve ter tido algum efeito no estabelecimento de relações de estima e de colaboração entre o poeta e a revista: de facto, Pessoa já aparece nas páginas do n.º 5 da *presença* com o poema ortónimo *Marinha* e com o conjunto de aforismos de Álvaro de Campos intitulado *Ambiente*. (in PESSOA, 1998: 14)

Apresenta-se a seguir um confronto dos dois testemunhos hoje conhecidos (Figs. 5 e 7) desse poema escrito e publicado em 1927:

MARINHA.	MARINHA.
Ditosos a quem acena Um lenço de despedida! São felizes: teem pena. Eu soffro sem pena a vida.	Ditosos a quem acena Um lenço de despedida! São felizes: teem <b>pena...</b> Eu <b>sofro</b> sem pena a vida.
Dôo-me até onde penso,   E a dôr é já de pensar, Orphão de um sonho suspenso Pela maré a vasar.	Dôo-me até onde penso, E a dôr é já de pensar, <b>Orfão</b> de um sonho suspenso Pela maré a <b>vasar...</b>
E sobe até mim, já farto De improficuas <sup>4</sup> agonias, No caes de onde nunca parto <sup>5</sup> , A maresia dos dias.	E sobe até mim, já farto De <b>improfíquas</b> agonias, No <b>cais</b> de onde nunca parto, A maresia dos dias.
21/4/1927.	Fernando Pessoa

Note-se que o testemunho dactilografado tem dois versos (vv. 5-6), com um traço vertical cortado, indicando hesitação; uma variante manuscrita (v. 11) e uma dactilografada (v. 12), que Pessoa não terá introduzido na versão que enviou para a revista *Presença* – versão que não se conserva no espólio de José Régio no Arquivo de Vila do Conde (cf. PIZARRO, 2017: 67-70) –; e ainda uns versos soltos (Fig. 5):

<sup>4</sup> improficuas [↑ variadas] *variantes alternativas*.

<sup>5</sup> nunca parto [↑ não me aparto] *variantes alternativas*.



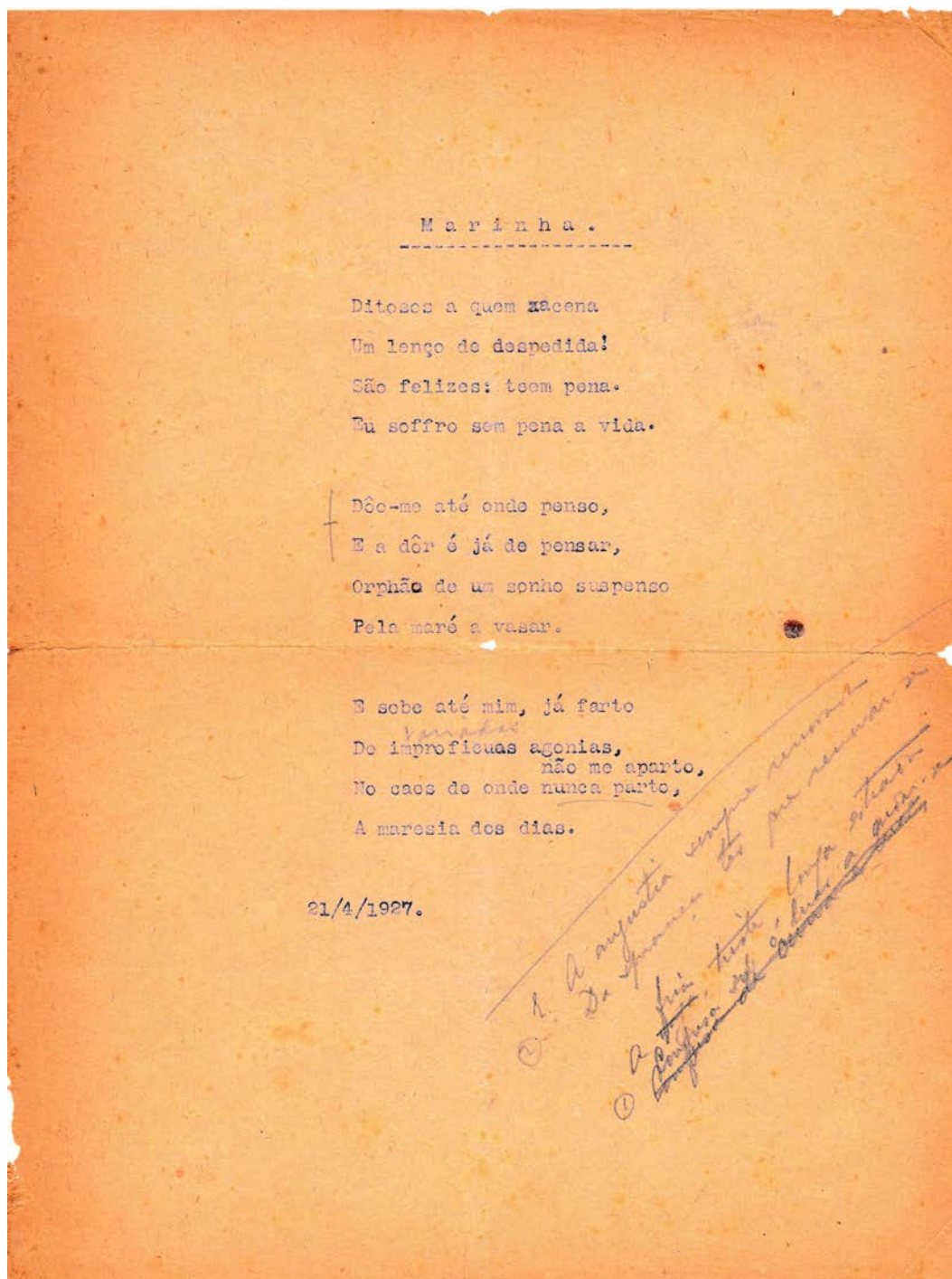
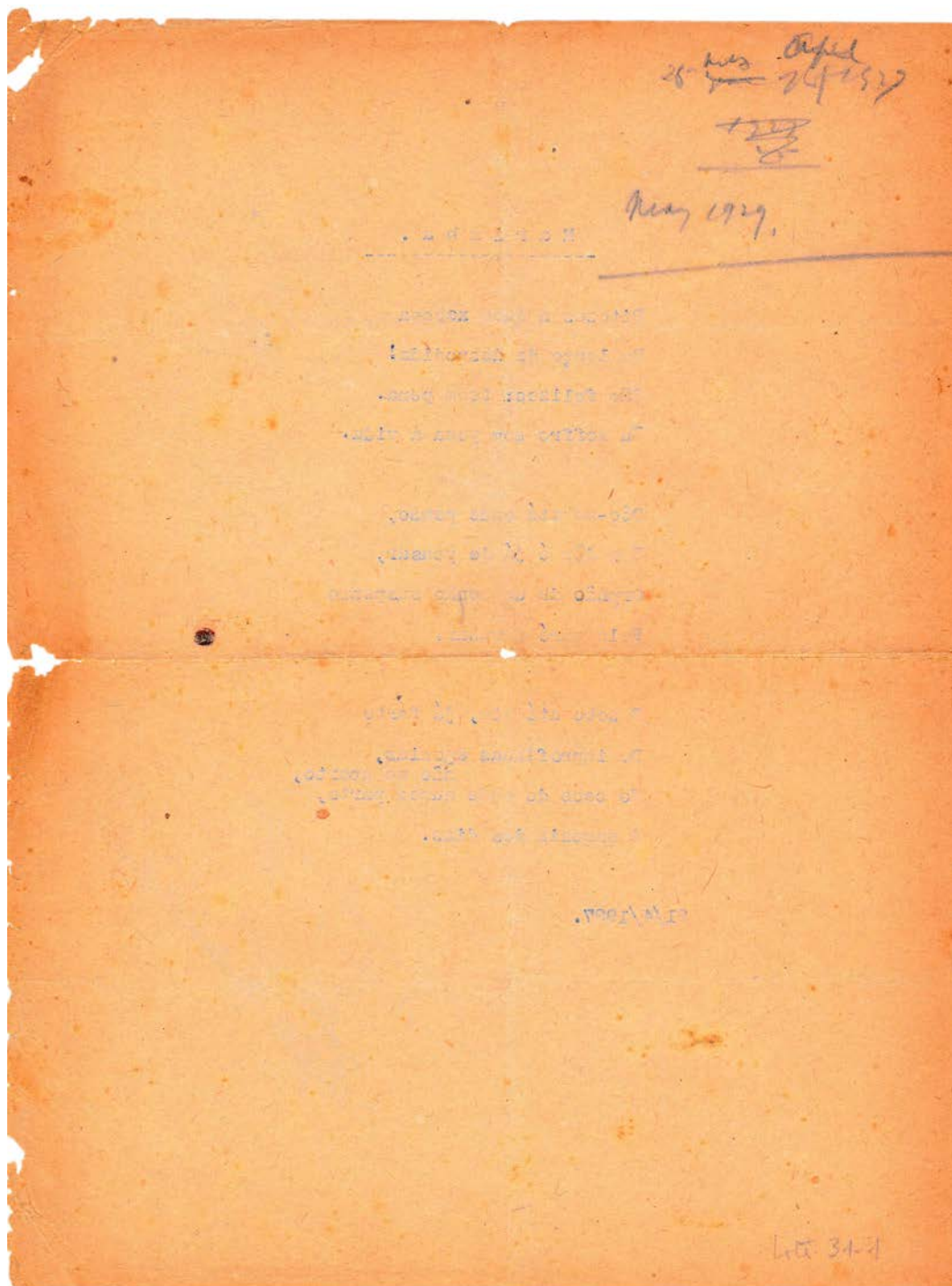


Fig. 5. "Marinha" (coleção Fernando Távora).



**Fig. 6. "Marinha" (coleção Fernando Távora).  
No canto superior direito há um apontamento de Fernando Pessoa;  
no canto inferior direito lê-se: "lote 31-1".**

P R E S E N Ç A

# ÁPICE

O raio de sol da tarde  
Que uma janela perdida  
Reflectiu  
Num instante indiferente —  
Arde,  
Numa lembrança esvaída;  
À minha memória de hoje  
Subitamente...

Seu efémero arrepio  
Zigzagueia, ondula, foge,  
Pela minha retentiva...  
— E não poder adivinhar  
Porque misterio se me evoca  
Esta ideia fugitiva,  
Tão debil que mal me toca!...

— Ah, não sei porquê, mas certamente  
Aquêlê raio cadente  
Alguma coisa foi na minha sorte  
Que a sua projecção atravessou...

Tanto segrêdo no destino duma vida...

É como a ideia de Norte,  
Preconcebida,  
Que sempre me acompanhou...

P A R I S  
AGOSTO 1913

INÉDITO DE

Mário de Sá-Carneiro

# AMBIENTE

NENHUMA época transmite a outra a sua sensibilidade; transmite-lhe apenas a inteligência que teve dessa sensibilidade. Pela emoção somos nós; pela inteligência somos alheios. A inteligência dispersa-nos; por isso é através do que nos dispersa que nos sobrevivemos. Cada época entrega às seguintes apenas aquilo que não foi.

UM deus, no sentido pagão, isto é, verdadeiro, não é mais que a inteligência que um ente tem de si próprio, pois essa inteligência, que tem de si próprio, é a forma impessoal, e por isso ideal, do que é. Formando de nós um conceito intelectual, formamos um deus de nós próprios. Raros, porém, formam de si próprios um conceito intelectual, porque a inteligência é essencialmente objectiva. Mesmo entre os grandes génios são raros os que existiram para si próprios com plena objectividade.

VIVER é pertencer a outrem. Morrer é pertencer a outrem. Viver e morrer são a mesma coisa. Mas

viver é pertencer a outrem *de fora*, e morrer é pertencer a outrem *de dentro*. As duas coisas assemelham-se, mas a vida é o lado de fora da morte. Por isso a vida é a vida e a morte a morte, pois o lado de fora é sempre mais verdadeiro que o lado de dentro, tanto que é o lado de fora que se vê.

TODA a emoção verdadeira é mentira na inteligência, pois se não dá nela. Toda a emoção verdadeira tem portanto uma expressão falsa. Expressar-se é dizer o que não se sente.

OS cavalos da cavalaria é que formam a cavalaria. Sem as montadas, os cavaleiros seriam peões. O lugar é que faz a localidade. Estar é ser.

FINGIR é conhecer-se.

Flvaro de Campos

# M A R I N H A

Ditosos a quem acena  
Um lenço de despedida!  
São felizes: tem pena...  
Eu soffro sem pena a vida.

Dão-me até onde penso,  
E a dôr é já de pensar,  
Orfão de um sonho suspenso  
Pela maré a vasar...

E sobe até mim, já farto  
De improfiqas agonias,  
No cais de onde nunca parto,  
A maresia dos dias.

Fernando Pessoa

3

Fig. 7. "Marinha" (Presença).

- ① A <longa> [↑ fria], triste, longa estrada  
<Confusa de curva a \*curv> [↑ Confusa sob o luar a ondar-se]
- ② A Angustia sempre renovada  
Da sprança ter que renovar-se

Além disso, um testemunho está datado – de facto, desconhecia-se a data até agora – e outro está assinado. E o segundo, aquele de 1927 (Fig. 7), possui uma ortografia mais modernizada e uma distribuição gráfica singular.

## II. “Côrte-Real” [Lote 31.2]

No seu *Dicionário da Mensagem* (2000), Artur Veríssimo não refere João Vaz Corte Real (1420-1496), nem os seus filhos, que Pessoa evoca no poema inicialmente intitulado “Côrte-Real” (arquivo Távora) e depois “Noite” (BNP/E3, 146). Mas já António Cirurgião tinha observado que, no poema mais longo de *Mensagem*, “sem lhes dizer o nome, em virtude da transparência referencial do texto, o poeta conta a história de três irmãos: Gaspar, Miguel e Vasco Corte-Real, filhos de João Vaz Corte-Real, o navegador português que terá descoberto a Terra Nova por volta de 1472”; e que o terceiro dos irmãos, Vasco, poderia tomar-se “como símbolo de Portugal, mergulhado naquela ‘austera, apagada e vil tristeza’ de que fala Camões em *Os Lusíadas* (X, 145)” (CIRURGIÃO, 1990: 248). Pouco depois, também se encontra uma outra observação muito esclarecedora: “o poder demiúrgico do poeta reflecte-se onde menos se espera: na transformação do sintagma popular ‘olhos rasos de água’ em ‘olhos rasos de ancia’, o que nos transporta ao terceiro poema dos ‘Avisos’, em que a ‘beira-mar’ se converte em ‘beira-magua’” (CIRURGIÃO, 1990: 249). O poema é longo, e parece ainda maior na versão impressa, porque foi distribuído em três páginas – (daí os traços divisórios azuis na Fig. 10) – para tentar atingir com os poemas de *Mensagem* um livro de pelo menos 100 páginas. Como explica José Blanco, “Na categoria ‘livro de versos’, o regulamento [dos Prémios Literários do Secretariado da Propaganda Nacional] impunha que as obras tivessem mais de cem páginas”; no caso de *Mensagem*, o compositor “literalmente (e habilmente)” esticou o miolo do livro, deixando 27 páginas em branco e 22 com “títulos isolados (12 páginas), legendas latinas, também isoladas (4 páginas), índice (4 páginas), frontispício e colofon (1 página cada)” (BLANCO, 2007: 154; cf. <http://purl.pt/13966>).

O testemunho de “Côrte-Real” conservado no arquivo do arquitecto Fernando Távora revela a génese de um poema de *Mensagem* do qual não se sabia quase nada em termos genéticos – de facto, esse testemunho não é referido na edição crítica coordenada por José Augusto Seabra (cf. PESSOA, 1993) – e ainda fornece uma datação crítica para um poema não datado (circa 26-2-1934), atendendo a que no verso da folha figura um poema datado.

## CÔRTE-REAL

A nau de um d'elles tinha-se perdido  
 No mar indefinido.  
 O segundo pediu licença ao Rei  
 De, na fé e na lei  
 Da descoberta, ir em procura  
 Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
 Volveu do fim profundo  
 Do mar ignoto à patria, por quem dera  
 O mysterio que hoje era.  
 Então o terceiro a El-Rei rogou  
 Licença de os buscar, e El-Rei negou.

— — —

Como a um captivo, ouvem-o passar  
 Os servos do solar,  
 E, quando o vêem, vêem a figura  
 Da febre e da amargura,  
 Com fixos olhos razos de ansia  
 Fitando a prohibida azul distancia.

— — —

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome, -  
 O Poder e o Renome -  
 Ambos se fôram pelo mar da idade  
 À tua eternidade;  
 E com elles de nós se foi  
 O que faz a alma poder ser de heroe.

Em busca d'elles queremos ir, da vil  
 Nossa prisão servil,  
 Em busca de quem fomos, na distancia  
 De nós, e em febre de ansia  
 A Deus as mãos alçamos...  
 Mas Deus não dá licença que partamos.

FERNANDO PESSOA

Primeiro  
NOITE

A nau de um d'elles **tinha se** perdido  
 No mar indefinido.  
 O segundo pediu licença ao Rei  
**Para, segundo a lei**  
 Da **Descoberta**, ir em procura  
 Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
 Volveu do fim profundo  
 Do mar ignoto à patria, por<sup>6</sup> quem dera  
**O enigma que fizera.**  
 Então o terceiro a El-Rei rogou  
 Licença de os buscar, e El-Rei negou.

x

Como a um captivo, **o ouvem a** passar  
 Os servos do solar,<sup>7</sup>  
 E, quando o vêem, vêem a figura  
 Da febre e da amargura,  
 Com fixos olhos **rasos de ancia**  
 Fitando a prohibida azul distancia.

x

Senhor, os dois irmãos do nosso **Nome** -  
 O Poder e o Renome -  
 Ambos se **foram** pelo mar da **Edade**<sup>8</sup>  
 À tua eternidade;  
 E com elles de nós se foi  
 O que faz a alma poder ser de heroe.<sup>9</sup>

**Queremos ir buscal-os, d'esta vil**  
 Nossa prisão **servil:**  
**É a busca de quem somos**, na distancia  
 De **nós; e**, em febre de **ancia**,  
 A Deus as mãos **alçamos.**

Mas Deus não dá licença que partamos.

<sup>6</sup> **Távora** patria, por **BNP** patria, por **1934** patria por

<sup>7</sup> **Távora** solar, **BNP** solar, **1934** solar. ] *mais testemunhos sugerem a vírgula final.*

<sup>8</sup> **Távora** Edade **BNP** idade **1934** idade

<sup>9</sup> **Távora** heroe. **BNP** heroe. **1934** heroe, ] *mais testemunhos sugerem o ponto final.*

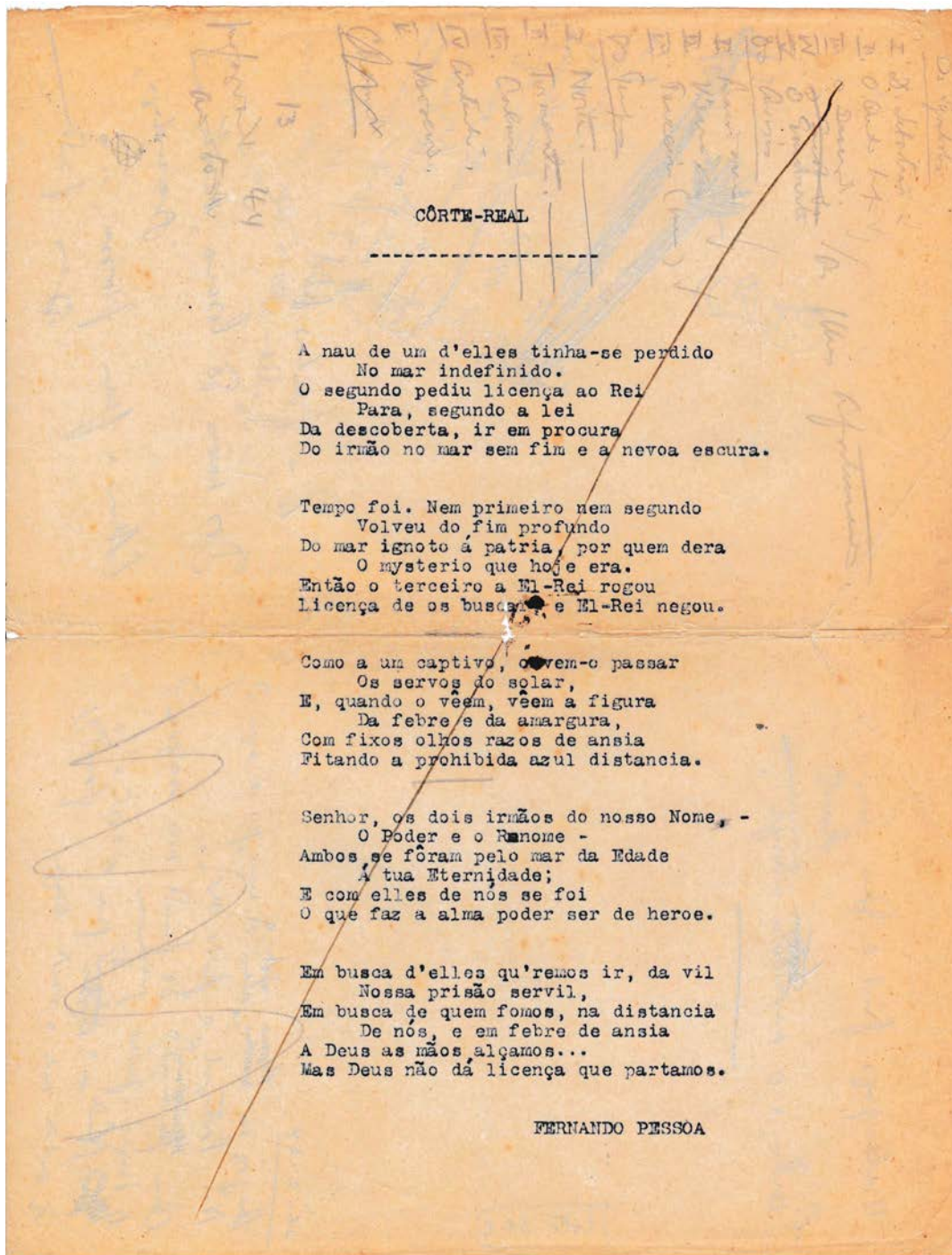


Fig. 8. "Corte Real" (coleção Fernando Távora).

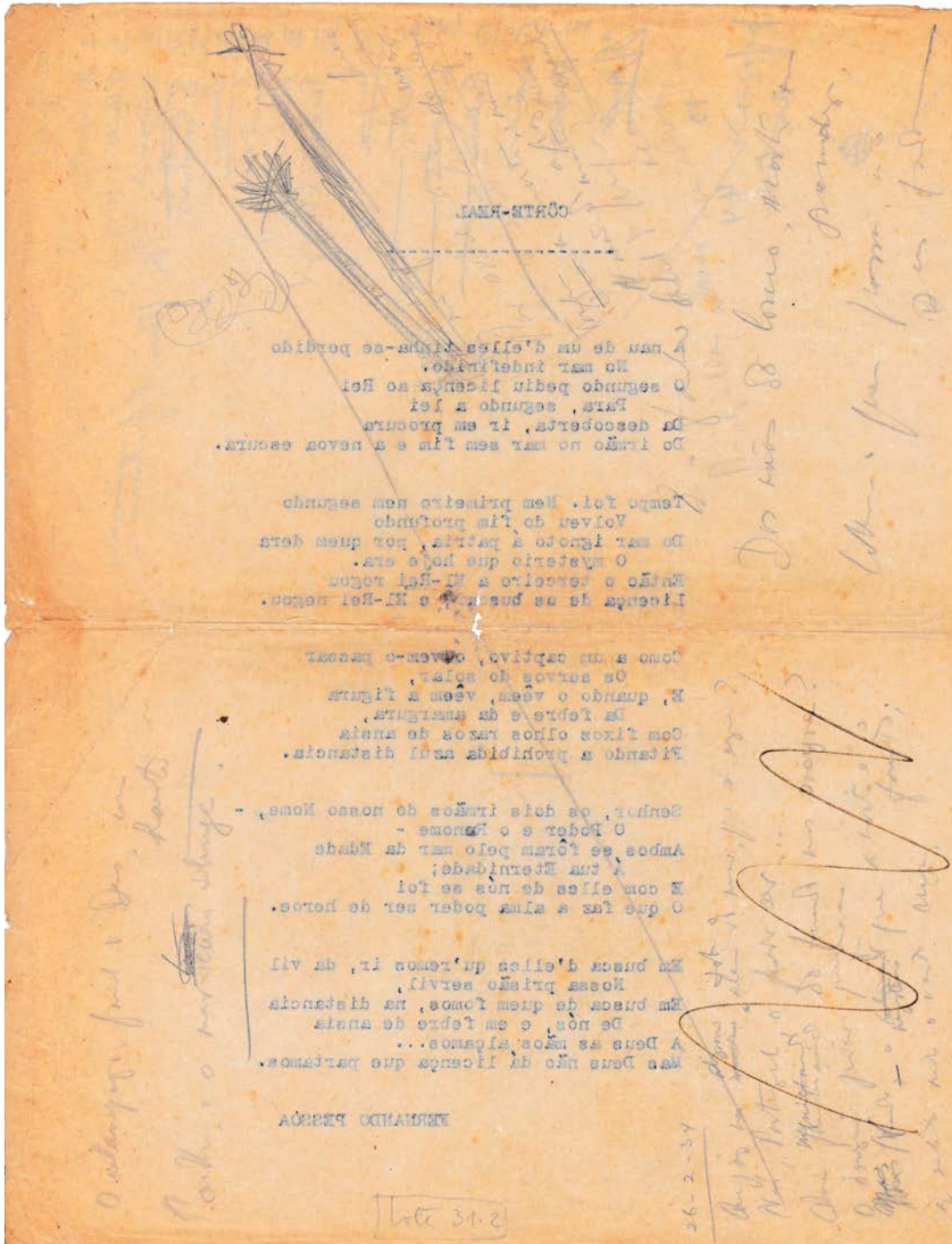


Fig. 9. "Tormenta" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-2".

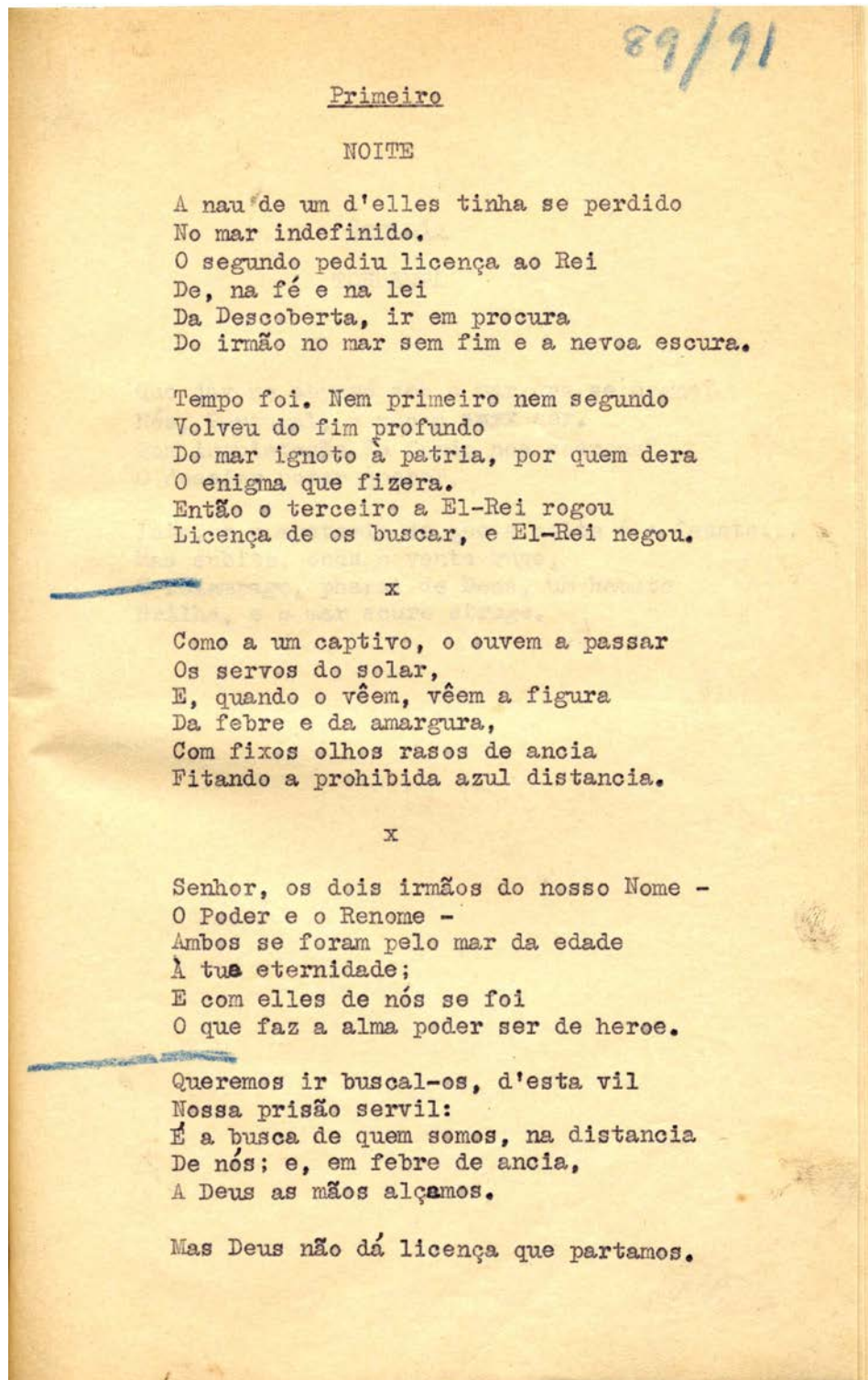


Fig. 10. "Noite" (BNP/E3, 146-62').



Note-se que, para além do poema que começa “A nau de um d’elles tinha-se perdido”, encontra-se manuscrito o índice quase definitivo da terceira parte de *Mensagem*, isto é, daquela parte em que se insere a dita composição poética:

*Os Symbolos*

- I. D. Sebastião ✓
- II. O Quinto Imperio ✓
- III. O Desejado ✓
- IV. <O Encoberto> ✓ As Ilhas Afortunadas.
- V. O Encoberto

*Os Avisos*

- I. Bandarra ✓
- II. Vieira. ✓
- III. Terceiro (meu) ✓

*Os Tempos*

- I. Noite. \_\_\_\_\_
- II. Tormenta. \_\_\_\_\_
- III. Calma \_\_\_\_\_
- IV. Antemanhã.
- V. Nevoeiro.

<Chamada>

Pessoa – que confessa um aviso ser “meu” – parece ter contemplado uma quarta secção, “Chamada” (no sentido de toque militar, sinónimo de “Clarim”), mas não avançou com a ideia (cf. 144Q-42<sup>v</sup>, in PESSOA, 2007: 86; e ainda PESSOA, 2000: 268).

Ora, no verso da folha, manuscrito a lápis e riscado pela mesma caneta que riscou o poema anterior, encontra-se um testemunho de “Tormenta”, datado de “26-2-34”, isto é, com a mesma data que Pessoa lhe apôs à mão num exemplar pessoal de *Mensagem* que se conserva na Casa Fernando Pessoa (cota 8-435) e que se pode consultar em linha: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-435>.

No inventário do “lote 31.2” – esta indicação pode ler-se na margem inferior da Fig. 9 –, “Tormenta” não é referido, mas o arquitecto Távora refere-se a “outros” textos nesse inventário (cf. Fig. 1). Aliás, o *incipit* era de difícil leitura:

26-2-34

Que jaz no <escuro> [↑ abysmo], além do [↑ sob o] mar, que se ergue?  
 Nós, Portugal, o poder ser...  
 Que fluctuação [↑ inquietação] do fundo nos soergue?  
 O desejar poder querer...

<Mais> [↑ <Mais>] <n>/N\ada, o <abysmo> [↓ mysterio] [↑ de] que a noite é o fausto;  
 E súbito, onde o vento ruge,  
 O relampago, farol de Deus, um hausto  
 Brilha, e o mar scuro [↑ <turvo>] struge.

O poema encontra-se na metade inferior da página, sendo que há outros versos, ainda não identificados, na metade superior.

O testemunho que se encontra no original de imprensa dactilografado pelo autor e com emendas manuscritas da mão dele (além de anotações tipográficas de outra mão), permite ler o poema mais limpo. Veja-se a página 92 desse original de imprensa (BNP/E3, 146; cf. <http://purl.pt/13965>):

## TORMENTA

Que jaz no abysmo sob o mar que se ergue?  
Nós, Portugal, o poder <ser?> ser.  
Que inquietação do fundo nos soergue?  
O desejar poder querer...

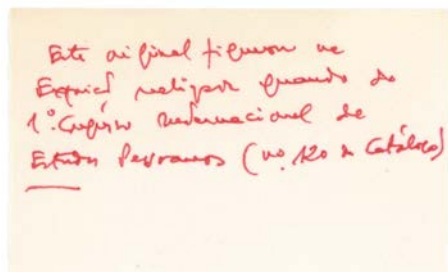
Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...  
Mas súbito, onde o vento ruge,  
O relampago, pharol de Deus, um hausto  
Brilha, e o mar scuro struge.

É interessante conferir que, para fundamentar a sua leitura de “Tormenta”, António Cirurgião concentra-se na conotação da palavra “abysmo”, uma que no manuscrito muda da segunda para a primeira estrofe.

Ao dizer que se trata, não de um “abysmo” no mar, mas de um “abysmo sob o mar”, o poeta está a fazer de “abysmo” uma metáfora para o Hades ou Tártaro da mitologia greco-romana e para o Limbo do cristianismo, ou seja, para aquele inferno onde Orfeu foi buscar Eurídice, ou para aquele inferno onde Cristo (de que Orfeu é figura, segundo a Patrística) foi buscar as almas dos justos que aí se encontravam à espera do seu Libertador. (CIRURGIÃO, 1990: 253)

Conhecendo a primeira versão de “Tormenta”, o texto ganha profundidade quer textual, quer interpretativa.

O que não é certo é que em 1978 o público da Exposição Iconográfica e Bibliográfica tenha conseguido ver ambos os poemas, “Côrte-Real” e “Tormenta”, isto é, os dois lados da folha. Lê-se numa nota:

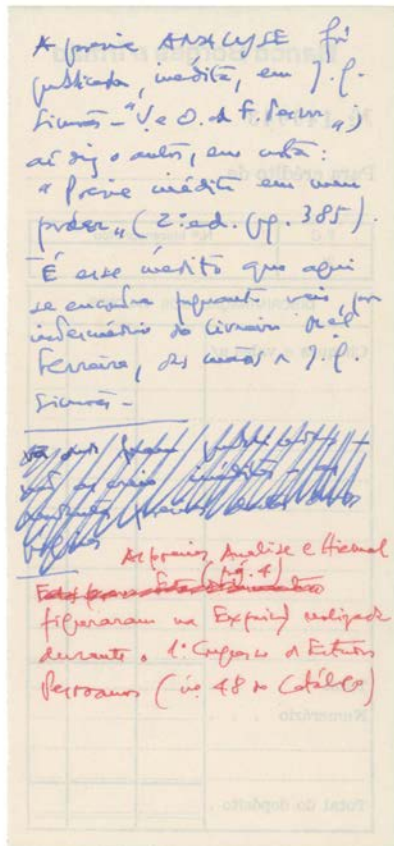


Este original figurou na  
Exposição realizada quando do  
1.º Congresso Internacional de  
Estudos Pessoaanos (n.º 120 do Catálogo)

Fig. 11. Nota sobre “Côrte-Real”  
(coleção Fernando Távora; pormenor)

### III. “Analyse”, “Hiemal”, “Serena voz imperfeita” e “Plenilúnio” [Lote 31.3]

Sobre os quatro poemas seguintes as notas pessoais do arquitecto Fernando Távora são muito eloqüentes (Figs. 12, 14 e 15). As primeiras encontram-se no verso de um impresso do Banco Borges & Irmão (Fig. 13), manuscritas a tinta azul, inicialmente, e a tinta vermelha, depois:



A poesia ANALYSE foi publicada, inédita, em J[oa]o G[aspar] Simões – “V[ida] e O[bra] de F[ernando] Pessoa,,; aí diz o autor, em nota: “Poesia inédita em meu poder,, (2.ª ed., pg. 385).

É esse inédito que aqui se encontra porquanto veio, por intermédio do livreiro M[anu]el Ferreira, das irmãs de J[oa]o G[aspar] Simões.

<vêr onde foram publicadas – não as creio inéditas – as restantes poesias destas duas paginas>

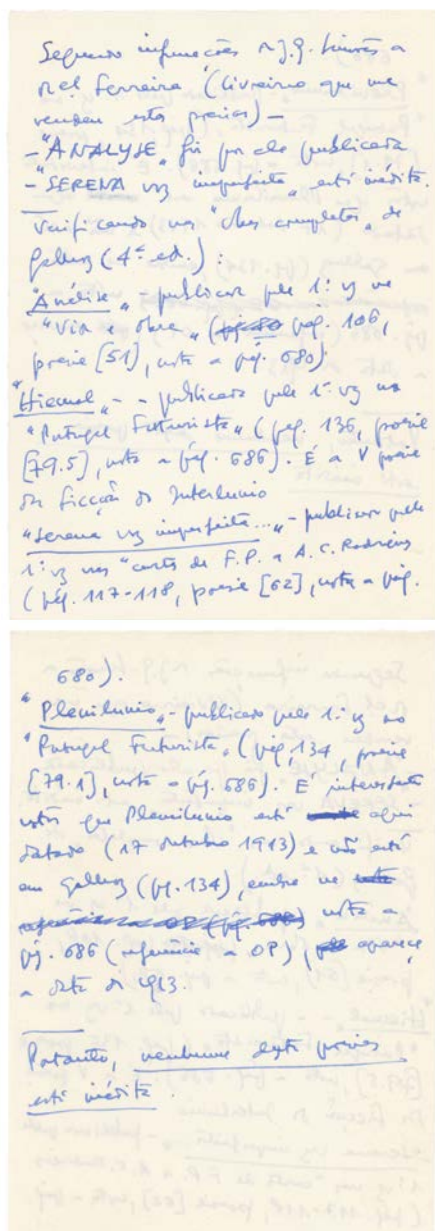
As poesias Análise<sup>10</sup> e Hiemal figuraram na Exposição realizada durante o 1º Congresso de Estudos Pessoaanos (n.º 48 do Catálogo)

Banco Borges e Irmão  
N.º 140045  
Para crédito de \_\_\_\_\_

T.C.	N.º Mensuração
21	
DISCRIMINAÇÃO DOS VALORES	
Cheques e valores a/	
Total . . . . .	
Numerário . . . . .	
Total do depósito . . . . .	

Figs. 12 e 13. Notas sobre “Analyse”, “Hiemal” (coleção Fernando Távora).

<sup>10</sup> Analise ] no original.



Segundo informações de J[oa]o G[aspar] Simões a M[anu]el Ferreira (livreiro que me vendeu estas poesias) –

– “ANALYSE” foi por ele publicada

– “SERENA voz imperfeita” está inédita.

Verificando nas “Obras completas” de Galhoz (4.<sup>a</sup> ed.):

“Análise” – publicada pela 1.<sup>a</sup> vez na “Vida e Obra”, (<pág. 50> pág. 106, poesia [51], nota a pág. 680).

“Hiemal” – publicada pela 1.<sup>a</sup> vez na “Portugal Futurista”, (pág. 136, poesia [79.5], nota a pág. 686). É a V poesia das Ficções do Interlúdio.<sup>11</sup>

“Serena voz imperfeita...” – publicada pela 1.<sup>a</sup> vez nas “Cartas de F. P. a A. C. Rodrigues (pág. 117-118, poesia [62], nota a pág. 680).

“Plenilunio” – publicada pela 1.<sup>a</sup> vez no “Portugal Futurista”, (pág. 134, poesia [79.1], nota a pág. 686). É interessante notar que Plenilunio está <neste> aqui datado (17 Outubro 1913) e não está em Galhoz (pg. 134), embora na <nota referência a OP (pág. 686)> nota a pág. 686 (referência a OP) <\*de> apareça a data de 1913.

Portanto, nenhuma destas poesias está inédita.

Figs. 14 e 15. Notas sobre “Analyse”, “Hiemal” “Serena voz imperfeita” e “Plenilunio” (coleção Távora)

No espólio pessoano ficou uma cópia de “Tão abstracta é a idéa do teu sêr” (Figs. 23 e 24), mas o poema foi editado por Maria Aliete Galhoz, na *Obra Poética* (1960), partindo do testemunho dactilografado que tinha João Gaspar Simões (hoje na Coleção Fernando Távora) com o título “ANALYSE” (Figs. 19 e 20). Ter os dois testemunhos reunidos possibilita proceder ao seu confronto. Neste caso, apresentamos primeiro o documento manuscrito, que é, presumivelmente, anterior, e depois o dactilografado, que ostenta o timbre da firma A. XAVIER PINTO & C.<sup>a</sup> (Fig. 22). O poema foi publicado em *Portugal Futurista* (1917) (Fig. 25).

<sup>11</sup> Interlunio ] no original.

Tão abstracta é a idéa do teu sêr  
 Que me vem de te olhar, que, ao entreter  
 Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,  
 E nada fica ao meu olhar, e dista  
 Teu corpo do meu vêr tão longemente,  
 E a idéa do teu sêr fica tão rente  
 Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me  
 Sabendo que tu és, que, só por ter-me  
 Consciente de ti, nem a mim sinto.  
 E assim, n'este ignorar-me a ver-te, minto  
 Á illusão da sensação, e sonho,  
 Não te vendo, nem vendo, nem sabendo  
 Que te vejo, ou sequér que sou, risonho  
 Do interior crepusculo tristonho  
 Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.<sup>12</sup>

Fernando Pessoa.

Dezembro de 1911.

Tão abstracta é a idéa do teu **ser**  
 Que me vem de te olhar, que, ao entreter  
 Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,  
 E nada fica **em** meu olhar, e dista  
 Teu corpo do meu **ver** tão longemente,  
 E a idéa do teu **ser** fica tão rente  
 Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me  
 Sabendo que tu és, que, só por ter-me  
 Consciente de ti, nem a mim sinto.  
 E assim, n'este ignorar-me <ve> a ver-te, minto  
 Á illusão da sensação, e sonho,  
 Não te vendo, nem vendo, nem sabendo  
 Que te vejo, ou **sequer** que sou, risonho  
 Do interior crepusculo tristonho  
 Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.

Dezembro 1911

Para além de questões ortográficas (sêr/ser, vêr/ver, sequér/sequer), o principal é uma mudança no quarto verso (“ao meu olhar” --> “em meu olhar”) e um acento que falta em muitas edições no verso 11 (“A illusão” --> “Á illusão”). Ter o testemunho dactilografado da colecção Fernando Távora contribui para editar melhor “Analyse”, que tem este título apenas no testemunho B, no qual Pessoa escolheu uma das duas variantes alternativas do último verso.

De “Hiemal” existe, no espólio pessoano, um testemunho manuscrito riscado, sob um grande xis e a indicação “Copied” (Fig. 16).

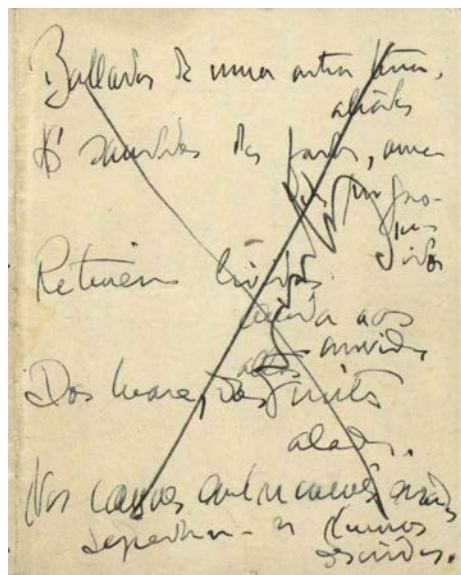


Fig. 16. “Balladas de uma outra terra...”  
 (BNP/E3, 40-15<sup>v</sup>; pormenor).

Balladas de uma outra terra, aliadas  
 Ás saudades das fadas, amadas por gnomos idos  
 Retinem lividas ainda aos ouvidos  
 Dos luars das [↑ altas] noites aladas...  
 Nos canaes embarcações erradas  
 Segredam-se rumos descridos.

<sup>12</sup> me sonho o que me sinto sendo. [↑ sinto que sonho o que me sinto sendo] *variantes alternativas*.

O confronto entre a versão dactilografada da coleção Távora e o testemunho impresso em *Portugal Futurista* (1917) (Fig. 25) não é muito significativo:

## HIEMAL

Balladas de uma outra terra, aliadas  
 Ás saudades das fadas, amadas por gnomos idos,  
 Retinem lividas ainda aos ouvidos  
 Dos luares das altas noites aladas...  
 Pelos canaes barcas erradas  
 Segredam-se rumos descritos...

E tresloucadas ou casadas com o som das balladas,  
 As fadas são bellas, e as estrelas  
 São d'ellas... Eil-as alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
 Nos canaes fataes iguaes de erradas...  
 As barcas parcas das fadas,  
 Das fadas aladas e hiemaes  
 E caladas...

Toadas affastadas, irreaes, de balladas...  
 Ais...

## HIEMAL

Balladas de uma outra terra, alliadas  
 Ás saudades das fadas, amadas por gnomos idos,  
 Retinem lividas ainda aos ouvidos  
 Dos luares das altas noites aladas...  
 Pelos canaes barcas erradas  
 Segredam-se rumos descritos...

E tresloucadas ou casadas com o som das balladas,  
 As fadas são bellas, e as estrellas  
 São d'ellas... Eil-as alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
 Nos canaes fataes iguaes de **erradas**,  
 As barcas parcas das fadas,  
 Das fadas aladas e hiemaes  
 E caladas...

Toadas affastadas, irreaes, de balladas...  
 Ais...

Salvo o verso 11, que termina com reticências primeiro e depois com vírgula, não há diferenças.

De “Serena voz imperfeita, eleita” existe um testemunho dactilografado no espólio pessoano (Fig. 17).

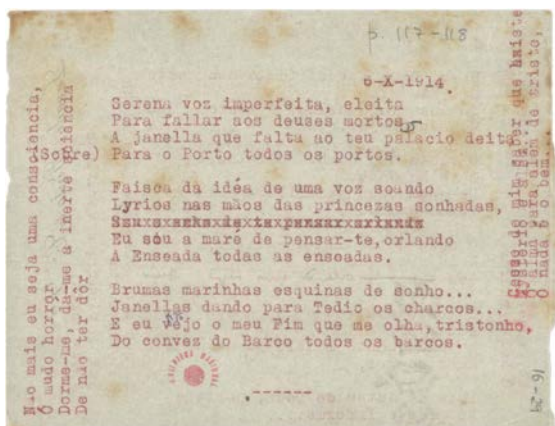


Fig. 17. “Serena voz imperfeita...”  
 (BNP/E3, 16-29<sup>a</sup>).

6-X-1914.

Serena voz imperfeita, eleita  
 Para fallar aos deuses mortos, [→ -]  
 A janella que falta ao teu palacio deita  
 Para o Porto todos os portos.

Faisca da idéa de uma voz soando  
 Lyrios nas mãos das princezas sonhadas,  
 Eu sou a maré de pensar-te, orlando  
 A Enseada todas as enseadas.

Brumas marinhas esquinas de sonho...  
 Janellas dando para Tédio os charcos...  
 E eu vejo [↑ fito] o meu Fim que me olha, tristonho,  
 Do convez do Barco todos os barcos.

Mas há outro, também dactilografado, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada – no espólio de Armando Côrtes-Rodrigues, que recebeu vários poemas com uma carta de Fernando Pessoa de 19 de Janeiro de 1915 (Figs. 26 a 29). Veja-se o confronto da versão que recebeu Côrtes-Rodrigues com aquela que conservou o Arquitecto Fernando Távora:

Serena voz imperfeita, eleita  
Para fallar aos deuses mortos –  
A janella que falta ao teu palacio deita  
Para o Porto todos os portos.

Serena voz imperfeita, eleita  
Para fallar aos deuses **mortos...**  
A janella que falta ao teu palacio deita  
Para o Porto todos os **portos...**

Faisca da idéa de uma voz soando  
Lyrios nas mãos das princezas sonhadas,  
Eu sou a maré de pensar-te, orlando  
A Enseada todas as enseadas.

Faisca da idéa de uma voz soando  
Lyrios nas mãos das princezas **sonhadas...**  
Eu sou a maré de pensar-te, orlando  
A Enseada todas as **enseadas...**

Brumas marinhas esquinas de sonho...  
Janellas dando para Tedio os charcos...  
E eu fito o meu Fim que me olha, tristonho,  
Do convez do Barco todos os barcos...

Brumas marinhas esquinas de sonho...  
Janellas dando para Tedio os charcos...  
E eu fito o meu Fim que me olha, tristonho,  
Do convez do Barco todos os barcos...

6-X-1914.

Se não fosse pelo aumento das reticências (nos versos 2, 4, 6 e 8, talvez por paralelismo com os versos 10 e 12), ambos os testemunhos seriam idênticos. Pessoa não datou o segundo.

Antes de referir o quarto poema, veja-se o fac-símile do verso da folha 16-29, apenas para assinalar que “Serena voz imperfeita, eleita” coexiste no mesmo suporte com o poema “E ah! esse horror tem o meu gesto” (Fig. 18).

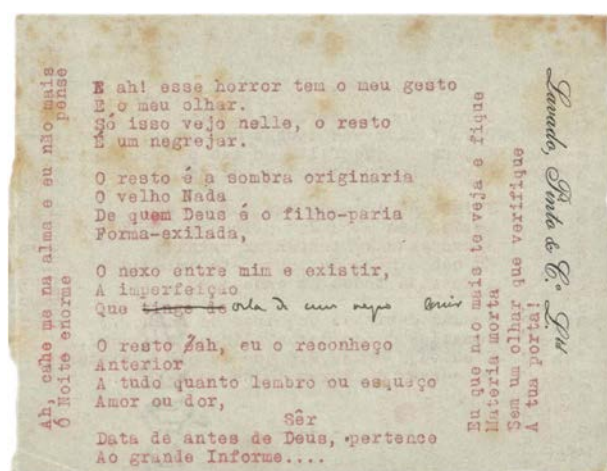


Fig. 18. “E ah! esse horror tem o meu gesto”  
(BNP/E3, 16-29<sup>a</sup>).

Do quarto e último poema, “Plenilunio”, que figura na segunda de duas folhas da colecção Fernando Távora com a indicação superior “Fernando Pessoa – 4” e “Fernando Pessoa – 5” –, existe um testemunho dactilografado no espólio pessoano (Figs. 30 e 31) que se pode confrontar com aquele da colecção Távora (que será anterior):

PLENILUNIO	PLENILUNIO
As horas pela alameda Arrastam vestes de sêda,	As horas pela alameda Arrastam vestes de <b>seda</b> ,
Vestes de sêda sonhada Pela alameda alongada	Vestes de <b>seda</b> sonhada Pela alameda alongada
Sob o azular do luar... E ouve-se no ar a expirar —	Sob o azular do <b>luar</b> . E ouve-se no ar a expirar —
A expirar mas nunca expira — Uma flauta que delira,	A expirar mas nunca expira — Uma flauta que delira,
Que é mais a idéa de ouvil-a Que ouvil-a quasi tranquilla	Que é mais a idéa de ouvil-a Que ouvil-a quasi tranquilla
Pelo ar<a> a ondear e a ir...	Pelo ar a ondear e a ir...
Silencio a tremeluzir...	Silencio a tremeluzir...
17 Outubro 1913	

Note-se que: (1) “A expirar mas nunca expira —” é um inciso, embora em algumas edições falte o travessão do verso 7; (2) “seda”, nos versos 2 e 3, perde o acento circunflexo; e (3) o verso 5 acaba por ficar sem reticências. De resto, as diferenças são mínimas, e no segundo falta a data.

No inventário do lote 31 figuram a seguir, 31.4, uma “folha com *Nota de poesias portuguesas*, dactilografada”, e 31.5, uma “folha com poesias do *Cancioneiro*, dactilografada”, que não serão comentadas a seguir, mas nos Anexos. Embora este contributo esteja dedicado a uma série de poemas, e não a listas de projectos, essas “folhas” contêm títulos e *incipits* poéticos relevantes. Aliás, na ordem do lote 31, essas listas ficaram entre os poemas já discutidos – “Analyse”, “Hiernal”, “Serena voz imperfeita” e “Plenilúnio” – e os seguintes, o que poderá ser significativo. E dão uma imagem de Pessoa enquanto editor e antologista da sua própria obra, sendo que nesses suportes se preocupa pelo número de versos de algumas composições e pelo número total de poemas de um livro de poesias.



Fernando Pessoa - 4

## ANALYSE

Tão abstracta é a idéa do teu ser  
 Que me vem de te olhar, que, ao entreter  
 Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,  
 E nada fica em meu olhar, e dista  
 Teu corpo do meu ver tão longemente,  
 E a idéa do teu ser fica tão ~~rareta~~  
 Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me  
 Sabendo que tu és, que, só por ter-me  
 Consciente de ti, nem a mim sinto.  
 E assim, neste ignorar-me ~~xx~~ a ver-te, minto  
 A illusão da sensação, e sonho,  
 Não te vendo, nem vendo, nem sabendo  
 Que te vejo, ou sequer que sou, risonho  
 Do interior crepusculo tristonho  
 Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.

Dezembro 1911

## HIEMAL

Balladas de uma outra terra, alliadas  
 As saudades das fadas acadas por gnomos idos,  
 Retinem lividas ainda aos ouvidos  
 Dos luares das altas noites aladas...  
 Pelos canaes barcas erradas  
 Segredam-se rumos descritos...

E tresloucadas ou casadas com o som das balladas,  
 As fadas são bellas, e as estrellas  
 São d'ellas... Dil-as alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
 Nos canaes fataes eguaes de erradas...  
 As barcas parcas das fadas,  
 Das fadas aladas e hiemas  
 E caladas...

Tondas affestadas, irreues, de balladas...  
 Ais...

Fig. 19. "Analyse", "Hiemal" (coleção Fernando Távora).

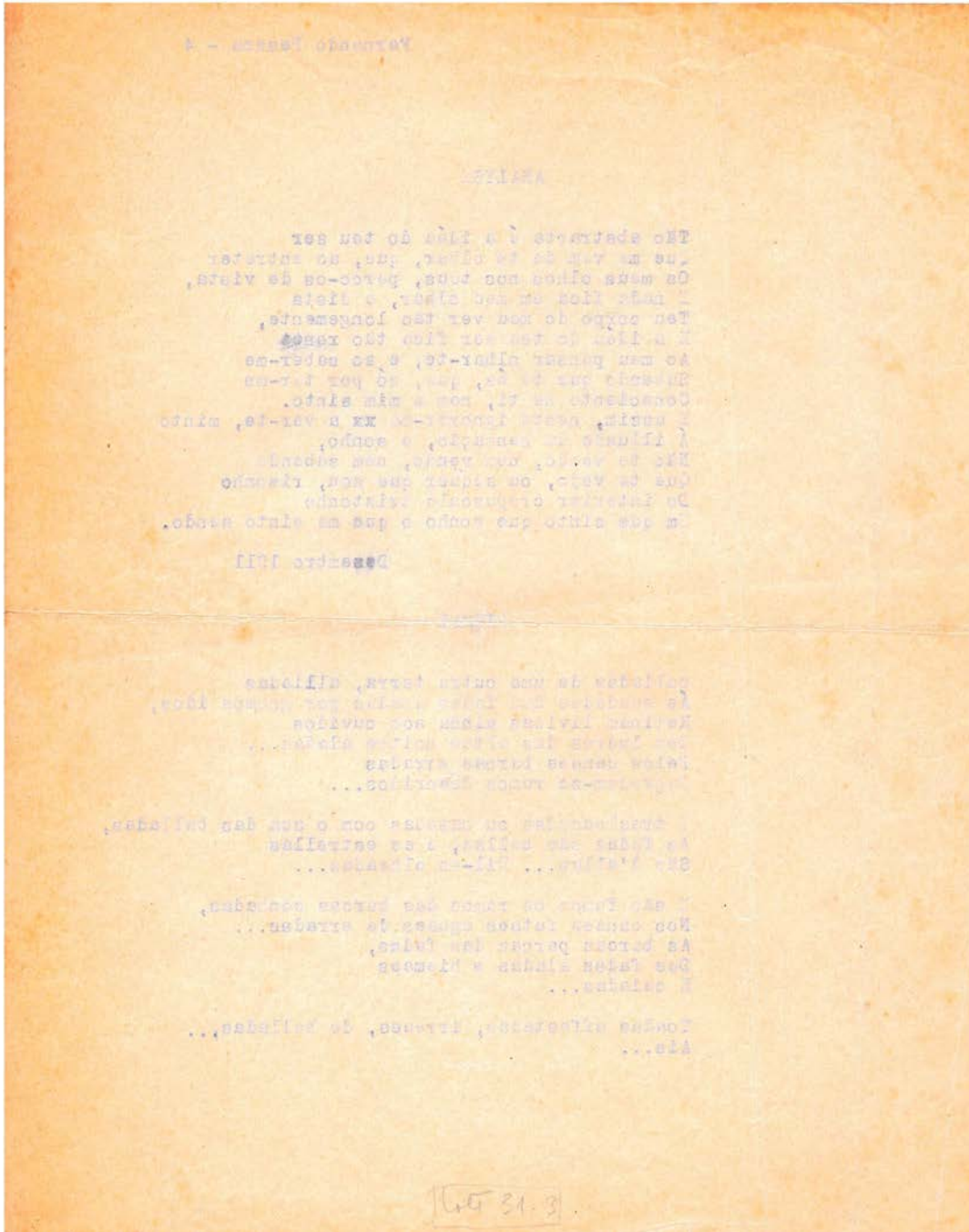


Fig. 20. "Analyse", "Hiemal" (coleção Fernando Távora).  
 Na margem inferior lê-se: "lote 31-3".

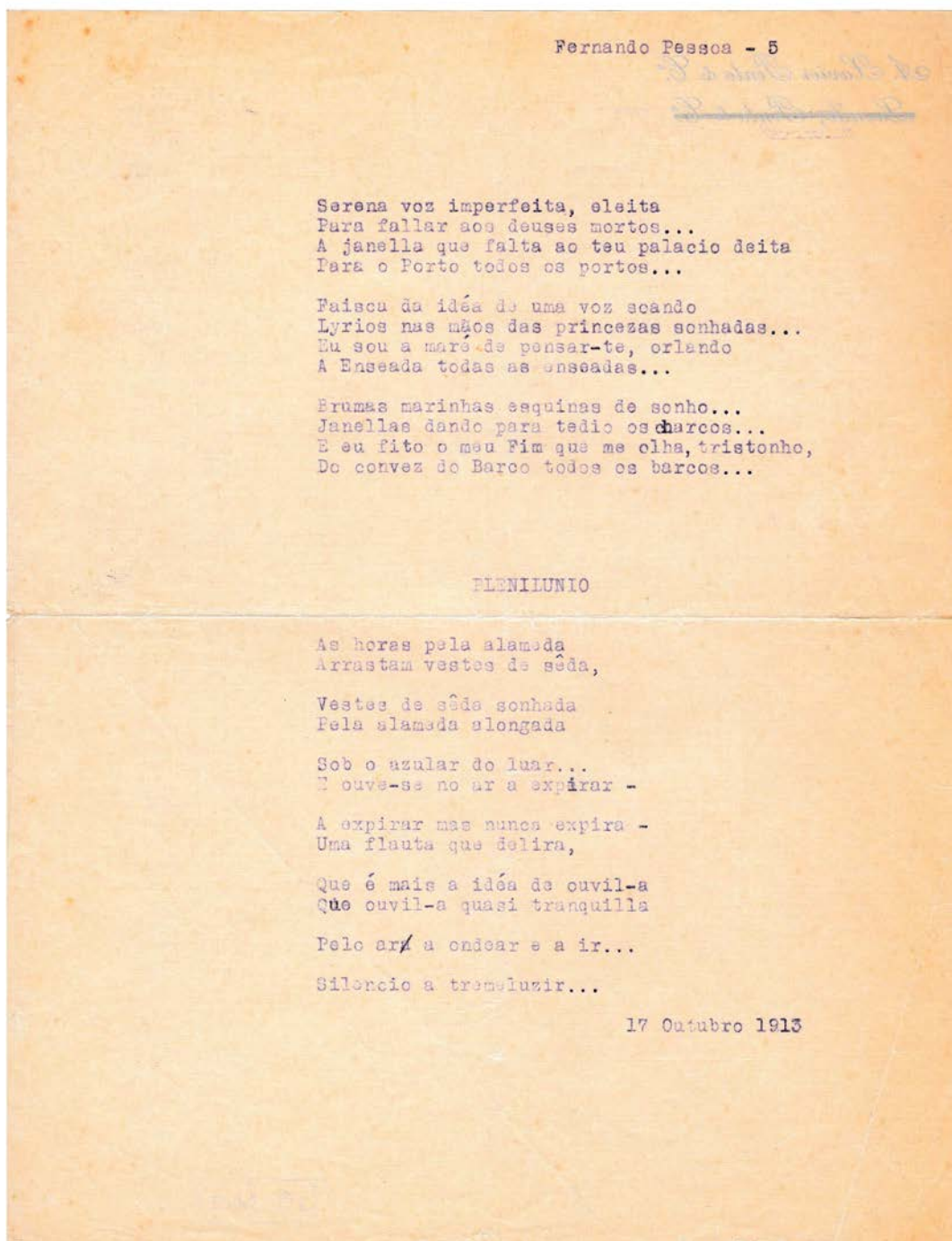


Fig. 21. "Serena voz...", "Plenilunio" (coleção Fernando Távora).

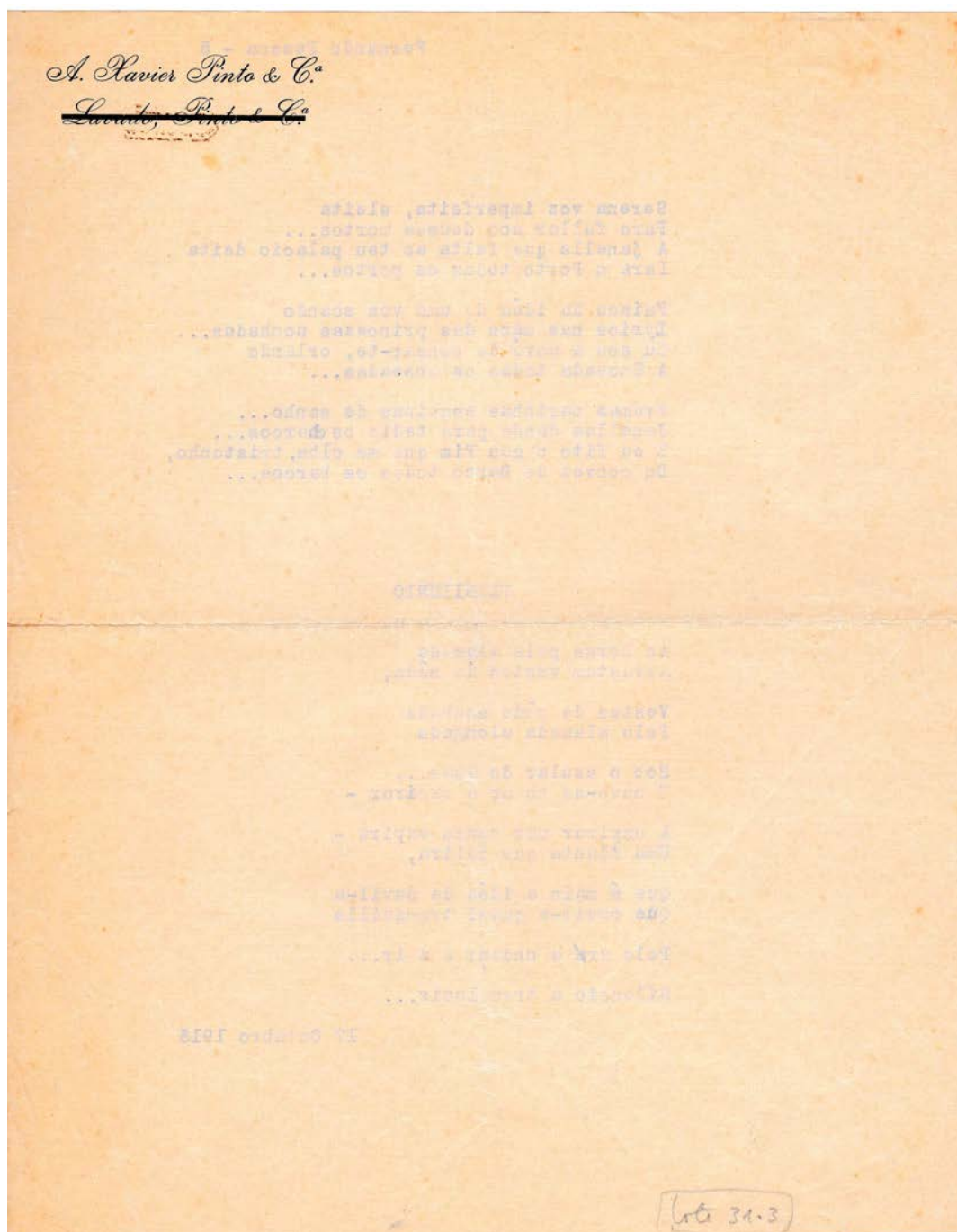


Fig. 22. "Serena voz...", "Plenilunio" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-3".

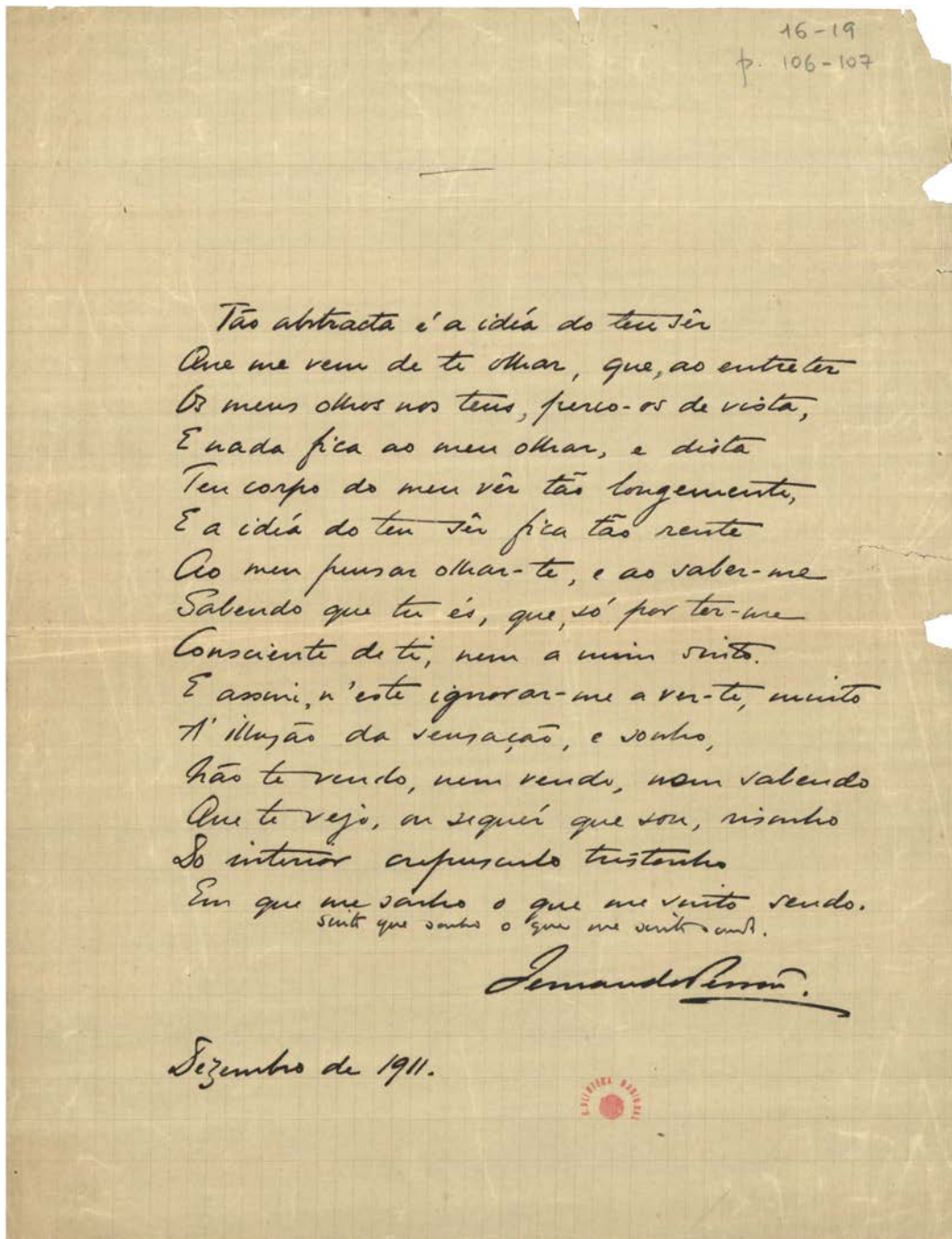


Fig. 23. "Tão abstracta..." (BNP/E3, 16-19').

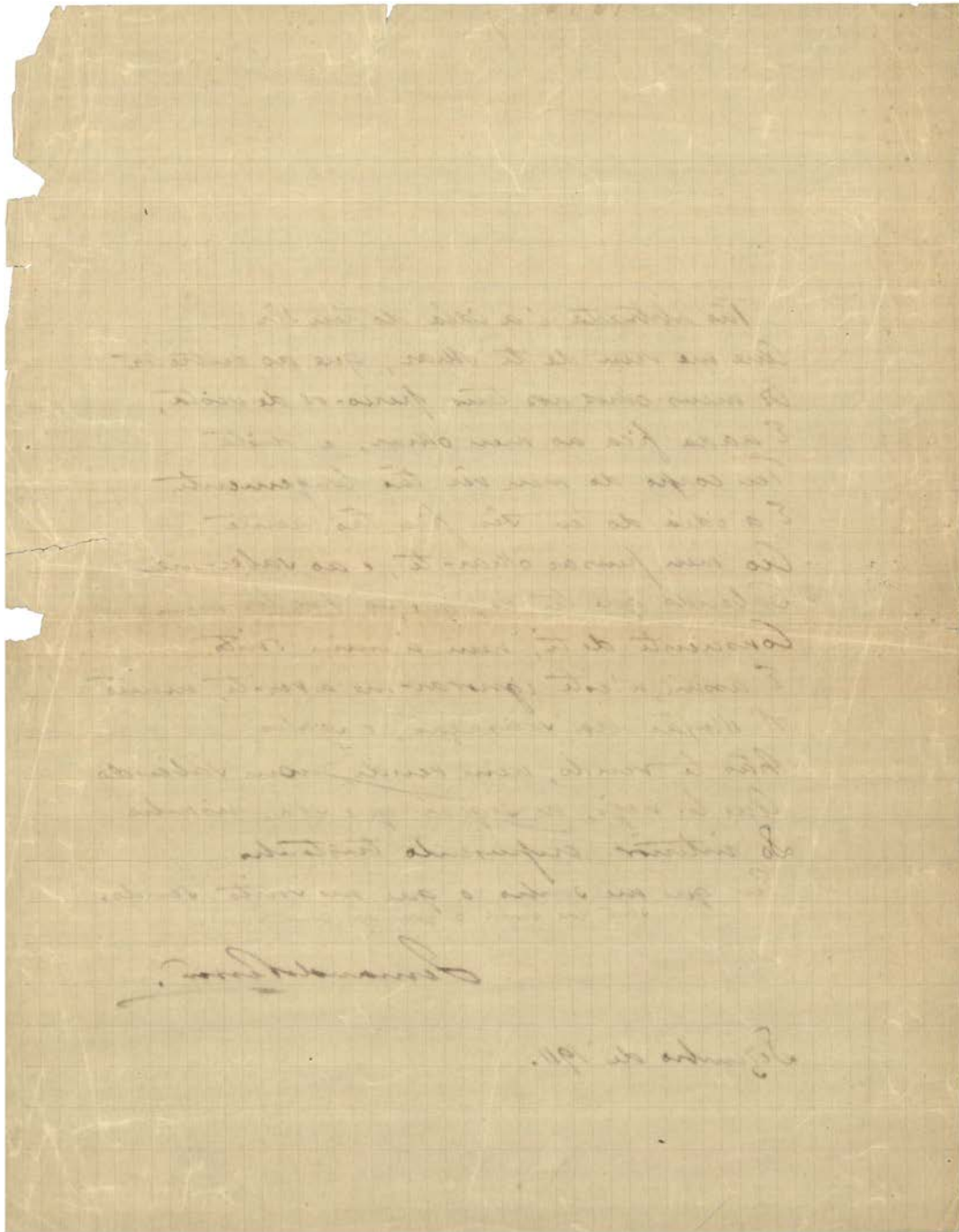


Fig. 24. "Tão abstracta..." (BNP/E3, 16-19°).

## FIÇÕES DO INTERLUDIO

I

### Plenilunio

As horas pela alameda  
Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada  
Pela alameda alongada

Sob o azular do luar...  
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira —  
Uma flauta que delira,

Que é mais a idéa de ouvil-a  
Que ouvil-a quasi tranquilla

Pelo ar a ondear e a ir...

Silencio a tremeluzir...

II

### Saudade dada

Em horas inda louras, lindas  
Clorindas e Belindas, brandas,  
Brincam no tempo das berlindas,  
As vindas vendo das varandas.  
De onde ouvem vir a rir as vindas  
Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno á tarde se entorna  
A atordoar o ar que arde  
Que a eterna tarde já não torna!  
E em tom de atoarda todo o alarde  
Do adornado ardor transtorna  
No ar de torpôr da tarda tarde.

E ha nevoentos desencantos  
Dos encantos dos pensamentos  
Nos santos lentos dos recantos  
Dos bentos cantos dos conventos...  
Prantos de intentos, lentos, tantos  
Que encantam os attentos ventos.

III

### Pierrot bebado

Nas ruas da feira,  
Da feira deserta,  
Só a lua cheia  
Branqueia e clareia  
As ruas da feira  
Na noite entreaberta.

Só a lua alva  
Branqueia e clareia  
A paisagem calva  
De abandono e alva

Bebada branqueia  
Como pela areia  
Nas ruas da feira,  
Da feira deserta,  
Na noite já cheia  
De sombra entreaberta.

A lua baqueia  
Nas ruas da feira  
Deserta e incerta...

IV

### Minuete invisível

Ellas são vaporosas,  
Pallidas sombras, as rosas  
Nadas da hora lunar...

Veem, aereas, dançar  
Como perfumes soltos  
Entre os canteiros e os buxos...  
Chora no som dos repuxos  
O rhythm que ha nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...  
Pallida, á pompa indecisa  
Da sua flebil demora  
Paira em aureola á hora...

Passam nos rhythmos da sombra...  
Ora é uma folha que tomba,  
Ora uma brisa que treme  
Sua leveza solemne...

E assim vão indo, delindo  
Seu perfil unico e lindo,  
Seu vulto feito de todas,  
Nas alamedas, em rodas  
No jardim lívido e frio...

Passam sósinhas, a fio,  
Como um fumo indo, a rarear,  
Pelo ar longinquo e vazio,  
Sob o, disperso pelo ar,  
Pallido pallio lunar...

V

### Hiemal

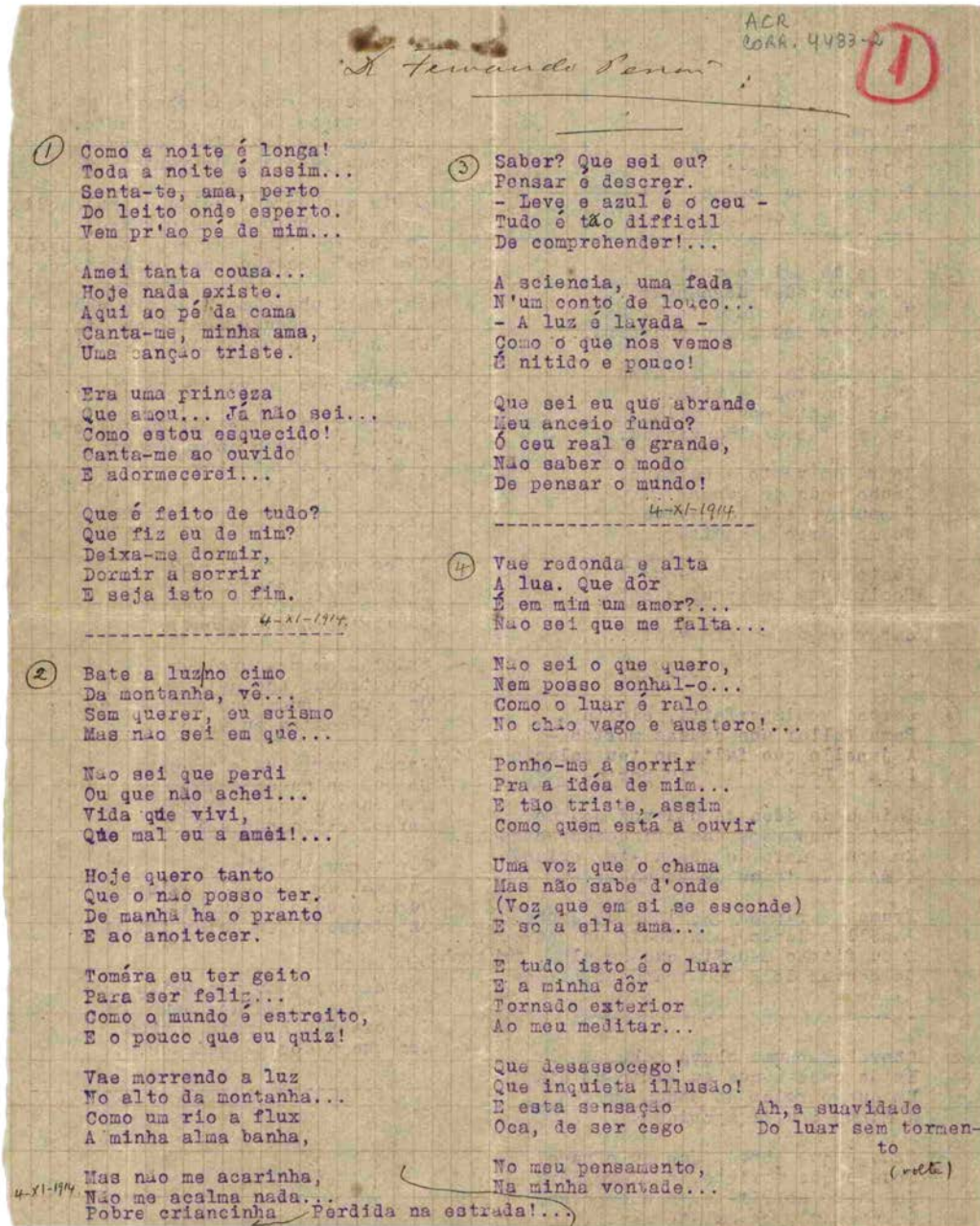
Balladas de uma outra terra, alliadas  
As saudades das fadas, amadas por gnomos idos,  
Retinem lívidas ainda aos ouvidos  
Dos luars das altas noites aladas...  
Pelos canaes barcas erradas  
Segredam-se rumos descridos...

E tresloucadas ou casadas com o som das balladas,  
As fadas são bellas, e as estrellas  
São d'ellas... Eil-as alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
Nos canaes fataes eguaes de erradas,  
As barcas parcas das fadas,  
Das fadas aladas e hiemaes  
E caladas...

Toadas afastadas, irreaes, de balladas...  
Ais...

Fig. 25. "Hiemal" (Portugal Futurista).

Fig. 26. Poemas enviados a Armando Côrtes-Rodrigues (ACR, CORR. 4483-2<sup>r</sup>).



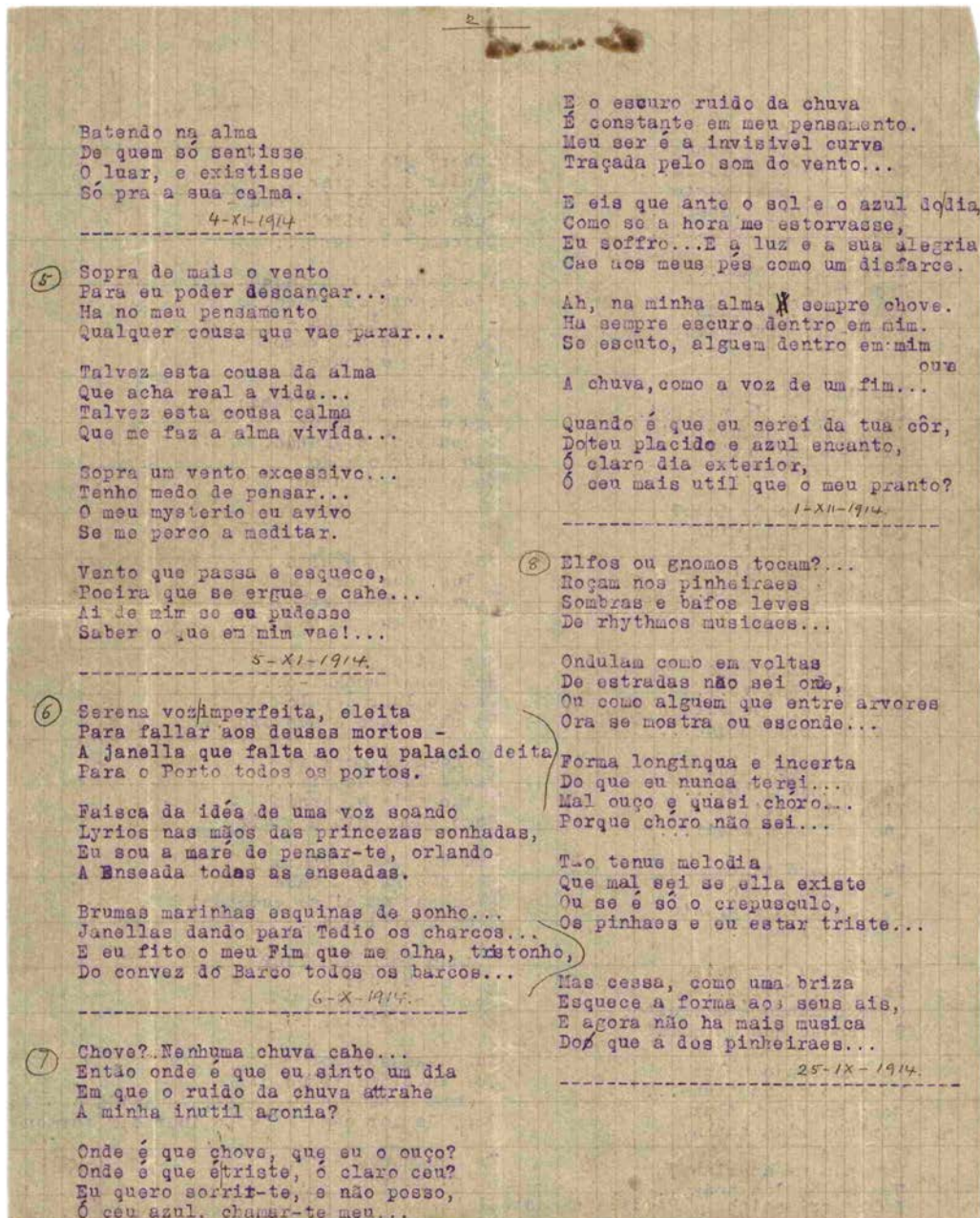


Fig. 27. Poemas enviados a Armando Côrtes-Rodrigues (ACR, CORR. 4483-2v).  
Contém "Serena voz imperfeita, eleita".

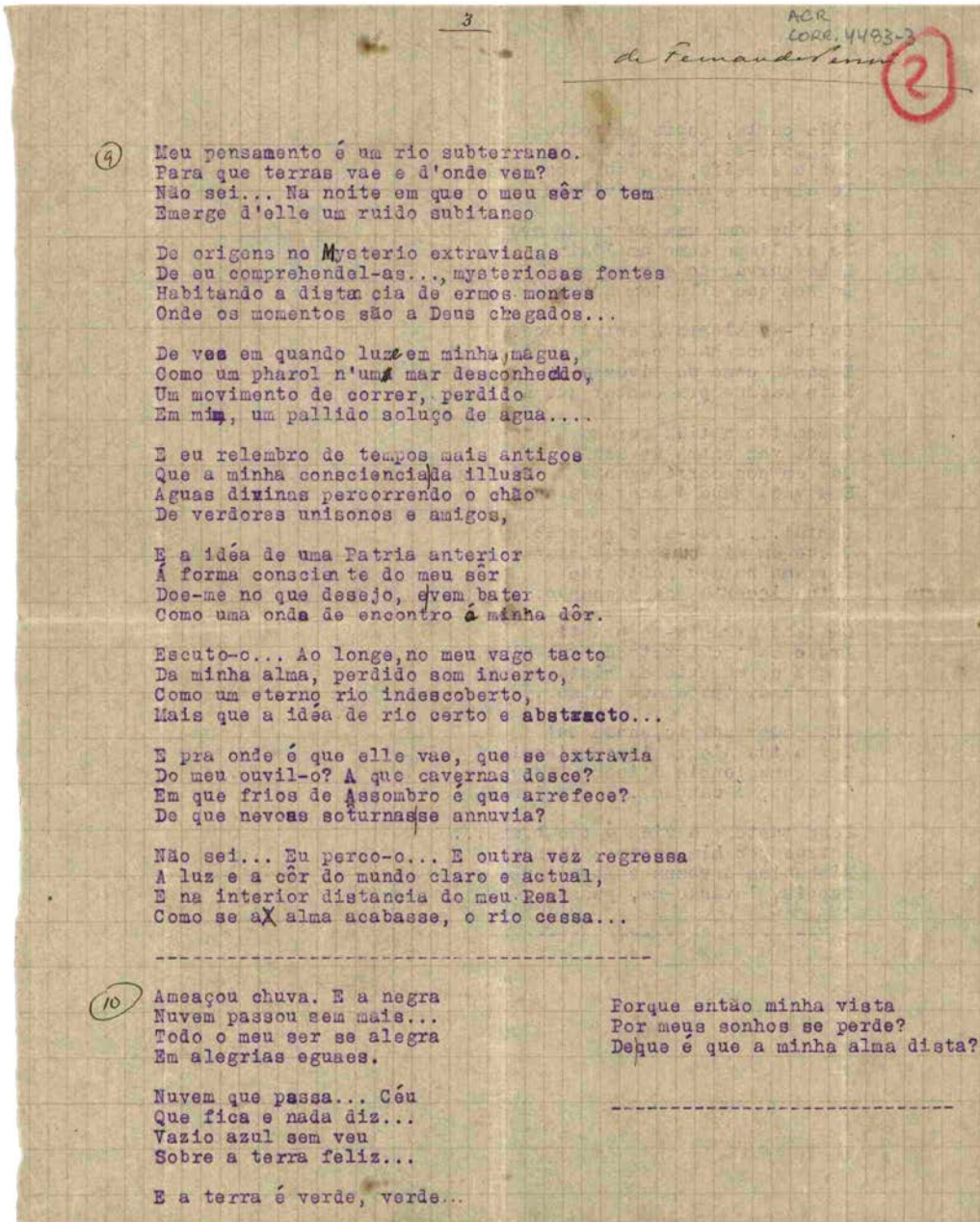


Fig. 28. Poemas enviados a Armando Côrtes-Rodrigues (ACR, CORR. 4483-3).

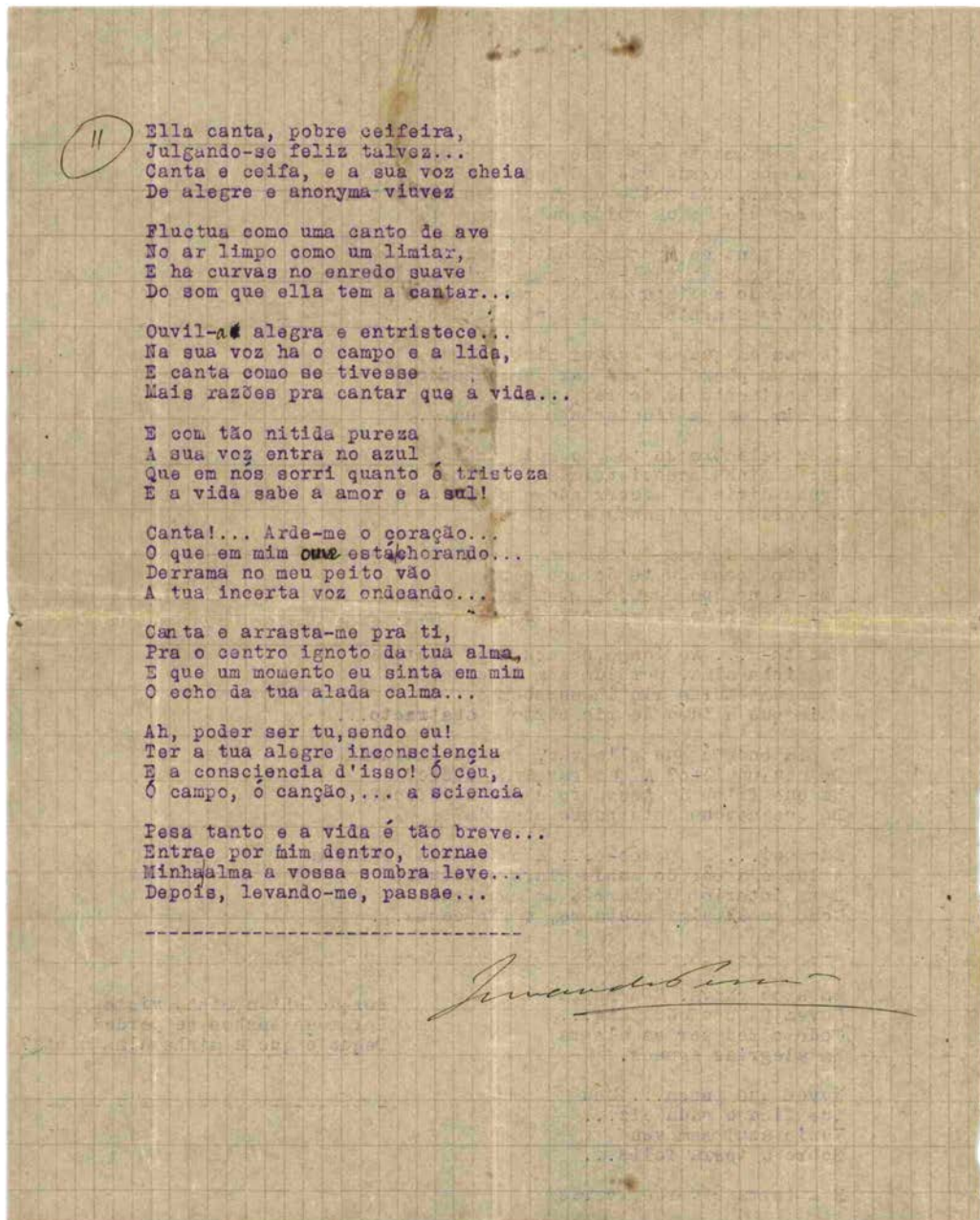


Fig. 29. Poemas enviados a Armando Côrtes-Rodrigues (ACR, CORR. 4483-3v).

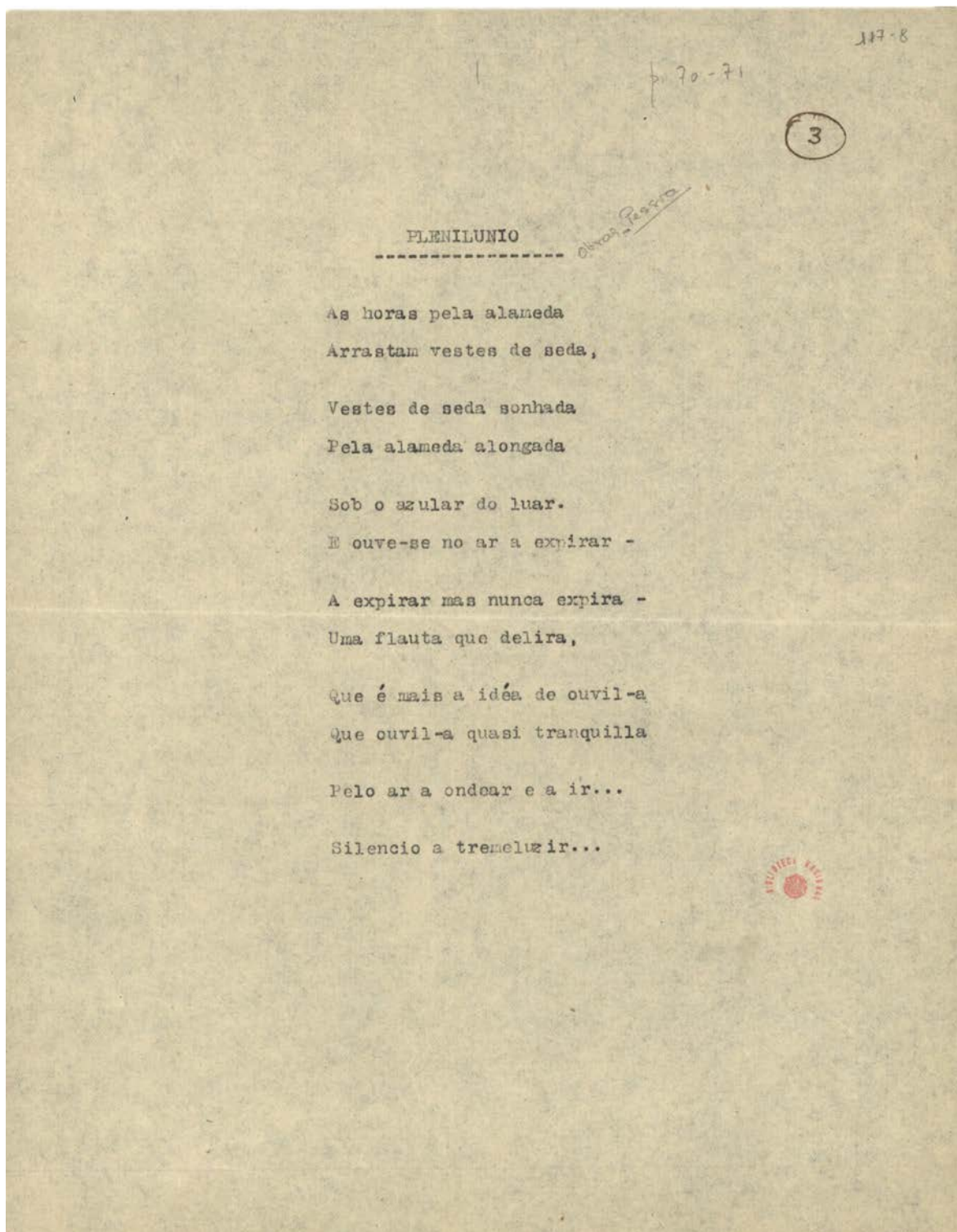


Fig. 30. "Plenilunio" (BNP/E3, 117-8v).

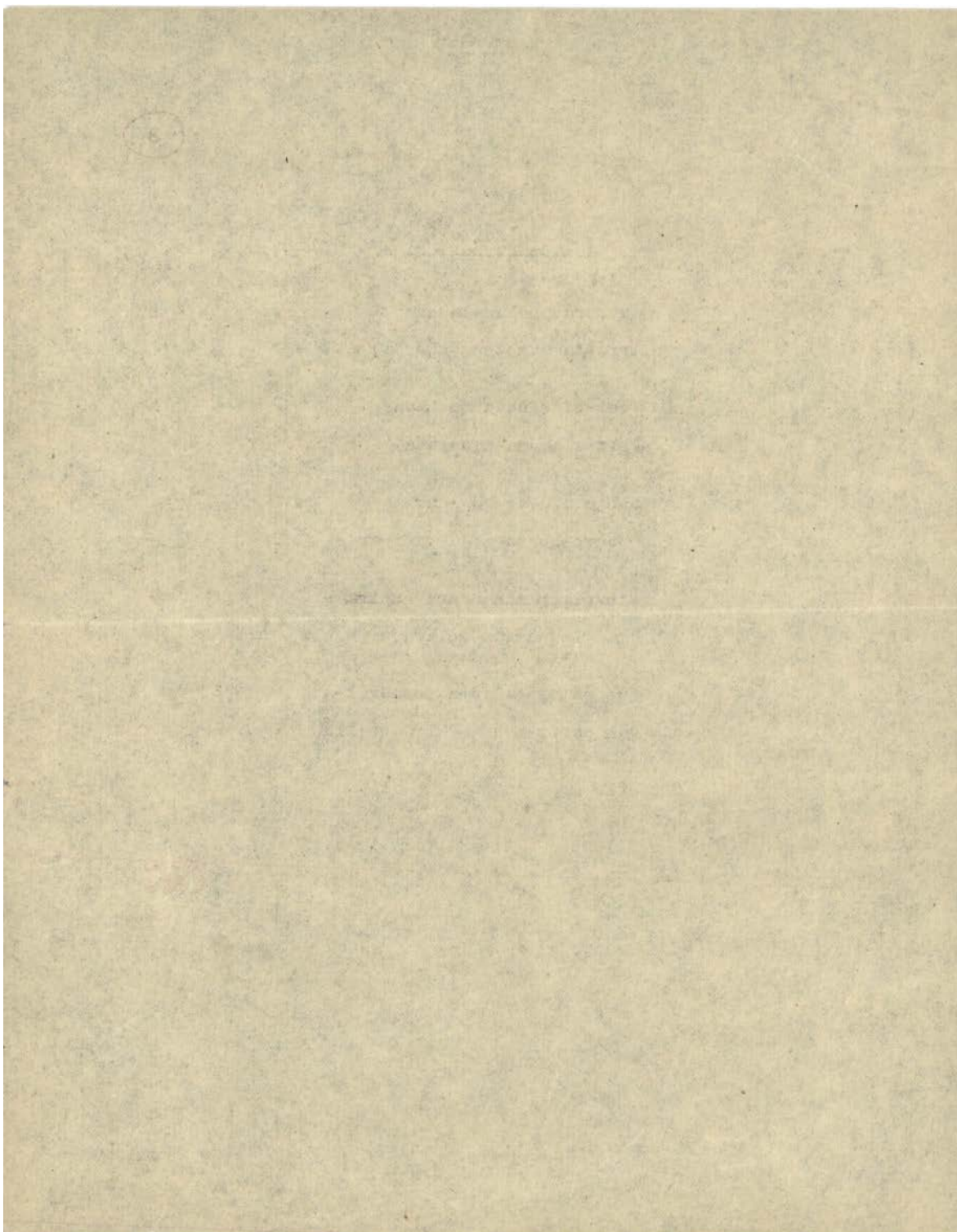


Fig. 31. "Plenilunio" (BNP/E3, 117-8<sup>v</sup>).

## IV. "Abdicação" [Lote 31.6]

No inventário (Fig. 1), o Arquitecto Fernando Távora diz crer "tratar-se de uma transcrição feita por este [João Gaspar Simões]". E, noutras notas, acrescenta:

Situação das poesias aqui contidas, certamente (?) cópias efectuadas por J[oa]o G[aspar] Simões a quem este documento pertenceu, segundo Galhoz, 4.<sup>a</sup> edição:

"Sombra fugaz,....", inédita

"A minha vida é um barco abandonado....", - publicado pela 1.<sup>a</sup> vez no Diário Popular a 3 de Fev. de 1949. Por quem? a ver. (páginas 193, poesia [203], nota a pág. 696)

"Entre o abater rasgado dos pendões....", - publicado pela 1.<sup>a</sup> vez no Diário Popular a 3 de Fevereiro de 1949. Por quem? A ver. (páginas 192-193, poesia [202], nota a pág. 696). Notar que há alguns erros de transcrição.

"Toma-me, ó noite eterna<sup>13</sup> nos teus braços....",

Situação das poesias aqui contidas, certamente (?) cópias efectuadas por J[oa]o G[aspar] Simões a quem este documento pertenceu, segundo Galhoz, 4.<sup>a</sup> edição:

"Sombra fugaz,....", inédita

"A minha vida é um barco abandonado....", - publicado pela 1.<sup>a</sup> vez no Diário Popular a 3 de Fev. de 1949. Por quem? a ver. (páginas 193, poesia [203], nota a pág. 696)

"Entre o abater rasgado dos pendões....", - publicado pela 1.<sup>a</sup> vez no Diário Popular de 3 de Fevereiro de 1949. Por quem? A ver. (páginas 192-193, poesia [202], nota a pág. 696). Notar que há alguns erros de transcrição.

"Toma-me, ó noite eterna<sup>13</sup> nos teus braços....",

publicado pela 1.<sup>a</sup> vez in "Ressurreição,, n.º 9, Lisboa, Fev[evereiro] 1920 (páginas 138, poesia [83], nota a pág. 686).

Notar que figura com o título *Abdicação* que aqui preside ao conjunto dos VII poemas.

"Forma inutil<sup>14</sup> que surges vagarosa....",

inédita

"Com a expressão a dor menor se apaga

inédita

publicado pela 1.<sup>a</sup> vez in "Ressurreição" n.º 9, Lisboa, fev. 1920 (páginas 138, poesia [83], nota a pág. 686).  
Notar que figura com o título *Abdicação* que aqui preside ao conjunto dos VII poemas.

"Forma inutil<sup>14</sup> que surges vagarosa....",  
inédita

"Com a expressão a dor menor se apaga",  
inédita

Figs. 32 e 33. Notas sobre "Abdicação"  
(coleção Fernando Távora)

Repare-se na ausência do poema IV, "São vãs, como o meu sonho e a minha vida," que devia ter figurado como poesia "inédita" atendendo à sua ausência na 4.<sup>a</sup> edição (1972) da *Obra Poética* editada por Maria Aliete Galhoz.

<sup>13</sup> Falta uma vírgula depois de "eterna".

<sup>14</sup> Falta uma vírgula depois de "inutil".

Como observa o arquitecto Távora, “Abdicação” é o nome de um ciclo poético, mas também o nome com que foi publicado um poema desse ciclo, o quinto, no *Mensário para Arte, para Literatura, para Vida Mental*, chamado *Ressurreição* (1920).

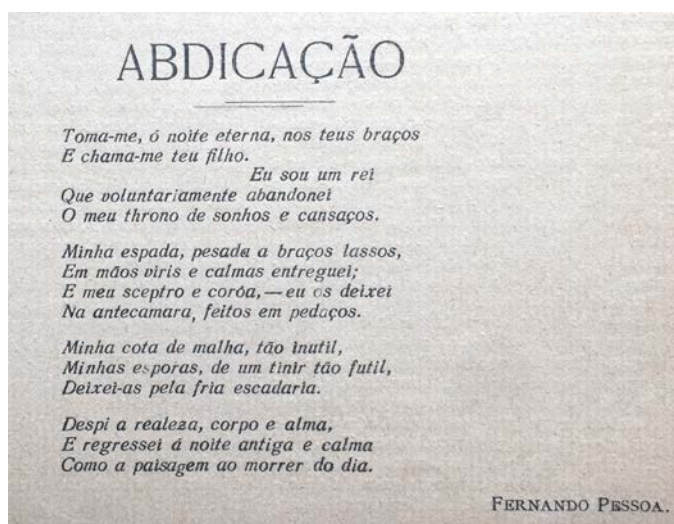


Fig. 34. “Abdicação” (*Ressurreição*).

A cópia que Gaspar Simões terá dactilografado permite rever esta série de poemas, três publicados na *Obra Poética* (II, III e V), em 1960, quatro na *Nova Renascença* (I, IV, VI e VII), em 1989. Segue a dupla transcrição (coluna esquerda, BNP/E3, 58-62 e 63<sup>r</sup>, Figs. 36 a 39; coluna direita, coleção Távora, Figs. 40 a 45):

ABDICAÇÃO	ABDICAÇÃO
I.	I.
Sombra fugaz, vulto da appetecida Imagem de um ansiado e incerto bem, Aereamente e aladamente vem E um pouco abranda em mim o horror da vida.	Sombra fugaz, vulto da appetecida Imagem de um ansiado e incerto bem, Aereamente e aladamente vem E um pouco abranda em mim o horror da vida.
O esforço inutil, a penosa lida, De que, salvo soffrer, nada provém, O receio, a incerteza e o desdem Mitiga e sara, como a quem olvida.	O esforço inutil, a penosa lida, De que, salvo soffrer, nada provém, O receio, a incerteza e o desdem Mitiga e sara, como a quem olvida.
Irreal embora, o teu momento é teu. Nesse minuto, em que deveras prendes Toda a alma, e és o seu sol e o seu céu,	Irreal embora, o teu momento é teu. Nesse minuto, em que deveras prendes Toda a alma, e és o seu sol e o seu <b>céu</b> .
És toda a vida, e o resto é a sombra e o trilho. Splende em verdade, ó sombra, enquanto splendes, E eu nada seja salvo ter teu brilho. <sup>15</sup>	És toda a vida, e o resto é a sombra e o trilho. Splende em verdade, ó sombra, enquanto splendes, E eu nada seja salvo ter teu brilho.

<sup>15</sup> E eu morra para mim nesse teu brilho [↓ (E eu nada seja salvo ter teu brilho)] *variantes alternativas*.

## II.

A minha vida é um barco abandonado,  
Infiel, no ermo porto, ao seu destino.  
Porque não ergue ferro e segue o atino  
De navegar, casado com seu fado?

Ah, falta quem o lance ao mar, e alado  
Torne seu vulto em velas, peregrino  
Frescor de afastamento, no divino  
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da acção, sem a vontade  
Que o viva, vulto steril do<sup>16</sup> viver,  
Boiando á tona inutil da saudade –

Os limos esverdeiam tua quilha,  
O vento embala-te sem te mover,  
E é para além do mar a ansiada Ilha.

## III.

Entre o abater rasgado dos pendões  
E o cessar dos clarins na tarde alheia,  
A derrota ficou: como uma cheia  
Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rey louco os seus varões  
Trouxe ao prolixo prelio, sem a idéa<sup>17</sup>.  
Água que mão infiel verteu na areia –  
Tudo morreu, sem<sup>18</sup> rasto e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino  
Com a morte tornou abandonado.  
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos  
Mostram<sup>19</sup> no absurdo campo desollado  
Uma derrota heraldica de ignotos.

## IV.

São vãs, como o meu sonho e a minha vida,  
As imagens que busco, alvar recreio<sup>20</sup>,  
Para o meu ocio de cansaço cheio,  
Para o meu ser deposto e fé perdida.

## II.

A minha vida é um barco abandonado,  
Infiel, no ermo porto, ao seu destino.  
Porque não ergue ferro e segue o atino  
De navegar, casado com seu fado?

**Ah!** falta quem o lance ao mar, e alado  
Torne seu vulto em velas, peregrino  
Frescor de afastamento, no divino  
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da acção, sem a vontade  
Que o viva, vulto steril do viver,  
Boiando á tona inutil da saudade –

Os limos esverdeiam tua quilha,  
O vento embala-te sem te mover,  
E é para além do mar a ansiada Ilha.

## III.

Entre o abater rasgado dos pendões  
E o cessar dos clarins na tarde alheia,  
A derrota ficou: como uma cheia  
Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rey louco os seus varões  
Trouxe ao prolixo prelio, sem a idéa.  
Água que mão infiel verteu na areia –  
Tudo morreu, sem rasto e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino  
Com a morte tornou abandonado.  
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos  
Mostram no absurdo campo desollado  
Uma derrota heraldica de ignotos.

## IV.

São vãs, como o meu sonho e a minha vida,  
As imagens que busco, alvar recreio,  
Para o meu ocio de cansaço cheio,  
Para o meu ser deposto e fé perdida.

<sup>16</sup> de (do) ] *variantes alternativas*.

<sup>17</sup> sem (a) idéa ] *com uma hesitação*.

<sup>18</sup> smm ] *no original*.

<sup>19</sup> Strellam (mostram) ] *variantes alternativas*.

<sup>20</sup> dor-recreio (alvar recreio) ] *variantes alternativas*.



Nada vale. Renova a despedida  
 Todos os dias renovada, ó aneio  
 Que nem em ti sabes querer, baqueio  
 Surdo e ignobil da purpura e da lida.

Reu confesso da tua impenitente  
 Indecisão, de inutil reprovada,  
 E, reprovada, vil por persistente,

Acceita o nada a que te o Fado obriga,  
 E abdica, qual rainha desthronada  
 Que foi mendiga, e torna a ser mendiga.

## V.

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
 E chama-me teu filho... Eu sou um Rey  
 Que voluntariamente abandonei  
 O meu throno de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada<sup>21</sup> a braços lassos,  
 Em mãos viris<sup>22</sup> e calmas entreguei,  
 E meu sceptro e coroa – eu os deixei  
 Na antecamara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inutil;  
 Minhas esporas, de um tinir tão futil,  
 Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
 E regresssei á Noite antiga e calma  
 Como a paisagem ao morrer do dia.

## VI.

Forma inutil, que surges vagarosa  
 Do meu caminho, e augmentas minha dor:  
 Tua postiga luz não tem calor,  
 Teu vulto esfolha-se, como uma rosa.

Porque tão falsamente piedosa  
 Na hora mais negra do meu amargor  
 Vens com teu brilho errar o meu torpor  
 Que mais valia que esta sp'rança ansiosa?

Por que a mão irreal para mim stendes  
 Se não me guiarás, nem me conheces?  
 Se nada podes dar, para que splendes?

Nada vale. Renova a despedida  
 Todos os dias renovada, ó aneio  
 Que nem em ti sabes querer, baqueio  
 Surdo e ignobil da purpura e da lida.

Reu confesso da tua impenitente  
 Indecisão, de inutil reprovada,  
 E, reprovada, vil por persistente,

Acceita o nada a que te o Fado obriga,  
 E abdica, qual rainha desthronada  
 Que foi mendiga, e torna a ser mendiga.

## V.

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
 E chama-me teu filho... Eu sou um Rey  
 Que voluntariamente abandonei  
 O meu throno de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
 Em mãos viris e calmas entreguei,  
 E meu sceptro e coroa – eu os deixei  
 Na antecamara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inutil;  
 Minhas esporas, de um tinir tão futil,  
 Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
 E regresssei á Noite antiga e calma  
 Como a paisagem ao morrer do dia.

## VI.

Forma inutil, que surges vagarosa  
 Do meu caminho, e augmentas minha dor:  
 Tua postiga luz não tem calor,  
 Teu vulto esfolha-se, como uma rosa.

Porque tão falsamente piedosa  
 Na hora mais negra do meu amargor  
 Vens com teu brilho errar o meu torpor  
 Que mais valia que esta sp'rança ansiosa?

Por que a mão irreal para mim stendes  
 Se não me guiarás, nem me conheces?  
 Se nada podes dar, para que splendes?

<sup>21</sup> pesda ] *no original*.

<sup>22</sup> vris ] *no original*.

Ah, deixa ao menos imitar o somno  
 Meu ser, morto<sup>23</sup> na strada onde tu desces,  
 Sòsinho ao menos com seu abandono!

Ah, deixa ao menos imitar o somno  
 Meu ser, morto na strada onde tu desces,  
 Sòsinho ao menos com seu abandono!

## VII.

Com a expressão a dor menor<sup>24</sup> se apaga  
 E a dor maior se anima, como o vento  
 Apaga o lume fragil de um momento,  
 E a grande chamma sacudindo propaga.<sup>25</sup>

## VII.

Com a expressão a dor menor se apaga  
 E a dor maior se anima, como o vento  
 Apaga o lume fragil de um momento,  
 E a grande chamma sacudindo propaga.

Toda a esperança morta, a ansia vaga,  
 A magua certa do meu pensamento,  
 Com exprimir-se, mais conhece o augmento,  
 Porque é consciente e com mais □

Toda a esperança morta, a ansia vaga,  
 A magua certa do meu pensamento,  
 Com exprimir-se, mais conhece o augmento,  
 Porque é consciente e com mais □

Mas não dizer a dor é ter só dor.  
 Dizel-a é acceital-a, e acceital-a  
 É por presente tel-a, a ter maior.

Mas não dizer a dor é ter só dor.  
 Dizel-a é acceital-a, e acceital-a  
 É por presente tel-a, a ter maior.

□  
 □  
 □

□  
 □  
 □

18-9-1917.

18-9-1917.

Gaspar Simões fez uma cópia bastante fiel do documento, salvo um ponto, no verso 11, onde devia haver uma vírgula (“céu,”) e uma exclamação, no verso 19, onde devia figurar outra vírgula (“Ah,”). Os lapsos de cópia, que sempre ocorrem, foram neste caso mínimos.

A sequência está datada de 18 de Setembro de 1917, mas convém recordar que pelo menos o poema que começa “Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços” é citado por Pessoa numa carta de 1 de Fevereiro de 1913 a Mário Beirão. Na edição crítica dos poemas de 1915-1920, João Dionísio apresenta, em anexo, “material preparatório do soneto VII (o único que ficaria incompleto) ou tentativa de reelaboração posterior, constante do doc. 58-64r” (PESSOA, 2005a: 393).

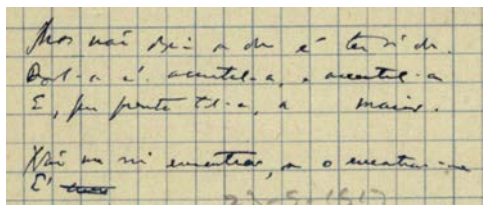


Fig. 35. “Mas não dizer” (BNP/E3, 58-64r)

Mas não dizer a dor é ter só dor.  
 Dizel-a é accentual-a, e accentual-a.  
 E, por presente tel-a, a □ maior.

Não me sei encontrar, se o encontrar-me  
 É <\*meu> □

<sup>23</sup> (morto) ] com hesitação.

<sup>24</sup> meno<s>/r\.

<sup>25</sup> affaga. (propaga) ] variantes alternativas.

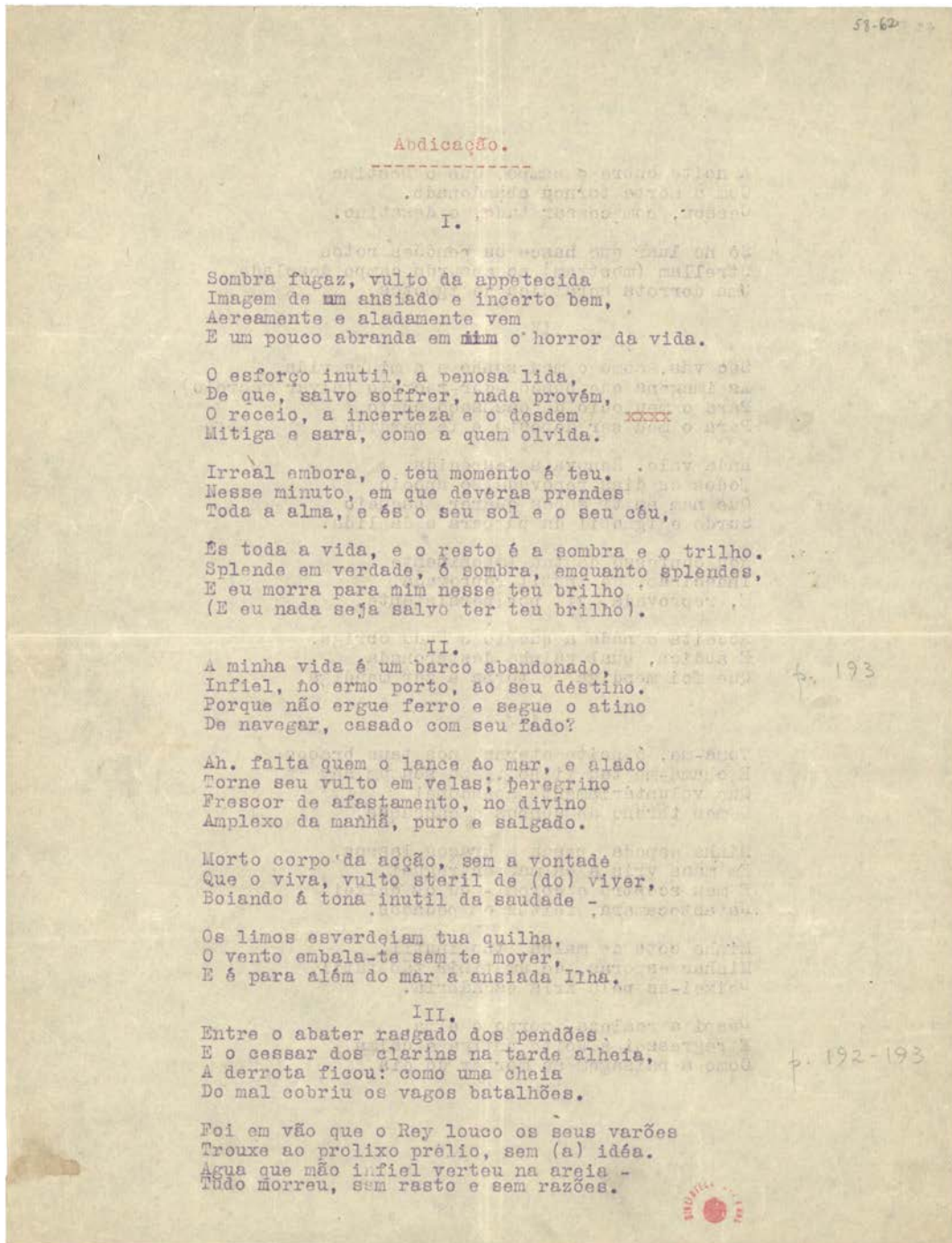


Fig. 36. "Abdicação" (BNP/E3, 58-62r).  
 Fac-similado em GALHOZ (1990: 273).

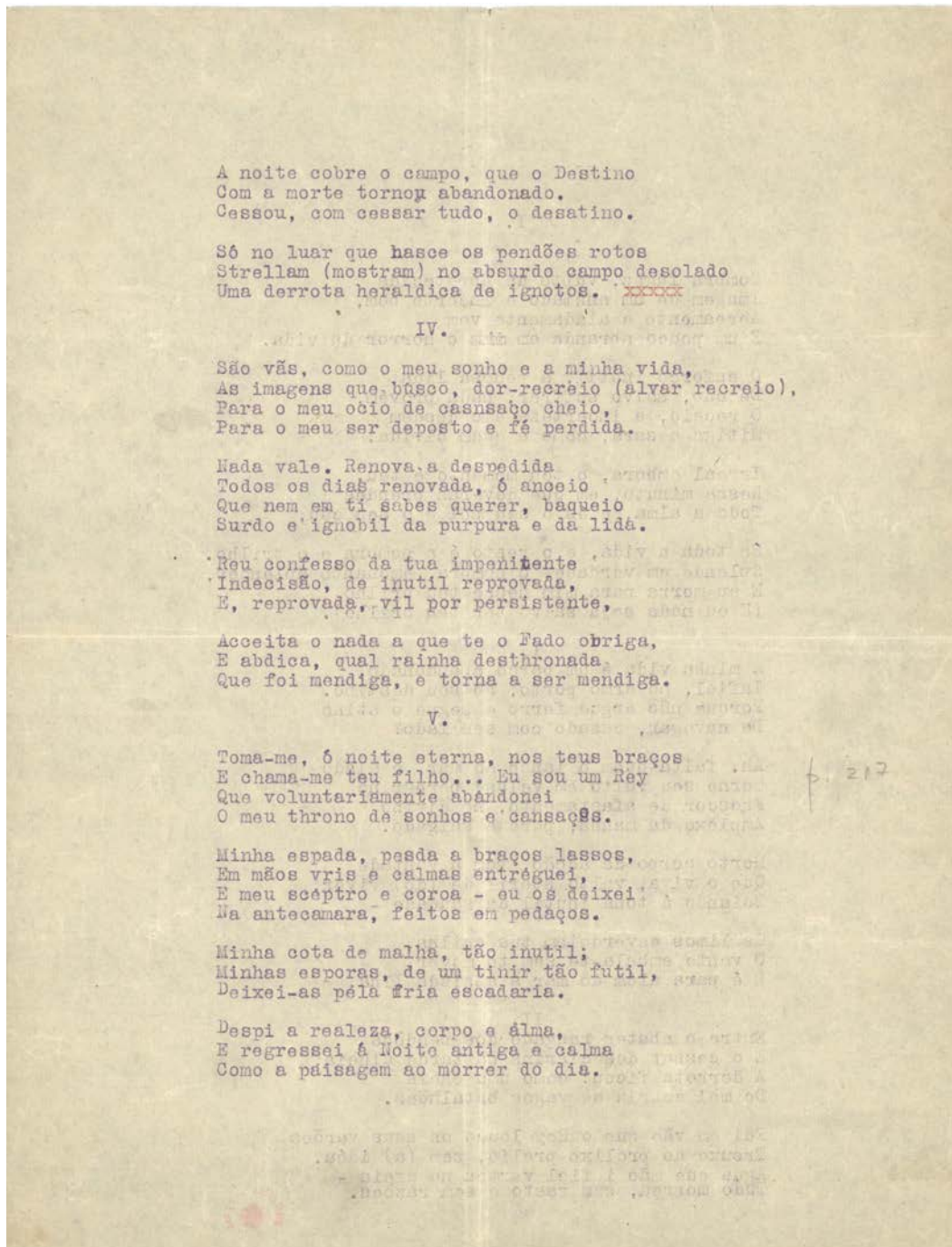


Fig. 37. "Abdicação" (BNP/E3, 58-62<sup>v</sup>).  
Fac-similado em GALHOZ (1990: 274).

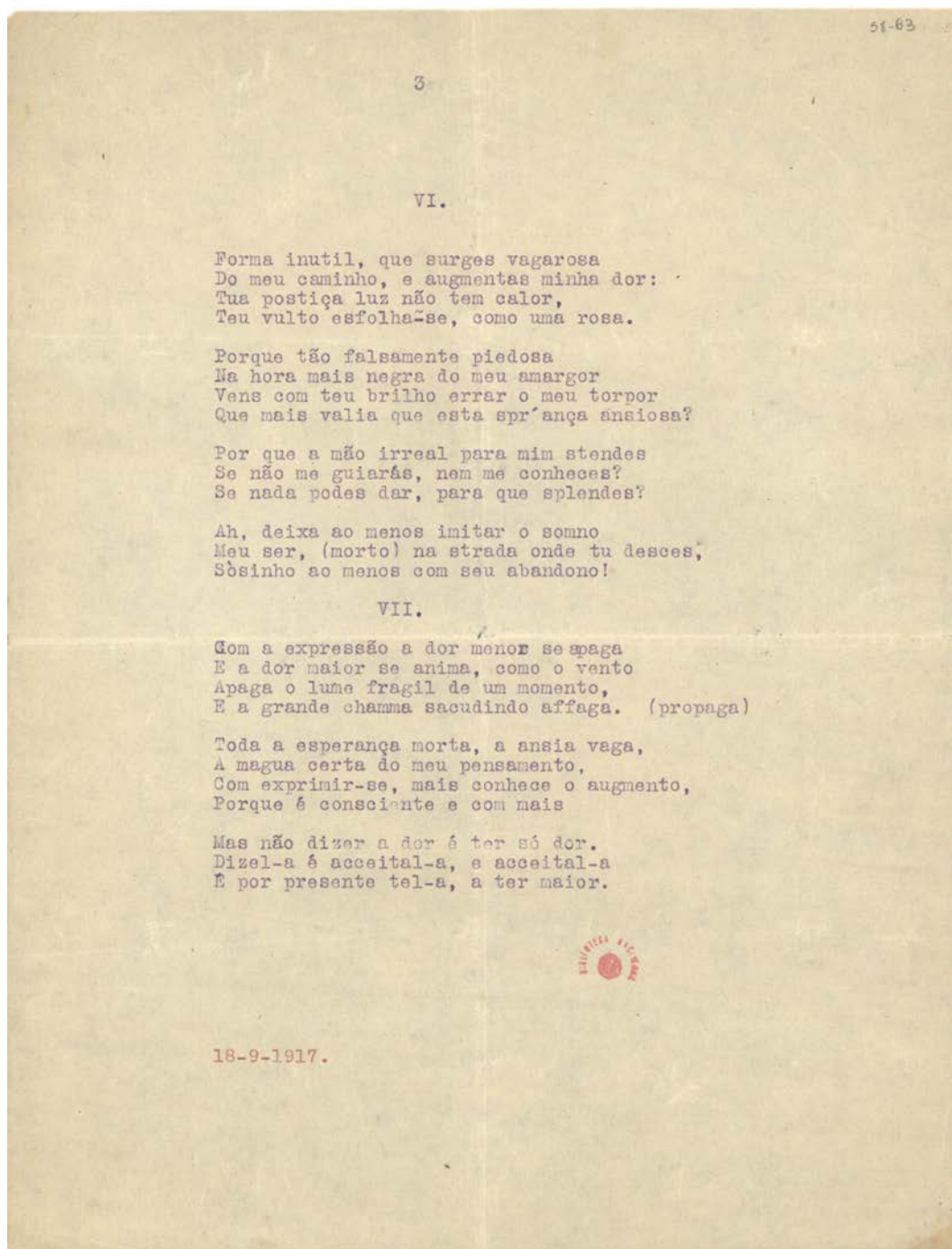


Fig. 38. "Abdicação" (BNP/E3, 58-63).  
Fac-similado em GALHOZ (1990: 275).

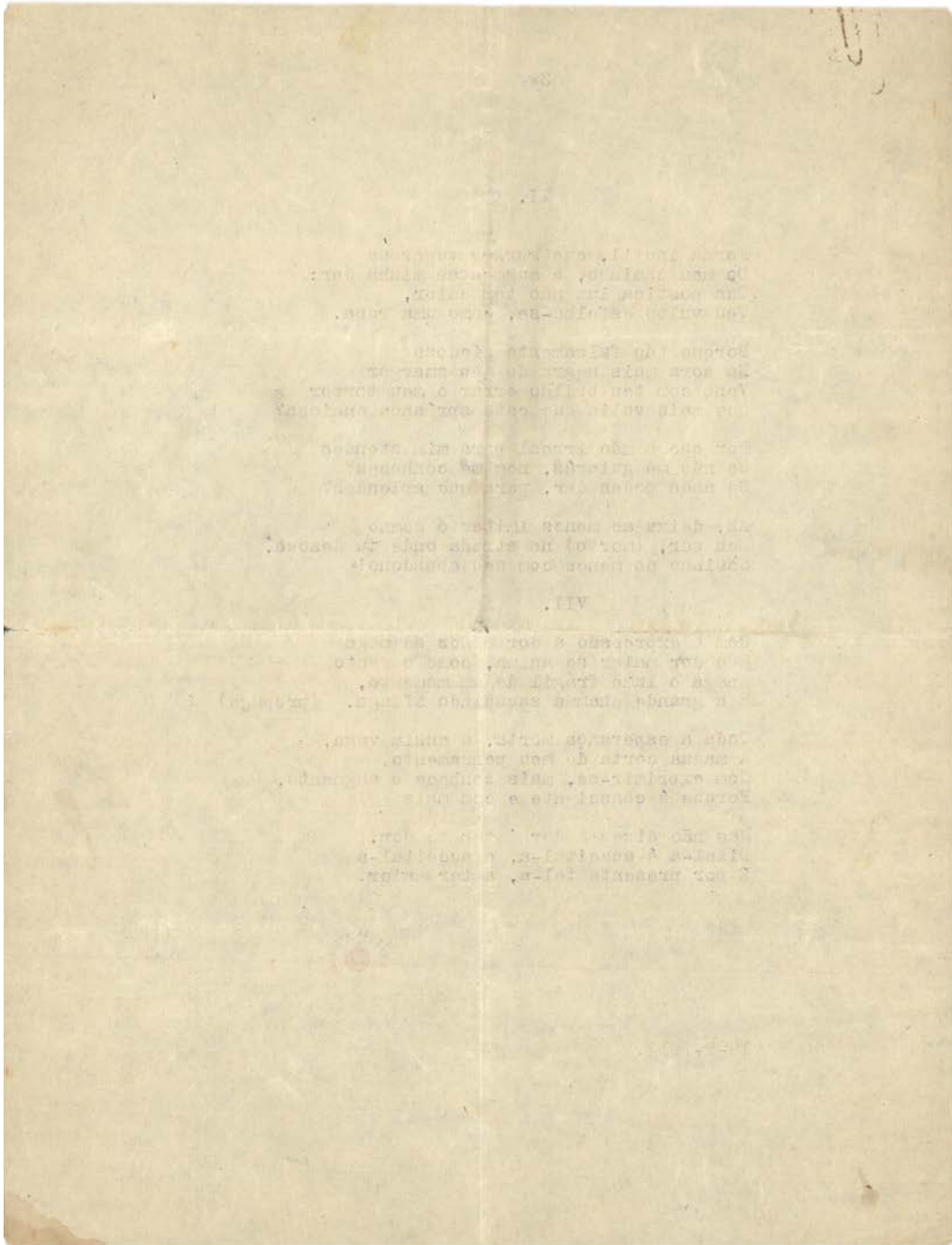


Fig. 39. "Abdicação" (BNP/E3, 58-63v).

Abdicação

## I.

Sombra fugaz, vulto da apetecida  
 Imagem de um ansioso e incerto bem,  
 Aereamente e aladamente vem  
 E um pouco abranda em mim o horror da vida.

O esforço inutil, a penosa lida,  
 De que, salvo soffrer, nada provem,  
 O receio, a incerteza e o desdem  
 Mitiga e sara, como a quem olvida.

Irreal embora, o teu momento é teu.  
 Nesse minuto, em que deveras prendes  
 Toda a alma, e és o seu sol e o seu céu.

És toda a vida, e o resto é a sombra e o trilho.  
 Splende em verdade, ó sombra, enquanto splendes,  
 E eu morra para mim nesse teu brilho  
 (E eu nada seja salvo ter teu brilho).

## II.

A minha vida é um barco abandonado,  
 Infidel, no ermo porto, ao seu destino.  
 Porque não ergue ferro e segue o atino  
 De navegar, casado com o seu fado?

Ah! falta quem o lance ao mar, e alado  
 Torne seu vulto em velas; peregrino  
 Frescor de afastamento, no divino  
 Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da acção, sem vontade  
 Que viva, vulto steril de (do) viver,  
 Boiando a tona inutil da saudade-

Os limos esverdeiam tua quilha,  
 O vento embala-te sem te mover,  
 E é para além do mar a ansiada Ilha.

## III.

Entre o abater rasgado dos pendões  
 E o cessar dos clarins na tarde alheia,  
 A derrota ficou: como uma cheia  
 Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rey louco os seus varões  
 Trouxe ao prolixo prelio, sem (a) idéa.  
 Agua que mão infiel verteu na areia-  
 Tudo morreu, sem rasto e sem razões.

Fig. 40. "Abdicação" (colecção Távora).

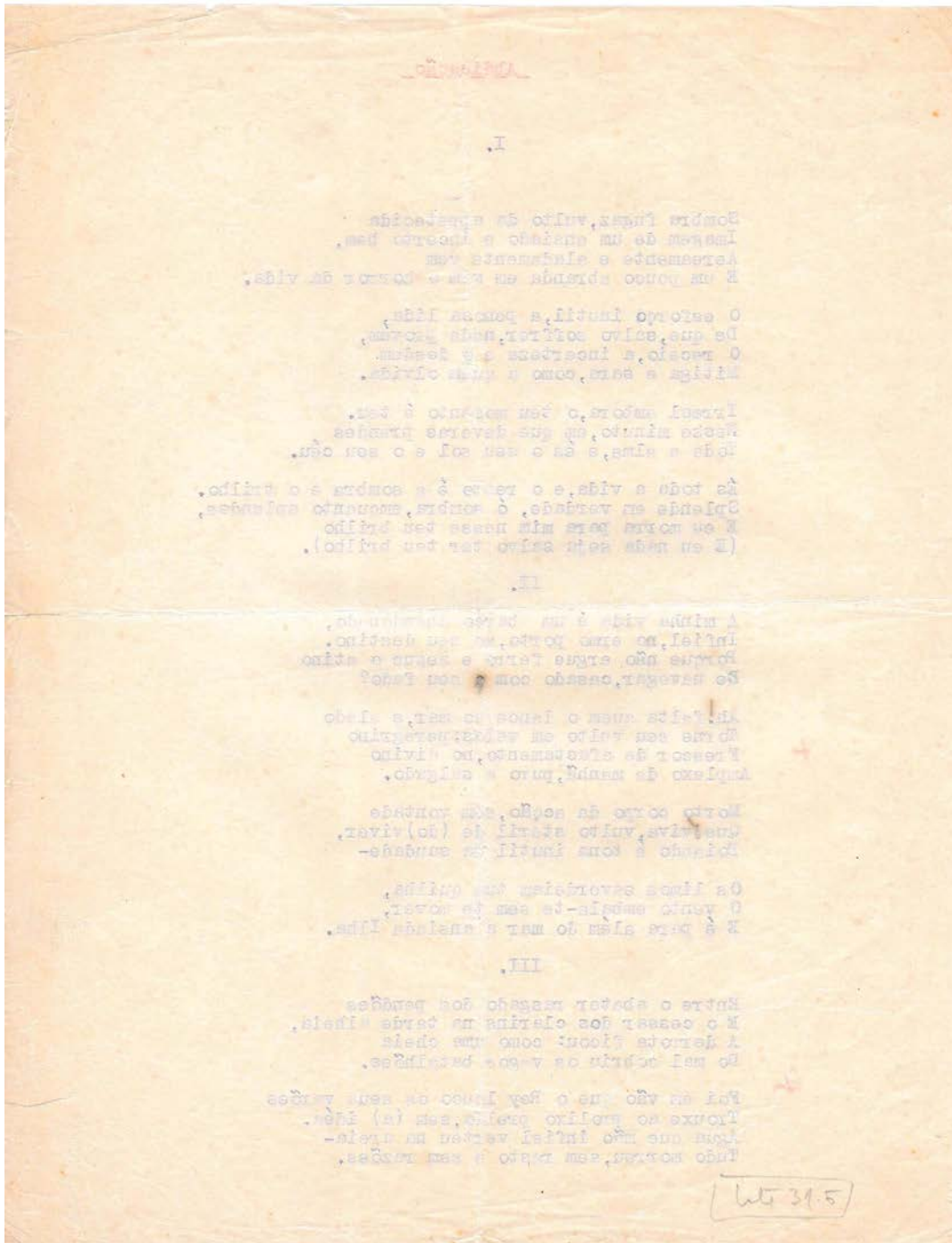


Fig. 41. "Abdição" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-6".



2

A noite cobre o campo, que o Destino  
Com a morte tornou abandonado.  
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos  
Strelam (mostram) no absurdo campo desolado  
Uma derrota heráldica de ignotos.

IV.

São vãs, como o meu sonho e a minha vida,  
As imagens que busco, dor-recreio (alvar recreio),  
Para o meu ocio de cansaço, cheio,  
Para o meu ser deposto e fe perdida.

Nada vale. Renova a despedida  
Todos os dias renovada, o anseio  
Que nem em ti sabes querer, baqueio  
Surdo e ignobil da purpura e da lida.

Reu confesso da tua impenitente  
Indecisão, de inutil reprovada,  
E, reprovada, vil por persistente,

Acceita o nada e que te o Fado obriga,  
E abdica, qual rainha ~~desatunada~~  
Que foi mendiga, e torna a ser mendiga.

V.

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho... Eu sou um Rey  
Que voluntariamente abandonei  
O meu throno de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mãos vãs e calmas entreguei,  
E meu sceptro e coroa - eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inutil;  
Minhas esporas, de um tinir tão futil,  
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
E regresssei á Noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.

Fig. 42. "Abdicação" (coleção Fernando Távora).

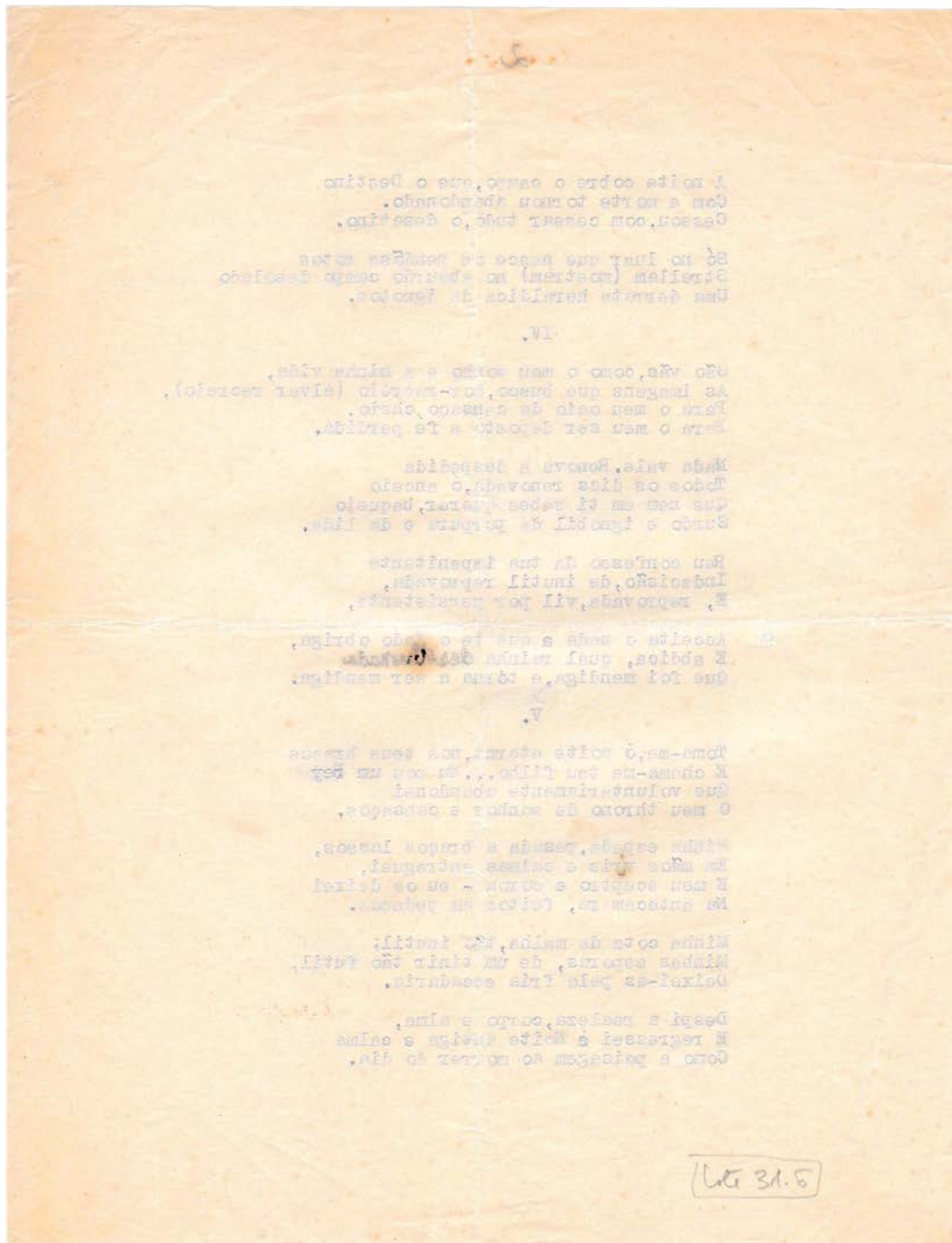


Fig. 43. "Abdicação" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-6".

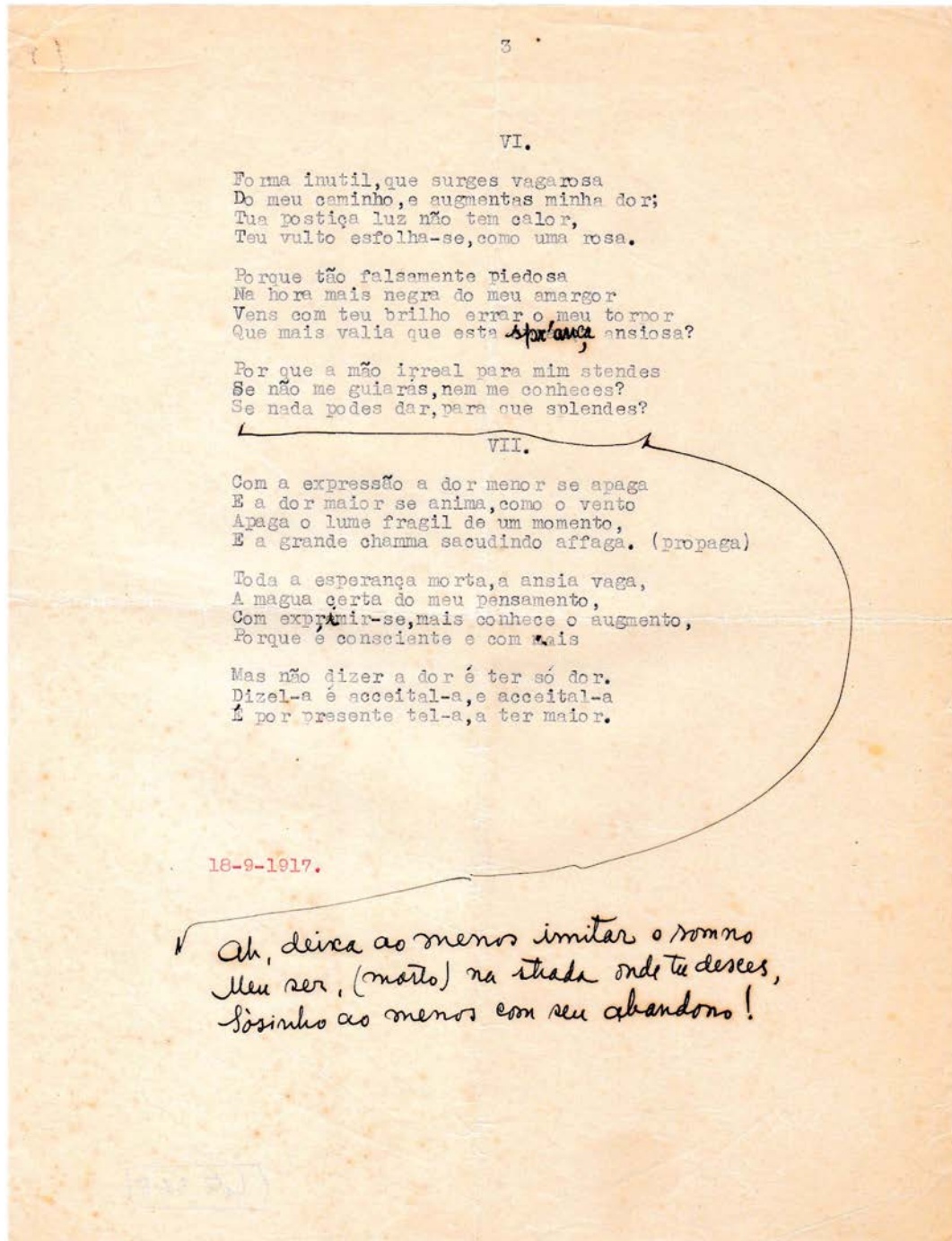


Fig. 44. "Abdicação" (coleção Fernando Távora).

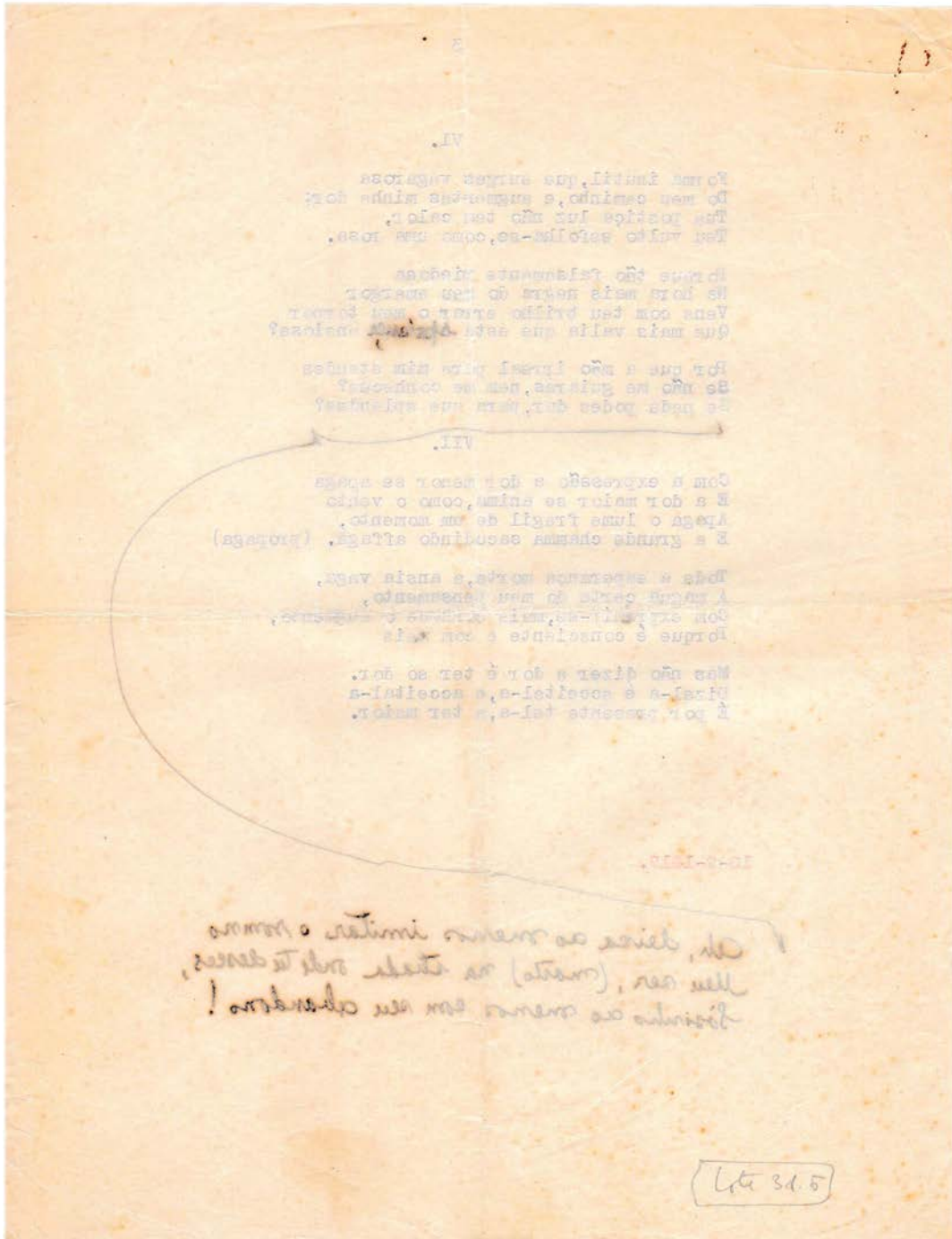
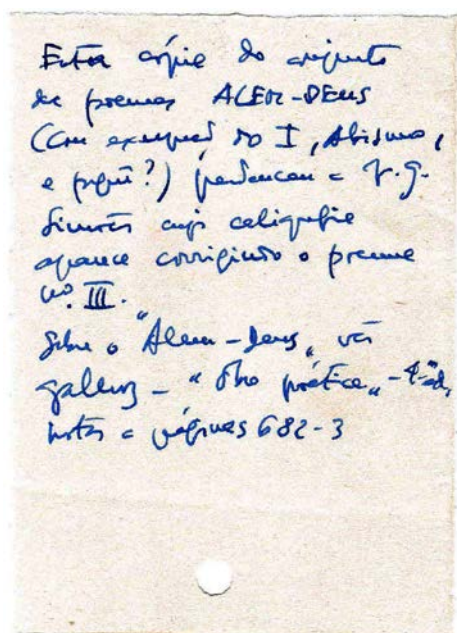


Fig. 45. "Abdicação" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-6".

## V. "Além-Deus" [Lote 31.7]

O ciclo poético de "Além-Deus" também foi copiado por João Gaspar Simões (Figs. 50 a 53), partindo das provas de página de *Orpheu* 3 (Figs. 47 a 49) que terá consultado. O arquitecto Fernando Távora deixou estas observações num dos seus papéis pequenos com notas sobre o arquivo:



Esta cópia do conjunto de poemas ALEM-DEUS (com excepção do I, Abismo, e porquê?) pertenceu a J. G. Simões cuja caligrafia aparece corrigindo o poema n.º III. Sobre o "Alem-Deus", vêr Galhoz - "Obra poética", - 4.ª ed. notas a páginas 682-3

Fig. 46. Notas sobre "Além-Deus" (coleção Fernando Távora)

As notas referidas são as seguintes e encontram-se, de facto, nas páginas 682-683 da 4.ª ed. da *Obra Poética* (PESSOA, 1972).

[58]

ALÉM-DEUS

1. — Destinado a figurar como a colaboração de Fernando Pessoa no n.º 3 de *Orpheu*, que chegou a ser composto em provas mas que razões várias levaram a ser suspenso antes de impresso, foi, praticamente, publicado pela 1.ª vez por Adolfo Casais Monteiro in *Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 do Orpheu*.
2. — Ainda enleados de um transcendentalismo que não está completamente longe da poesia da *Águia*, aflora, com uma certa rigidez formal, a interrogativa ocultista e conceptual a que se inclina tanto a sua poesia ortônima.
3. — Em carta a J. Gaspar Simões, 26 out. 1930, diz o A.:

Causou-lhe estranheza, talvez, o assunto. Isso, porém, procede de v. desconhecer outros poemas meus, inéditos, do mesmo género. Tenho um, incompleto, "Lúcifer", que vai muito além dêste na mesma direcção; e êsse é já antigo. A mesma nuvem paira sôbre os cinco poemas a cujo conjunto chamei ALEM-DEUS, e que escrevi ainda há mais tempo, são cinco pequenos poemas completos, e estiveram para ser publicados (chegaram a ser impressos) num *Orpheu* 3 que foi frustrado de cima. [in CA.]

## 4. — Da primeira, “Abismo”, diz Sá Carneiro, em carta de 3 fev. 1913 :

Tôda ela é uma orquestração de bruma – o poeta manuseia o mistério, interroga o além. E que coisa maravilhosa a 2.<sup>a</sup> estrofe!... Como é bem descrito o estado da alma que interroga: “O que é ser rio e correr? O que é está-lo eu a ver?” E neste verso: “tudo de repente é ôco”, passou uma asa de gênio. Sabe bem que não estou a “elogiar”, que estou apenas a dizer sinceramente o que penso da sua obra.

## Acêrca das outras diz em carta de 26 fev. 1913:

Os seus versos, meu querido Fernando, são uma maravilha, acredite-me, creia-me, por amor de Deus faça-me a justiça de acreditar que os atinjo e, sobretudo, que sou sincero. “O Braço Sem Corpo” é uma das coisas maiores, mais perturbadores, extra-humanas – infinitas, ampliadas que eu conheço. É bem o que nos meus versos eu quero que o artista seja. Os dois primeiros versos das duas primeiras quadras são coisas estranhamente admiráveis, mas sobretudo a última estrofe fêz-me tremer num calafrio alucinador de beleza e de mistério. Eu creio que dificilmente se pode devassar em mais profundidade o desconhecido, dar melhor a ânsia, a perturbação. Coisas como essas não se apreciam, veneram-se. Devo-lhe dizer que a “Voz de Deus” me agrada muito menos e que, se cabe na classificação em que o englobei com o “Braço Sem Corpo” é, quanto a mim, por causa dêsse verso magistral: “ó universo eu sou-te.” As três últimas estrofes acho-as muito inferiores ao restante, mesmo levando em conta a beleza do “sermente em si eu sou-me”. [In *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*.]

Por algum motivo, Gaspar Simões não transcreveu o primeiro poema, “Abysmo”, mas os outros todos são passíveis de confronto. Há uma série de testemunhos antigos que não examinaremos (BNP/E3, 16-22, 16-23, 41-1, 57-33 e 33a, 144D-72), mas que revelam que os poemas são de 1913, embora tenham sido (quase) publicados em 1917 (cf. “...levaram a ser suspenso antes de impresso”).

## ALÉM-DEUS

## I

## ABYSMO

Olho o Tejo, e de tal arte	<input type="checkbox"/>
Que me esquece olhar olhando,	<input type="checkbox"/>
E subito isto me bate	<input type="checkbox"/>
De encontro ao devaneando –	<input type="checkbox"/>
O que é ser-rio, e correr?	<input type="checkbox"/>
O que é stal-o eu a ver?	<input type="checkbox"/>
Sinto de repente pouco,	<input type="checkbox"/>
Vacuo, o momento, o logar.	<input type="checkbox"/>
Tudo de repente é ôco –	<input type="checkbox"/>
Mesmo o meu estar a pensar.	<input type="checkbox"/>
Tudo – eu e o mundo em redór –	<input type="checkbox"/>
Fica mais que exterior.	<input type="checkbox"/>
Perde tudo o ser, ficar,	<input type="checkbox"/>
E do pensar se me some.	<input type="checkbox"/>
Fico sem poder ligar	<input type="checkbox"/>
Ser, idéa, alma de nome	<input type="checkbox"/>
A mim, á terra e aos céus...	<input type="checkbox"/>
E subito encontro Deus.	<input type="checkbox"/>

## ALÉM-DEUS

## I

## ABISMO

II  
PASSOU

Passou, fóra de Quando,  
De Porquê, e de Passando...

Turbilhão de Ignorado,  
Sem ter turbilhonado...

Vasto por fóra do Vasto  
Sem ser, que a si se assombra...

O universo é o seu rasto...  
Deus é a sua sombra...

III  
A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noute...  
De dentro de Fóra ouvi-a...  
*Ó Universo, eu sou-te...*  
Oh, o horror da alegria  
D'este pavor, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéa e de nome  
Em mim, e a voz : *Ó mundo,*  
*Sêrmente em ti eu sou-me...*  
Mero echo de mim, me innundo  
De ondas de negro lume  
Em que pra Deus me afundo.

IV  
A QUEDA

Da minha idéa do mundo  
Cahi...  
Vacuo além de profundo,  
Sem ter Eu nem Alli...

Vacuo sem si-proprio, chaos  
De ser pensado como ser...  
Escada absoluta sem degraus...  
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...  
Clarão de Desconhecido...  
Tudo tem outro sentido, ó alma,  
Mesmo o ter-um-sentido...

II  
PASSOU

Passou, **fora** de Quando,  
De **porquê**, e de **Passado**...

Turbilhão de **ignorado**,  
Sem ter turbilhonado...

Vasto por **fora** do **vasto**  
Sem ser, que a si se assombra...

O universo é o seu rasto...  
Deus é a sua sombra...

III  
A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noute...  
De dentro de **Fora ouvia-se**...  
*Ó Universo, eu sou-te...*  
Oh, o horror da alegria  
**Deste pavor**, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de **idea** e de nome  
Em mim, e a voz : *Ó mundo,*  
**Sermente** em ti eu sou-me...  
Mero **eco** de mim, me **inundo**  
De ondas de negro lume  
Em que pra Deus me afundo.

IV  
A QUEDA

Da minha **idea** do mundo  
Cahi...  
**Vácuo alem** de profundo,  
Sem ter Eu nem Alli...

**Vácuo** sem si-**próprio**, **caos**  
De ser pensado como ser...  
Escada absoluta sem degraus...  
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! **Alem**-Deus! Negra calma...  
Clarão de Desconhecido...  
Tudo tem outro sentido, ó alma,  
Mesmo o ter-um-sentido...

V

BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLADIO

Entre a árvore e o vel-a  
 Onde está o sonho?  
 Que arco da ponte mais vela  
 Deus?... E eu fico tristonho  
 Por não saber se a curva da ponte  
 É a curva do horizonte...

Entre o que vive e a vida  
 Pra que lado corre o rio?  
 Árvore de folhas vestida –  
 Entre isso e Árvore ha fio?  
 Pombas voando – o pombal  
 Está-lhes sempre á direita, ou é real?

Deus é um grande Intervallo,  
 Mas entre quê e quê?...  
 Entre o que digo e o que calo  
 Existo? Quem é que me vê?  
 Erro-me... E o pombal elevado  
 Está em torno na pomba, ou de lado?

FERNANDO PESSOA

V

BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLADIO

Entre a árvore e o **vê-la**  
 Onde está o sonho?  
 Que arco da ponte mais vela  
 Deus?... E eu fico tristonho  
 Por não saber se a curva da ponte  
 É a curva do **horizonte**...

Entre o que vive e a vida  
 Pra que lado corre o rio?  
 Árvore de folhas vestida –  
 Entre isso e Árvore ha fio?  
 Pombas voando – o pombal  
**Estas**-lhes sempre à direita, ou é real?

Deus é um grande **Intervalo**,  
 Mas entre quê e quê?...  
 Entre o que digo e o que calo  
 Existo? Quem é que me vê?  
 Erro-me... E o pombal elevado  
 Está em torno na pomba, ou de lado?

Fernando Pessoa

Do *Orpheu* 3 – 1917 Páginas 186, 187, 188.

Esta transcrição é menos fiel do que a anterior e pelo menos três alterações serão lapsos do copista: “Passado” por “Passando”, no v. 2 de “Passou”; “ouviasse”, por “ouvi-a”, no v. 2 de “A Voz de Deus”; e “Estas-lhes” por “Está-lhes”, no v. 12 de “Braço sem corpo brandindo um gládio”. O resto são modernizações da ortografia mais ou menos consistentes.

No inventário do lote 31 o arquitecto Fernando Távora refere muitos outros documentos, mas nenhum deles tem cabimento nesta apresentação de poemas pessoanos. Interessados em composições poéticas, é forçoso percorrer outros lotes. Assim, no lote 3 encontram-se registados “No horizonte solemne” e “Liberdade”; no 12, “Hora absurda”; e no 39, “Sol nullo dos dias vãos”. Há outros poemas mencionados no inventário, mas alguns ainda devem ser localizados e estudados (veja-se, de Carlos Pittella, neste número, “Juliano Apóstata: um poema em três arquivos”). Ao que parece, “No horizonte solemne” – que pertenceu a João Gaspar Simões, que assinou a autenticidade do documento a pedido de Manuel Ferreira e por sugestão do arquitecto Távora – estará inédito. Pelo menos não figura no tomo da edição crítica dedicado aos poemas de 1915-1920, nem no tomo da Assírio & Alvim (hoje, Porto Editora) da poesia pessoana de 1902-1917.



**ALÉM-DEUS**

## I

**ABYSSO**

Olho o Tejo, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
É subito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é ser-rio, e correr?  
O que é stal-o eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vacuo, o momento, o logar.  
Tudo de repente é ôco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redór —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéa, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E subito encontro Deus.

## II

**PASSOU**

Passou, fóra de Quando,  
De Porquê, e de Passando...

Turbilhão de Ignorado,  
Sem ter turbilhonado...

Vasto por fóra do Vasto  
Sem ser, que a si se assombra...

O universo é o seu rasto...  
Deus é a sua sombra...

Fig. 47. "Além-Deus" (Orpheu 3).

## III

## A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noute...  
 De dentro de Fóra ouvi-a...  
*O' Universo, eu sou-te...*  
 Oh, o horror da alegria  
 D'este pavor, do archote  
 Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéa e de nome  
 Em mim, e a voz: *O' mundo,*  
*Sérmente em ti eu sou-me...*  
 Mero echo de mim, me innundo  
 De ondas de negro lume  
 Em que pra Deus me afundo.

## IV

## A QUEDA

Da minha idéa do mundo  
 Cahi...  
 Vacuo além de profundo,  
 Sem ter Eu nem Alli...

Vacuo sem si-proprio, chaos  
 De ser pensado como ser...  
 Escada absoluta sem degraus...  
 Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...  
 Clarão de Desconhecido...  
 Tudo tem outro sentido, ó alma,  
 Mesmo o ter-um-sentido...

Fig. 48. "Além-Deus" (Orpheu 3).

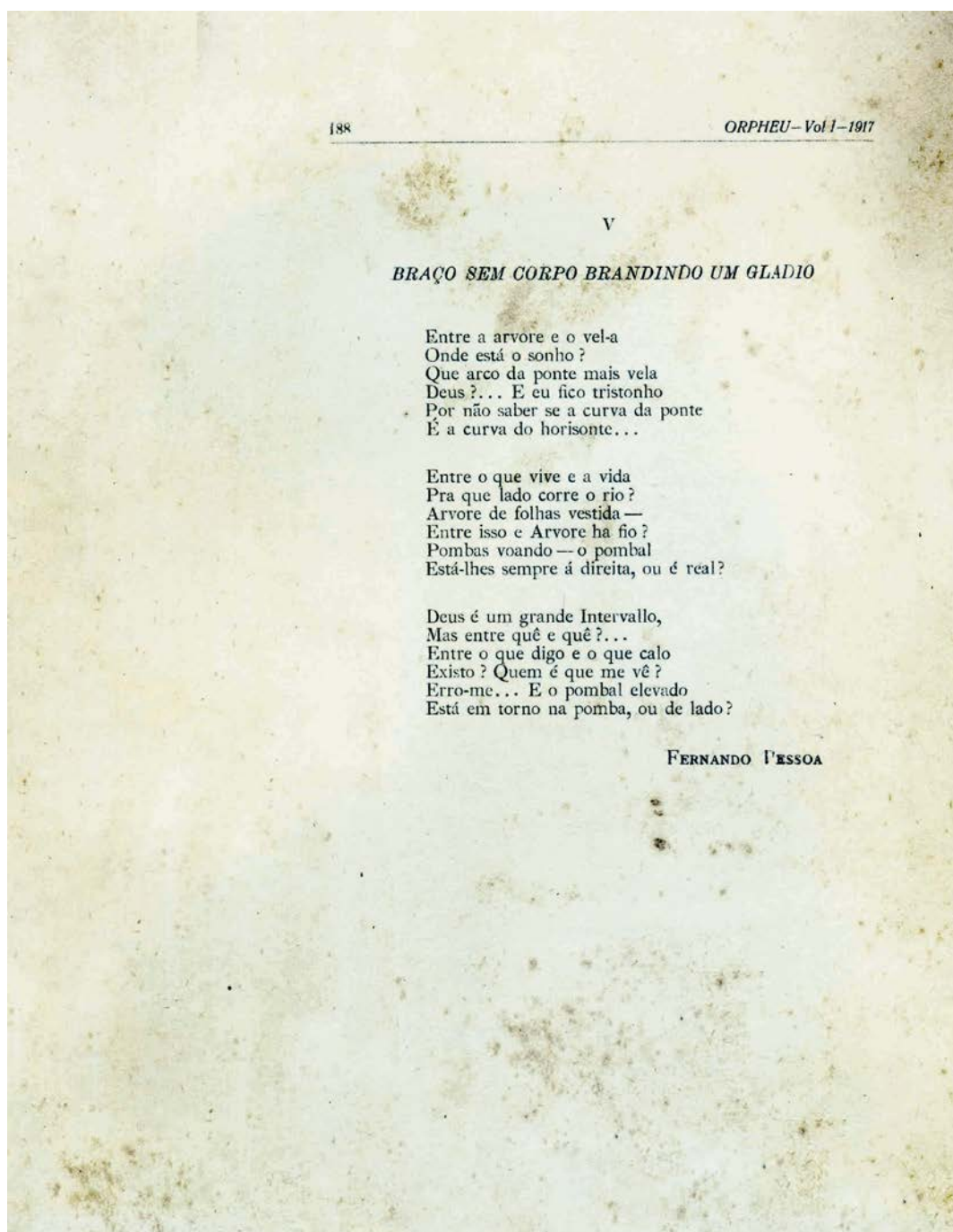


Fig. 49. "Além-Deus" (Orpheu 3).

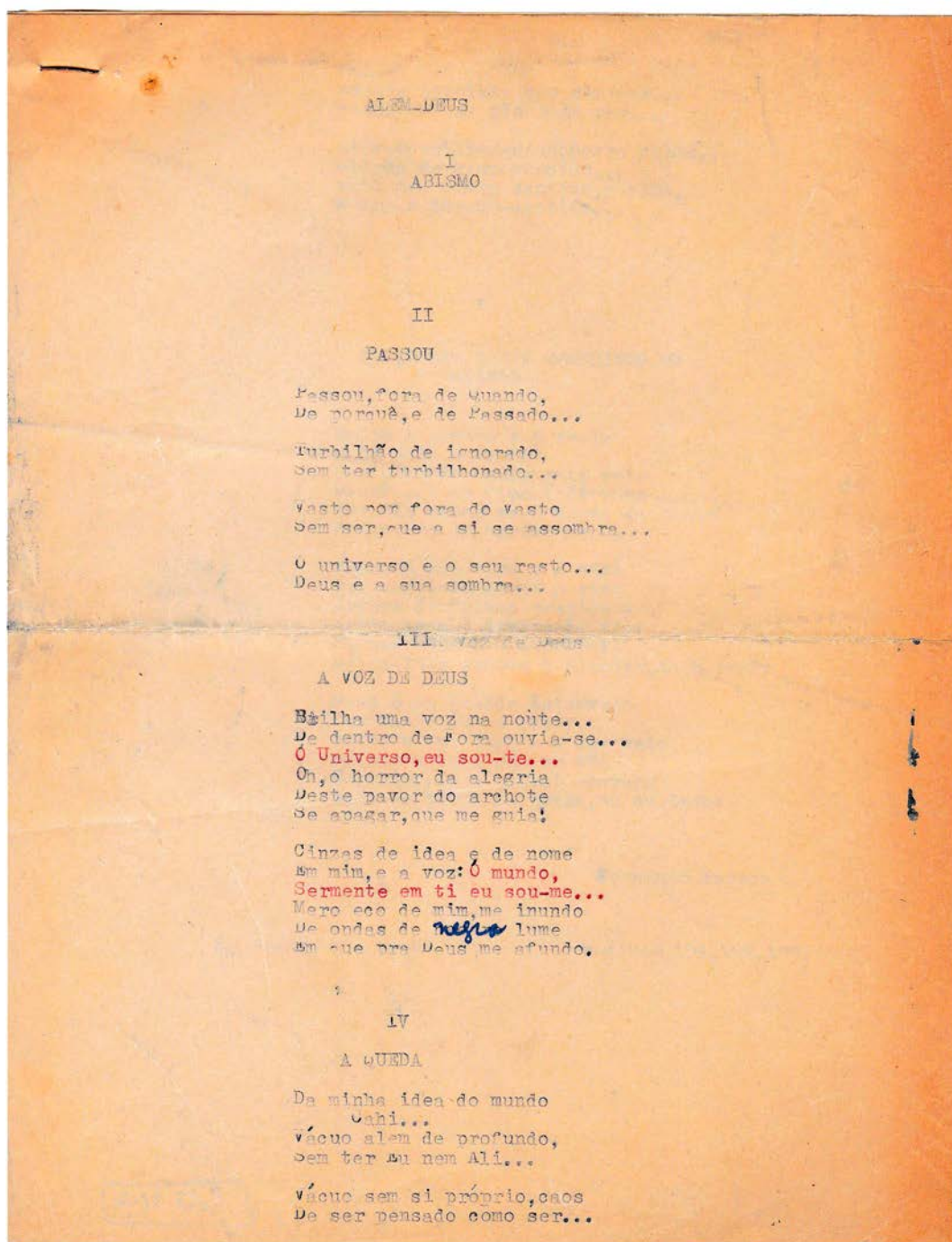


Fig. 50. "Além-Deus" (coleção Fernando Távora).

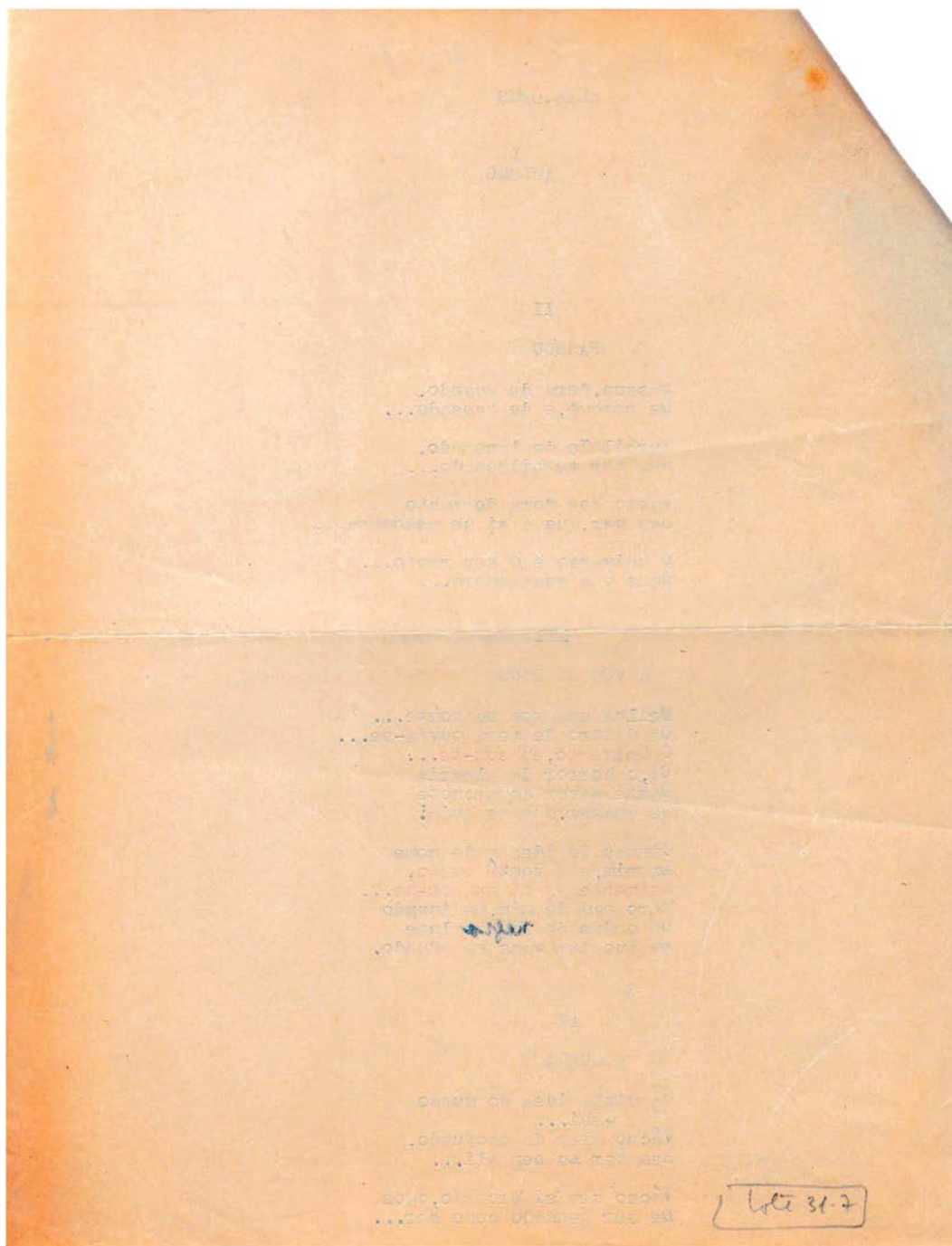


Fig. 51. "Além-Deus" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-7".

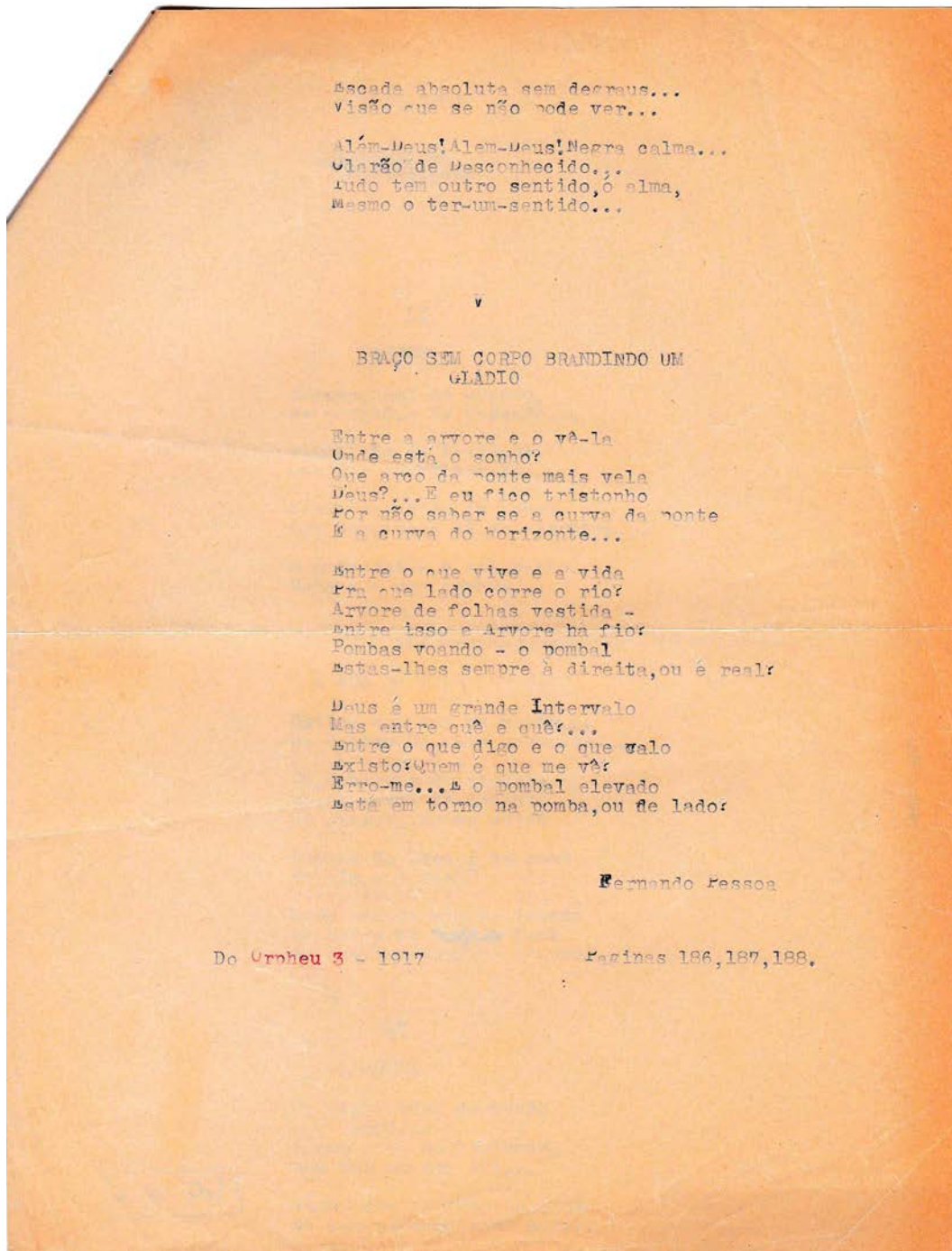


Fig. 52. "Além-Deus" (coleção Fernando Távora).

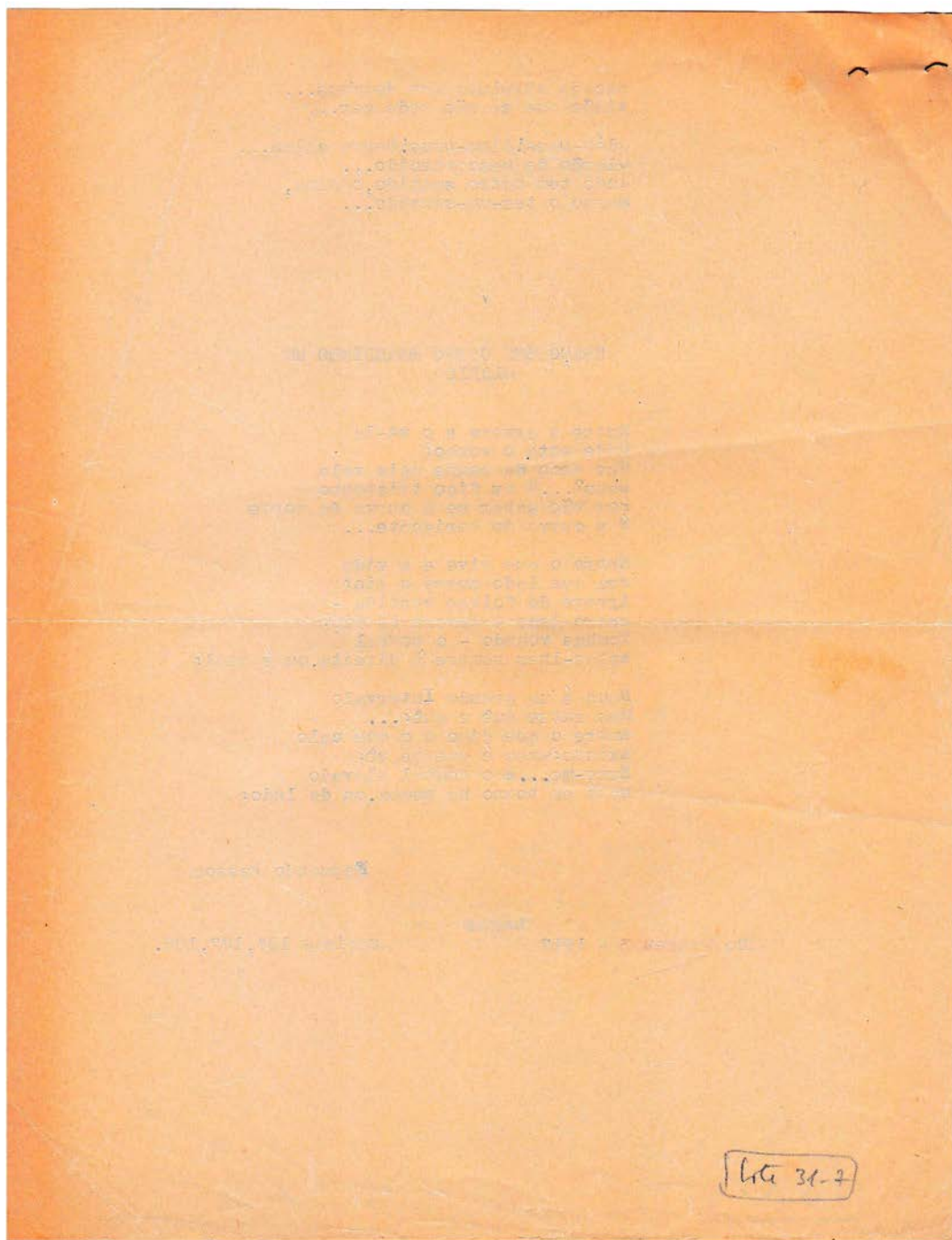


Fig. 53. "Além-Deus" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "lote 31-7".

## VI. “No horizonte solemne” [Lote 3]

Este poema fez parte da Exposição Iconográfica e Bibliográfica associada ao 1.º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, de cuja montagem foi responsável Fernando Távora. No catálogo dessa exposição, o poema corresponde ao documento 61 (CENTRO DE ESTUDOS PESSOANOS, 1978: 5). Vejam-se duas folhas onde o Arquitecto se refere a “No horizonte solemne” (Figs. 54 e 55), um poema que não faz parte das edições de poesia pessoana.

S/a casa A. Xavier Pinto & [↑ C.ª] - vêr J. G. Simões  
- “V[ida] e obra de F. P[essoa]”, - II, 158. 49,  
em Maio de 1916 já a casa A. Xavier Pinto  
está em 101 R. de S. Julião 1.º - vêr sob[re]scrito  
de uma ms. carta que tenho dirigida  
por Carlos Ferreira a F.P.  
.... “montanhas de papéis rabiscados... etc... etc  
redigidos à máquina, no intervalo de uma carta  
para Manchester ou de um bilhete postal para  
Londres... ” - J. G. Simões “V. e O. de F.P.” - II -  
VI. 335 -  
O deixar palavras ou expressões em branco  
para preencher mais tarde, não “adequando”,  
assim o “andamento poético”, é próprio de  
F. P. Aqui aparece no 9.º verso: “Pela  
verde da carcassa”. Vêr caso semelhante  
numa poesia inédita, sobre Guisado, publicada  
pela “Flama”, n.º 1198.  
É evidente que neste ms e tiposcrito todo

o acido e a autoria a F.P., excepto  
de o pequeno texto que autentica  
do documento, a autoria a J. Gaspar  
Simões.  
Este documento pertenceu portanto a  
J. Gaspar Simões que o autenticou =  
um pedido e foi intermediário de Lisboa -  
alfarrabista M[anu]el Ferreira que me  
vendeu.  
Ante a ausência deste poema em Gallego -  
“Ora porque a F.P., pois que o tipo  
inédito.  
Este original figurou na Exposição realizada  
quando do 1.º Congresso de Estudos Pessoaanos  
(n.º 61 do Catálogo)

Figs. 54 e 55. Notas sobre “No horizonte solemne” (coleção Fernando Távora).

S/a casa A. Xavier Pinto & [↑ C.ª] - vêr J. G. Simões  
- “V[ida] e obra de F. P[essoa]”, - II, 158. 49,

em Maio de 1916 já a casa A. Xavier Pinto  
está em 101 R. de S. Julião 1.º - vêr sob[re]scrito  
de uma das cartas que tenho dirigida  
por Carlos Ferreira a F[ernando] P[essoa].<sup>26</sup>

.... “montanhas de papéis rabiscados... etc... etc  
redigidos à máquina, no intervalo de uma carta  
para Manchester ou de um bilhete postal para  
Londres... ” - J. G. Simões “V. e O. de F.P.” - II -  
p. 335 -

O deixar palavras ou expressões em branco  
para preencher mais tarde, não “adequando”,  
assim o “andamento poético”, é próprio de  
F. P. Aqui aparece no 9.º verso: “Pela  
verde da carcassa”. Vêr caso semelhante  
numa poesia inédita, sobre Guisado, publicada  
pela “Flama”, n.º 1198.

É evidente que neste ms e tiposcrito todo  
o escrito é da autoria de F. P., exceptuan-  
do o pequeno texto que autentica  
o documento, da autoria de J[oa]o Gaspar  
Simões.

Este documento pertenceu portanto a  
J[oa]o Gaspar Simões que o autenticou a  
meu pedido e por intermédio do livreiro-  
alfarrabista M[anu]el Ferreira que me  
vendeu.

Este original figurou na Exposição realizada  
quando do 1.º Congresso de Estudos Pessoaanos  
(n.º 61 do Catálogo)

<sup>26</sup> É interessante a nota do arquitecto Fernando Távora porque sugere que não teria esse endereço noutros materiais (cartas, nomeadamente), à época; cf. SÁ-CARNEIRO (2017: 672).



O poema está datado, de 3 de Julho de 1915, mas não deixa de ser interessante que o arquitecto Fernando Távora estude o timbre da folha e relacione dois documentos da sua colecção. Além disso, cita um trecho da biografia de Gaspar Simões e uma reportagem da revista *Flama*. Veja-se o trecho e a referência bibliográfica:

Tinha montanhas de papéis rabiscados – sobrescritos recobertos de versos, facturas comerciais sulcadas de poemas escritos de um jacto, folhas de agendas enegrecidas de quadras, de sonetos, de canções, ora tracejados a tinta, ora apontados a lápis, ora redigidos à máquina, no intervalo de uma carta para Manchester ou de um bilhete postal para Londres, e notas mil, breves, sumárias, ilegíveis, cabalísticas, de onde poderia extrair ensaios, odes, contos, manifestos, estudos críticos, aforismos estéticos, doutrinas filosóficas, teorias políticas, sistemas religiosos e romances “policiários” –, havia que fechar-se em casa, meter mãos à obra e aproveitar o tempo de vida que lhe restava – os astros não lhe prometiam longevidade – para organizar a sua obra e principiar a publicação dos seus livros.

Ah, mas quando? quando?

(GASPAR SIMÕES, 1950: II, 335)

2979. LETRIA, Joaquim e LOBO, Joaquim. “Fernando Pessoa: Um poeta em sobrescritos”. In *Flama*, XXVII, 1198, Lisboa, 2/19/1971, pp. 29-48.

*Reportagem ilustrada sobre a vida e a obra de FP, em que se revela que o Poeta “rezava e contava em inglês”. O seu meio-irmão Michael Rosa conta que “Fernando era um pouco estranho nessa altura. Mas era um homem de imaginação delirante, em completo e intenso funcionamento.”*

(in BLANCO, 2008: I, 439)

Segue-se a transcrição do poema (feita em colaboração com Ricardo Vasconcelos) e depois o fac-símile do documento (Figs. 56 e 57). Não se transcreve o verso, mas é interessante reparar na existência de uma factura comercial para o “Snr. Alfredo Cilia” por conta dos representantes da firma Guilherme Puls & Companhia, de comissões e consignações, sedeadas no Porto, mas com delegações em Lisboa e noutras cidades portuguesas.

3-7-1915.

I.

No horizonte solemne,  
 No livido horizonte  
 <Estremece> Já estremece um vago horror do dia  
 Do dia que vae ser aquella infrene  
 Tortura de agonia  
 A perturbar o mar, e valle e monte  
 Toda a paisagem angustiada e fria  
 Sente que lhe perpassa  
 Pela verde □ da carcassa  
 Uma luz irreal e de prophecia.

Dia de terramotos e de eclipse  
 Este que vai raiar  
 Sobre a terra e o mar.  
 Dia de tempestades e clarões  
 Sobre o esbracejar  
 Das pavidas nações  
 Dia de sombra, fôgo e apocalypse.

## II.

Eis que já do Oriente  
 Qual <a aurora que> pavôr que, nascente,  
 Inunda de suor a fronte da Hora,  
 Raia, como um attonito arrepio  
 O silencio<sup>27</sup> do sol inda escondido.  
 Vêde: a relva mal chora  
 E no silencio frio  
 Um pasmo do futuro erra perdido...<sup>28</sup>

## III.

Agora vão Neptuno e Urano, oppostos,  
 Derramar sangue sobre a terra inteira.  
 Senhor, piedade para os vagos rostos<sup>29</sup>  
 Virados para o céu  
 Dos homens pela terra derradeira  
 Esperando dos astros o labéu.

Salvo a lacuna que comenta – e talvez lamenta – o arquitecto Fernando Távora, trata-se de um poema bastante “acabado” e de grande beleza. A paisagem matinal é perpassada por “uma luz irreal e de profecia”, o dia raia, mas é um “dia de sombra, fôgo e apocalypse” em que “o futuro erra perdido”, e Neptuno, o deus romano do mar, e Urano, a divindade que personificava o céu, derramam “sangue sobre a terra inteira”. Talvez este poema possa ser lido no contexto do ano de 1915 e das considerações pessoais sobre “a desolação mortífera da guerra europeia” referidas e estudadas por António Sousa RIBEIRO (2017), entre outros, atendendo ao facto de os homens esperarem “o labéu”. Mas também no contexto de outros poemas de 1915, tais como “Gládio” (PESSOA, 2000: 53-54) ou “Saque da cidade...” (PESSOA, 2000: 56), onde profecia, guerra e paisagem estão presentes.

No lote 3, onde figura o registo de “No horizonte solemne”, também existe aquele do poema “Liberdade”.

---

<sup>27</sup> silncio ] *no original*.

<sup>28</sup> perdido... ] *com quatro pontos*.

<sup>29</sup> <t>r\ostos

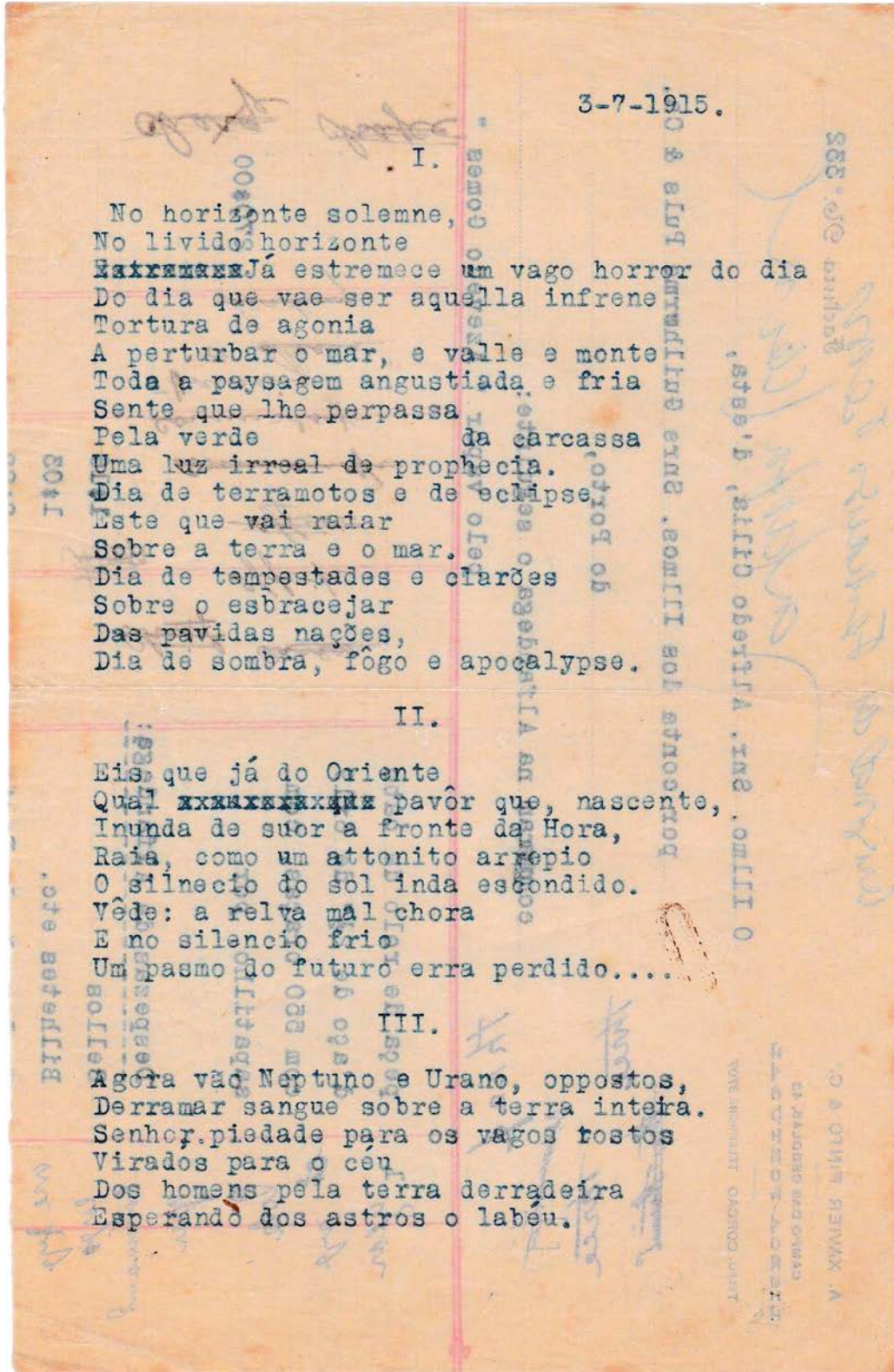


Fig. 56. "No horizonte solemne" (coleção Fernando Távora).

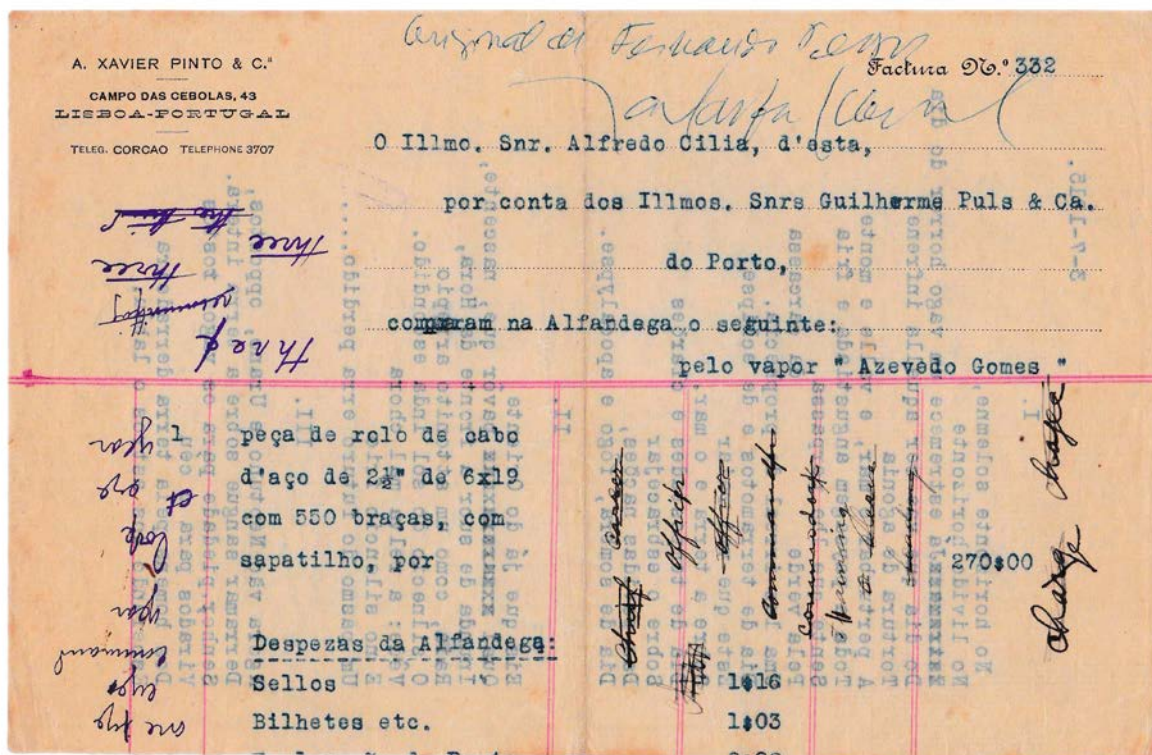


Fig. 57. “No horizonte solempne”, verso de folha (coleção Fernando Távora).

## VII. “Liberdade” [Lote 3]

Nas longas notas que fez para este poema, o arquitecto Fernando Távora foi descobrindo o sentido político e anti-salazarista do mesmo, após uma crítica de índole filológica na qual reparou – como Luís PRISTA, em “O melhor do mundo não são as crianças” (2003) – que o poema não é infantil e que o verso 21 não tem o artigo definido “as”, antes de “crianças” (veja-se também PESSOA, 2015: 275-276 e PITTELLA & PIZARRO, 2017: 212-216). Távora não tinha a revista *Seara Nova*, n.º 526, de 2 de Setembro de 1937, onde o poema foi bem publicado, com data de “16-3-1935” e com o verso 21 certo, “Mas o melhor do mundo são crianças”, mas tinha uma cópia absolutamente fiel aos dois dactiloscritos do espólio pessoano (BNP/E3, 118-54 e 55), provavelmente dactilografada por Pessoa. Daí as suas dúvidas relativas à forma em que o poema foi publicado depois de 1937. A certa altura, o arquitecto refere-se a Manuel Mendes, um escritor e artista, um democrata de esquerda desde jovem ligado à *Seara Nova*. Foi a Mendes que Pessoa entregou o poema “Liberdade” para publicar na revista, talvez a pedido do próprio Mendes. Segundo diz Távora, Augusto Abelaira, amigo de Mendes, relatou na televisão, em 1978, uma frase que terá ouvido ao seu amigo; mas a revista *Seara Nova*, em Junho de 1974, já tinha contado essa história, revelando que o poema foi rejeitado em 1935 pela censura:

Como se sabe – e Jorge de Sena o regista na segunda das suas notas [publicadas antes desta] –, o poema “Liberdade”, que Pessoa escreveu em Março de 1935, saiu na *Seara* em Setembro de 1937. Hoje, é finalmente possível revelar-se a esse respeito o que antes de 25 de Abril era de todo impossível.

Pelo menos desde 1932, um dos jovens amigos de café de F. Pessoa era Manuel Mendes. Foi a ele que o poeta entregou o poema “Liberdade”, acabado de passar à máquina, para que, se assim o entendesse, e na *Seara* o quisessem, lá saísse. Quiseram; mas o lápis do censor, ante a última estância (“O mais do que isto / É Jesus Cristo, / Que não sabia nada de finanças / Nem consta que tivesse biblioteca...”), embirrou com o terceiro verso dela: “... não sabia nada de finanças”. Entenderia o tropa que manejava o lápis que era uma alusão a... Salazar. Só dois anos corridos outro censor deixou passar.

É esta a história, sem dúvida edificante, de Fernando Pessoa ter sido um “seareiro”... póstumo.

Manuel Mendes, que não viveu o bastante para pensar em escrever um livro de memórias, falava de vez em quando das suas relações com Fernando Pessoa. Não faltará quem se lembre muito bem dos ditos do poeta sobre o ditador, que ele fixara e repetia.

([SILVEIRA], 1974: 20)<sup>30</sup>

Esta “Nota adicional” – ver Bibliografia – não está assinada, mas será da autoria de Pedro da Silveira. Resumindo, Abelaira não revelou nada de novo na televisão em 1978, mas a sua intervenção foi decisiva para o arquitecto Távora terminar de compreender o poema pessoano. Vejam-se as notas deste último:

A liberdade é publicada,  
com a data de 16/3/35 in  
Coeses Monteiro - Antolo-  
gia de F.P. - Confluência -  
I - pg. 82-83 [↑ da 1.ª ed.]; aí se  
diz, pág. 96, que a poesia  
foi publicada na "Seara  
Nova", - n.º 526. Na 2.ª  
ed. a nota vem no fim.  
Em Galhoz - "O.P. de F.P.",  
3.ª ed., pág. 695 diz [↑ -se] que  
a Liberdade foi publ. pela  
1.ª vez na Seara Nova,  
n.º 526, de 2/set/37 e  
que a sua data original  
é de 16/março/35;  
←→ aí, pg. 188-9  
a poesia é publicada sem  
data; haverá que vê se  
<que> na Seara foi  
publicada com data e  
nesso caso tenho dú-

A Liberdade é publicada,  
com a data de 16/3/35 in  
Casaes Monteiro - "Antolo-  
gia de F.P.", - Confluência -  
I - pg. 82-83 [↑ da 1.ª ed.]; aí se  
diz, pág. 96, que a poesia  
foi publicada na "Seara  
Nova,, - n.º 526. Na 2.ª  
ed. a nota vem no fim.  
Em Galhoz - "O.P. de F.P.,,  
3.ª ed., pág. 695 diz [↑ -se] que  
a Liberdade foi publ. pela  
1.ª vez na Seara Nova,  
n.º 526, de 2/set/37 e  
que a sua data original  
é de 16/março/35;  
←→ aí, pg. 188-9  
a poesia é publicada sem  
data; haverá que vê se  
<que> na Seara foi  
publicada com data e  
nesse caso tenho dú-

Nota a ser feita sobre  
original; mas se é,  
onde foi encontrada a  
data do poema?  
em Galhoz - ob. cit.  
pg. 673<?> diz-se que  
F.º P. não costumava  
datar os seus poemas,  
quando os publicava.  
[→ vêr aqui <2> <3> <verso>]  
Este original pertencia a  
Camara Reis (da Seara  
Nova) e estava inserido  
num caderno (marcas  
do lado esquerdo da folha)  
do qual o retirou o  
M[anu]el Ferreira; toda a  
correspondência do Cama-  
ra Reis foi vendida por  
M.ª Ferreira ao Alberto  
Serpa, tendo ficado  
apenas com este poema  
de F.P. que depois me  
vendeu.

vida de que seja este o  
original; mas se é,  
onde foi encontrada a  
data do poema?

em Galhoz - ob. cit.  
pg. 673<?> diz-se que  
F.º P. não costumava  
datar os seus poemas,  
quando os publicava.

[→ vêr aqui <2> <3> <verso>]  
Este original pertencia a  
Camara Reis (da Seara  
Nova) e estava inserido  
num caderno (marcas  
do lado esquerdo da folha)  
do qual o retirou o  
M[anu]el Ferreira; toda a  
correspondência do Cama-  
ra Reis foi vendida por  
M.ª Ferreira ao Alberto  
Serpa, tendo ficado  
apenas com este poema  
de F.P. que depois me  
vendeu.

Figs. 58 e 59. Notas sobre “Liberdade”  
(coleção Fernando Távora).

<sup>30</sup> Agradeço a José Barreto esta referência.

Nas Poesias de F.P. (Ática), qual a data? <sup>2</sup>  
 data à "Liberdade"; mas não como outras  
 recollidas a data?  
 s/a "Liberdade" (publicada em 1937 e não em  
 1938 como aí se diz) vê - Feliciano Ramos -  
 "Esp. n.º 1.º e a poesia nova", - (17-181-2); c.  
 acrescenta a liberdade  
 o apontamento a l'apris, nos custos deste  
 "tiposcrito" e a autoria a rel. Ferreira,  
 o livreiro que me vendeu, mas está erra-  
 do na data a Seara Nova que é 2/set e  
 ut 11/set, segundo o atrás transcrito de  
 Galhoz. s/a "Liberdade" vê "Seara Nova" julho  
 1974, n.º 1545 q. tenho nos recortes s/F.P.  
 Qual o sentido de "(falta uma citação de  
 Sêneca)", que aqui aparece e com que o  
 poema foi publicado, quer na "Seara" (creio)  
 quer nas obras completas? Faltará mesmo uma  
 citação ou será intencional a referência à falta?  
 Creio mais na 2.ª hipótese mas ignoro o sentido.  
 A vêr.

Nas Poesias de F.P. (Ática), não se atribue <sup>2</sup>  
 data à "Liberdade"; onde terá Casais Monteiro  
 recolhido a data?

s/a "Liberdade" (publicada em 1937 e não em  
 1938 como aí se diz) vê - Feliciano Ramos -  
 "Eug. de Castro e a poesia nova", - pg. 181-2; c.  
 comentário de interesse.

O apontamento a l'apris, nas costas deste  
 "tiposcrito", é de autoria de M[anu]el Ferreira,  
 o livreiro que me vendeu, mas está erra-  
 do na data da Seara Nova que é 2/set e  
 não 11/set, segundo o atrás transcrito de  
 Galhoz. [→ imp. s/a liberdade - vêr "Seara Nova", - Julho  
 1974, n.º 1545 q. tenho nos recortes s/F.P.]

Qual o sentido de "(falta uma citação de  
 Sêneca)", que aqui aparece e com que o  
 poema foi publicado, quer na "Seara" (creio)  
 quer nas obras completas? Faltará mesmo uma  
 citação ou será intencional a referência à falta?  
 Creio mais na 2.ª hipótese mas ignoro o sentido.  
 A vêr.

Haverá qualquer relação a "Liberdade", com o  
 texto, anterior, de Ant[ónio] Ferro in "Teoria  
 da indiferença", que diz: "Só os ignorantes, como eu,  
 podem fazer revelações. Jesus não sabia mate-  
 mática...?"  
 Nota-se que na quadra "Grande é a poesia..."  
 é acrescentado as antes de "crianças", quer  
 na 1.ª ed. da Ática quer nas 1.ª e 2.ª da "Confluência".  
 Assim nessa quadra há várias versões quanto  
 a vírgulas.  
 Parece-me que é mais correcto "crianças, sem  
 as p[or] que se insere em "...crianças, flores,  
 música, o luar e o sol..."; pondo "as crianças",  
 deveria seguir-se: "as flores, a música,, Seria  
 assim? Em Galhoz ("obra poética,, - Aguilar), 3.ª  
 ed. vem, pág. 188-9, vem as crianças. Mas há  
 também erros, na vírgula, no verso "como  
 tem tempo,, não tem pressa,, - Há que  
 comparar todas as versões com o meu original.  
 O (falta uma citação de Sêneca) que se encontra no  
 meu original vem em Galhoz, mas não vem na Ática  
 nem na Confluência. Vêr no q[ue] se refere a Notas no  
 fim.

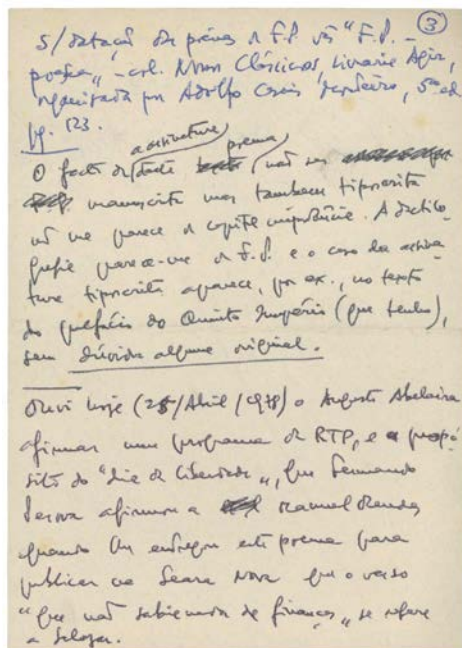
Haverá qualquer relação de "Liberdade", com o  
 texto, anterior, de Ant[ónio] Ferro in "Teoria  
 da indiferença,, que diz: "Só os ignorantes, como eu,  
 podem fazer revelações. Jesus não sabia mate-  
 mática...,"?

Notar que na quadra "Grande é a poesia..."  
 é acrescentado as antes de "crianças,, quer  
 na 1.ª ed. da Ática quer nas 1.ª e 2.ª da "Confluência,,.  
 Assim nessa quadra há várias versões quanto  
 a vírgulas.

Parece-me que é mais correcto "crianças,, sem  
 as p[or] que se insere em "...crianças, flores,  
 música, o luar e o sol..."; pondo "as crianças,,  
 deveria seguir-se: "as flores, a música,, Seria  
 assim? Em Galhoz ("obra poética,, - Aguilar), 3.ª  
 ed. vem, pág. 188-9, vem as crianças. Mas há  
 também erros, na vírgula, no verso "como  
 tem tempo,, não tem pressa,, - Há que  
 comparar todas as versões com o meu original.

Figs. 60 e 61. Notas sobre "Liberdade"  
 (coleção Fernando Távora).

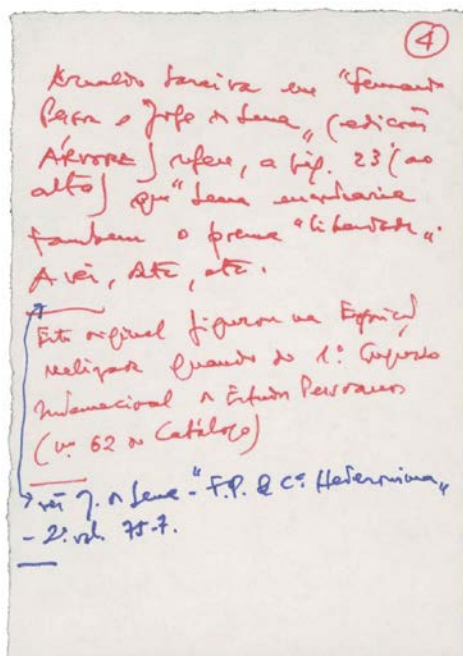
O (falta uma citação de Sêneca) que se encontra no  
 meu original vem em Galhoz, mas não vem na Ática  
 nem na Confluência. Vêr no q[ue] se refere a Notas no  
 fim.



3  
S/ datação de poesias de F.P. vêr "F.P. -  
poesia,, - col. Novos Clássicos, Livraria Agir,  
organizada por Adolfo Casais Monteiro, 5.ª ed.  
pg. 123.

O facto de [↑ a assinatura] [d]este <texto> não ser <assinado por>  
<F.P.> manuscrita mas também<sup>31</sup> tiposcrita  
não me parece de capital importância. A dactilo-  
grafia parece-me de F.P. e o caso da assina-  
tura tiposcrita aparece, por ex., no texto  
do prefácio do Quinto Império (que tenho),  
sem dúvida alguma original.

Ouvi hoje (25/Abril/1978) o Augusto Abelaira  
afirmar num programa da RTP, e a propó-  
sito do "dia da liberdade,, que Fernando  
Pessoa afirmou a <M.> Manuel Mendes  
quando lhe entregou este poema para  
publicar na Seara Nova que o verso  
"que não sabia nada de finanças,, se refere  
a Salazar.



4  
Arnaldo Saraiva em "Fernando  
Pessoa e Jorge de Sena,, (edições  
ÁRVORE) refere, a pág. 23 (ao  
alto) que "Sena encontraria  
também<sup>32</sup> o poema "Liberdade,,  
A vêr, data, etc.

Este original figurou na Exposição  
realizada quando do 1.º Congresso  
Internacional de Estudos Pessoaanos  
(n.º 62 do Catálogo)

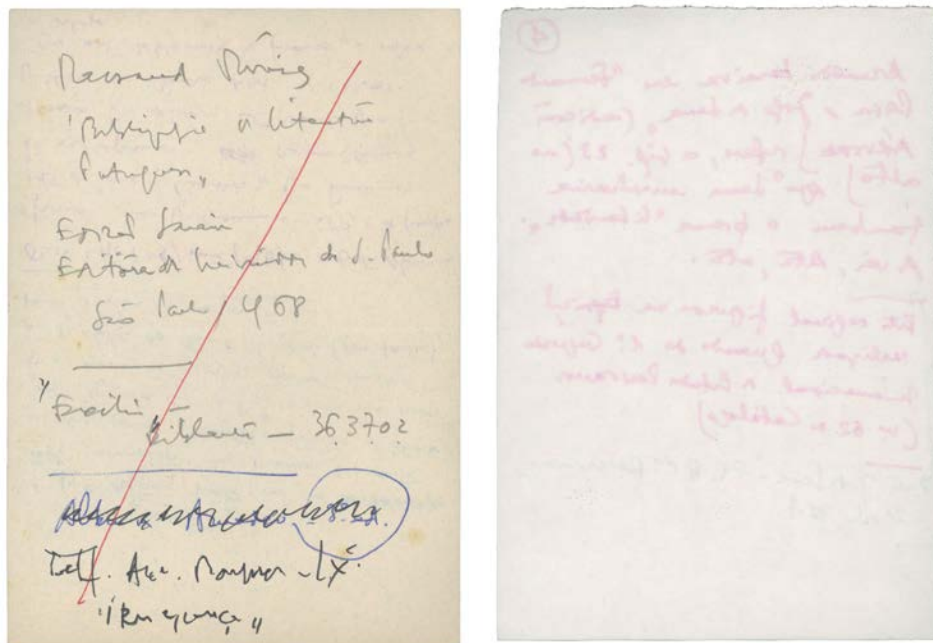
vêr J. de Sena - "F.P. & C.ª Heterónima",  
- 2.º vol. 75-7.

Figs. 62 e 63. Notas sobre "Liberdade"  
(coleção Fernando Távora).

<sup>31</sup> também ] no original.

<sup>32</sup> também ] no original.

<sup>33</sup> Heterónima ] no original.



Figs. 64 e 65. Versos das folhas numeradas 3 e 4.  
Referência à “Bibliografia da literatura portuguesa”  
de Massaud Moisés, e outros apontamentos riscados  
(coleção Fernando Távora).

A consulta da revista *Seara Nova* e a realização do pretendido pelo arquitecto Távora (“Há que comparar todas as versões com o meu original”) é hoje mais simples e exequível. Transcreve-se a seguir o testemunho da colecção Fernando Távora (Figs. 70 e 71), acompanhando o texto com algumas notas de rodapé (cf. Figs. 66 a 69, e 72). São significativos o “fazer.”, com ponto, do verso 4, e o “tão”, modernizado, do verso 11:

*Liberdade*

(falta uma citação de Seneca)<sup>34</sup>

Ai que prazer  
Não cumprir um dever,<sup>35</sup>  
Ter um livro para ler  
E não o fazer.<sup>36</sup>  
Ler é maçada,<sup>37</sup>  
Estudar é nada.<sup>38</sup>

<sup>34</sup> **BNP (118-54<sup>r</sup>)** não tem epígrafe **BNP (118-55<sup>r</sup>)** (falta uma citação de Seneca) ] *sublinhado* **Távora** (falta uma citação de Seneca) **Seara** (falta uma citação de Séneca) ] *sublinhado*

<sup>35</sup> **BNP (118-54<sup>r</sup>)** dever! **BNP (118-55<sup>r</sup>)** dever, **Távora** dever, **Seara** dever,

<sup>36</sup> **BNP (118-54<sup>r</sup>)** <E esquecer> E não o fazer. **BNP (118-55<sup>r</sup>)** E não o fazer! **Távora** E não o fazer. **Seara** E não o fazer!

<sup>37</sup> **BNP (118-54<sup>r</sup>)** <Por que> <l>/L\er é maçada **BNP (118-55<sup>r</sup>)** Ler é maçada, **Távora** Ler é maçada, <Estudar> **Seara** Ler é maçada



O sol doura  
Sem literatura.  
O rio corre, bem ou mal,<sup>39</sup>  
Sem edição original.  
E a brisa, essa,  
De tão<sup>40</sup> naturalmente matinal,  
Como tem tempo,<sup>41</sup> não tem pressa.

Livros são papeis pintados com tinta.<sup>42</sup>  
Estudar é uma coisa em que está indistinta<sup>43</sup>  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.<sup>44</sup>

Quanto é melhor, quando ha bruma,  
Esperar por D. Sebastião,  
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são crianças,<sup>45</sup>  
Flores, musica, o luar, e o sol, que peca<sup>46</sup>  
Só quando, em vez de criar, seca.<sup>47</sup>

O mais do que isto  
É Jesus Cristo,<sup>48</sup>  
Que não sabia nada de finanças  
Nem consta que tivesse biblioteca...<sup>49</sup>

Fernando Pessoa<sup>50</sup>

<sup>38</sup> **BNP (118-54r)** <E> <e>/E\studar <não> é nada. **BNP (118-55r)** Estudar é nada. **Távora** Estudar é nada. **Seara** Estudar é nada

<sup>39</sup> **BNP (118-54r)** O rio corre bem ou mal **BNP (118-55r)** O rio corre, bem ou mal, **Távora** O rio corre, bem ou mal, **Seara** O rio corre, bem ou mal,

<sup>40</sup> **BNP (118-54r)** De tam **BNP (118-55r)** De tam **Távora** De tão **Seara** De tam

<sup>41</sup> **BNP (118-54r)** <Tem tam pouca pressa!> Como tem tempo, **BNP (118-55r)** Como tem tempo **Távora** Como tem tempo, **Seara** Como tem tempo

<sup>42</sup> **BNP (118-54r)** com <letras,> tinta. **BNP (118-55r)** com tinta. **Távora** com tinta. **Seara** com tinta.

<sup>43</sup> **BNP (118-54r)** indistincta<,> **BNP (118-55r)** indistinta **Távora** indistinta **Seara** indistinta

<sup>44</sup> **BNP (118-54r)** A distinção entre nada e cousa nenhuma. **BNP (118-55r)** A distinção entre nada e coisa nenhuma. **Távora** A distinção entre nada e coisa nenhuma. **Seara** A distinção entre nada e coisa nenhuma.

<sup>45</sup> **BNP (118-54r)** <O melhor do mundo são crianças> [↓ Mas o melhor do mundo são crianças,] **BNP (118-55r)** Mas o melhor do mundo são crianças, **Távora** Mas o melhor do mundo são crianças, **Seara** Mas o melhor do mundo são crianças,

<sup>46</sup> **BNP (118-54r)** o luar e o sol que pecca **BNP (118-55r)** o luar, e o sol, que peca **Távora** o luar, e o sol, que peca **Seara** o luar, e o sol, que peca

<sup>47</sup> **BNP (118-54r)** secca. **BNP (118-55r)** seca. **Távora** seca. **Seara** seca.

<sup>48</sup> **BNP (118-54r)** Christo, **BNP (118-55r)** Cristo, **Távora** Cristo, **Seara** Cristo,

<sup>49</sup> **BNP (118-54r)** bibliotheca. **BNP (118-55r)** biblioteca... **Távora** biblioteca... **Seara** biblioteca...

<sup>50</sup> **BNP (118-54r)** com data **BNP (118-55r)** com data e nome impresso **Távora** com nome impresso **Seara** com data e nome impresso

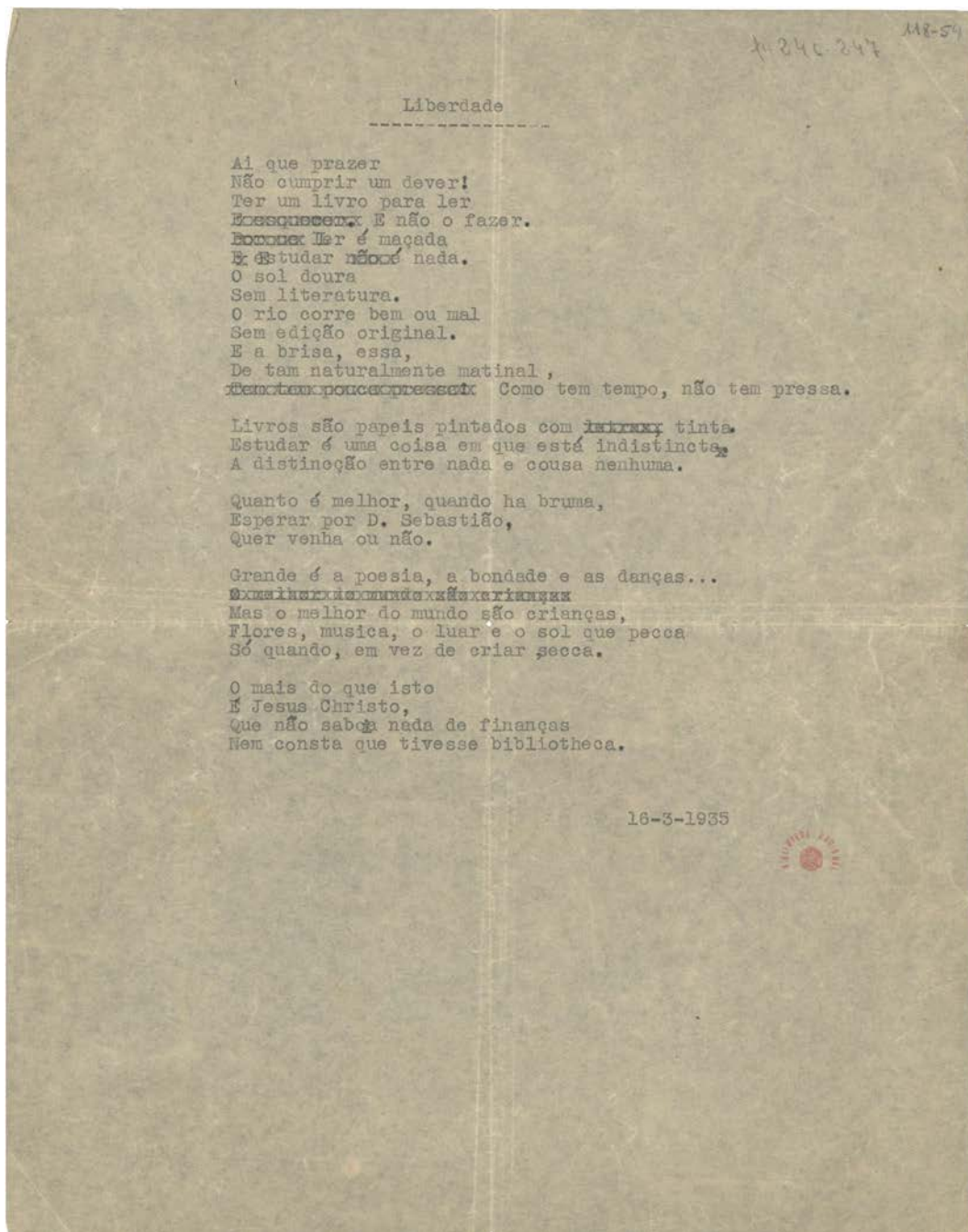


Fig. 66. "Liberdade" (BNP/E3, 118-54).

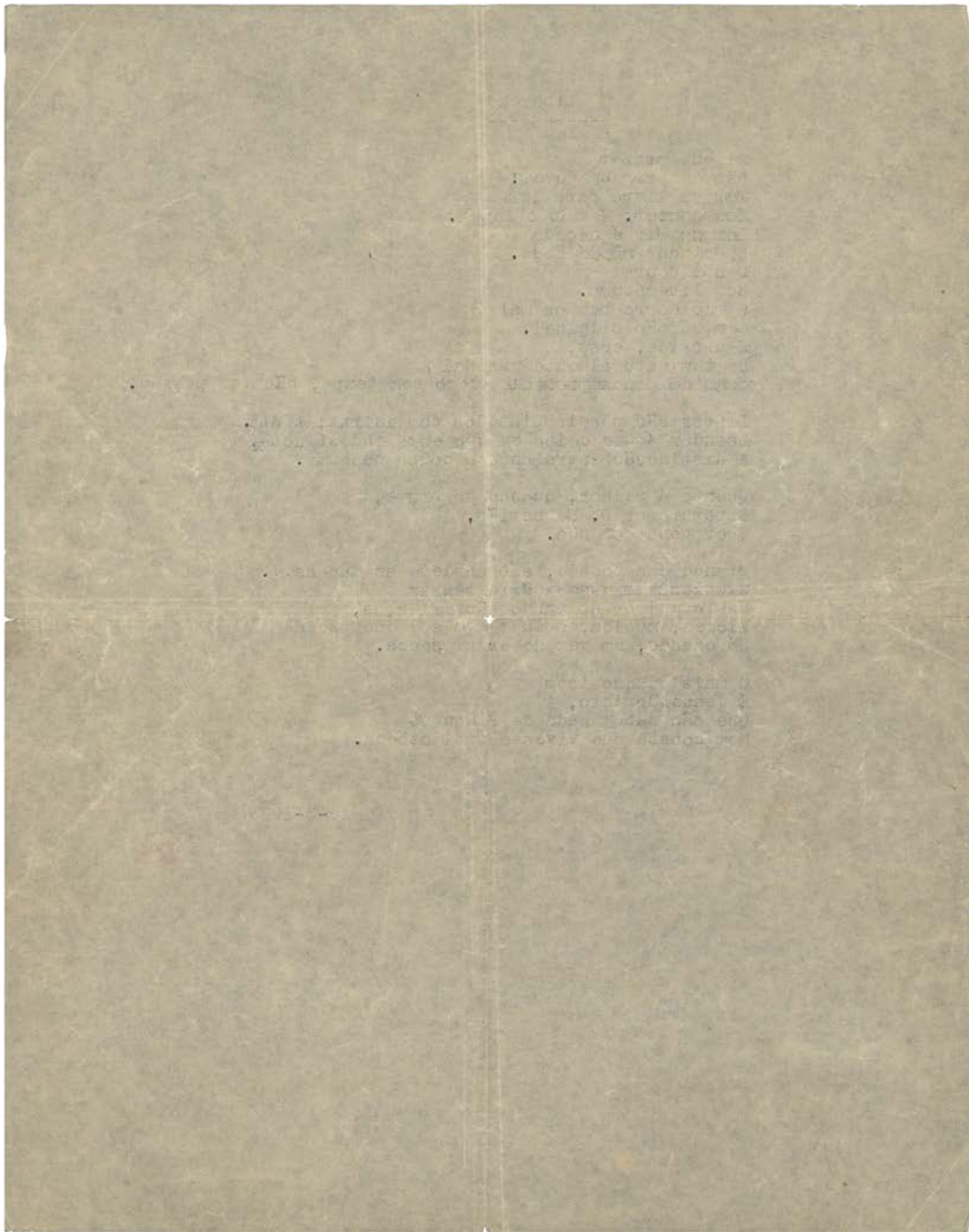


Fig. 67. "Liberdade" (BNP/E3, 118-54<sup>v</sup>).

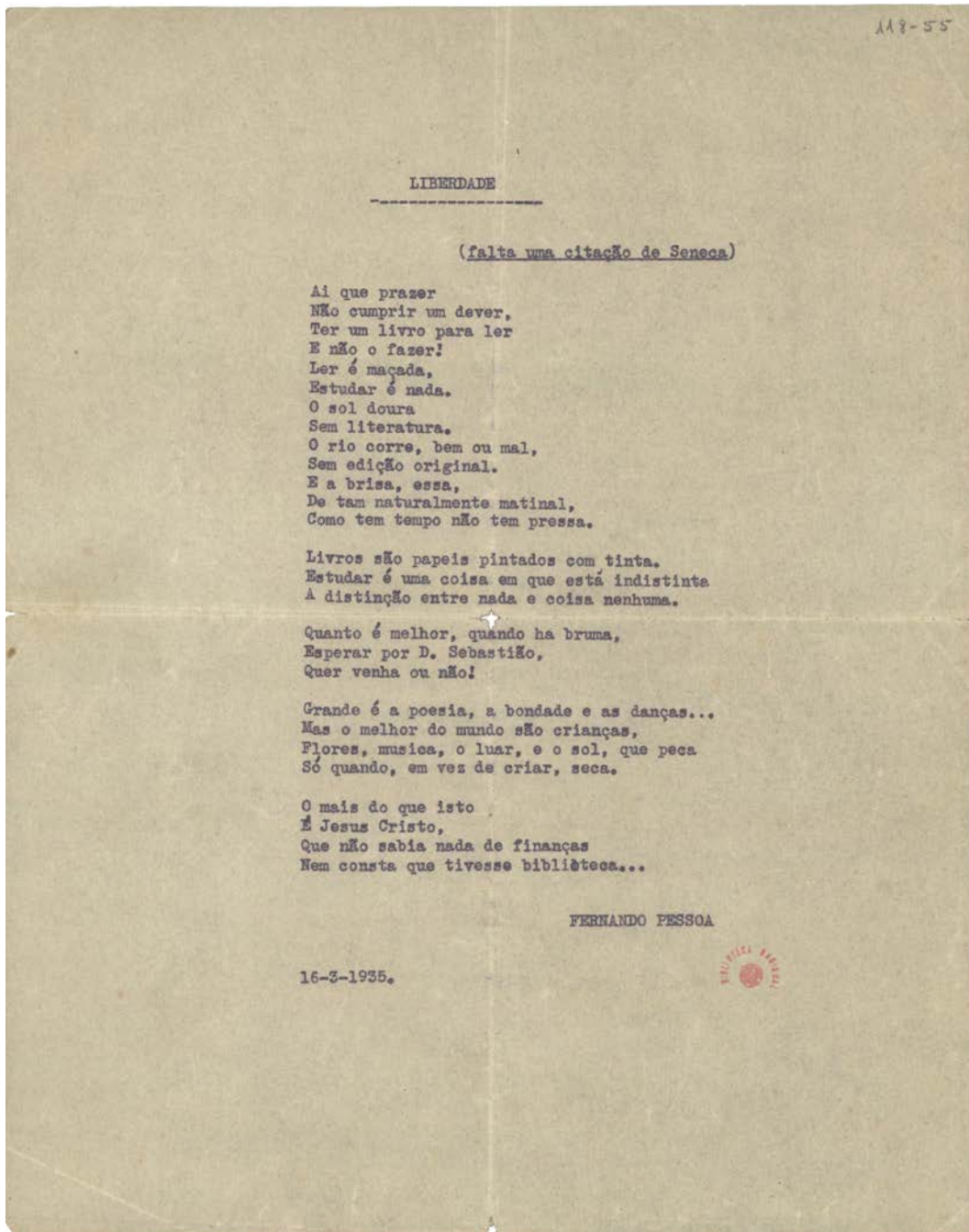


Fig. 68. "Liberdade" (BNP/E3, 118-55).

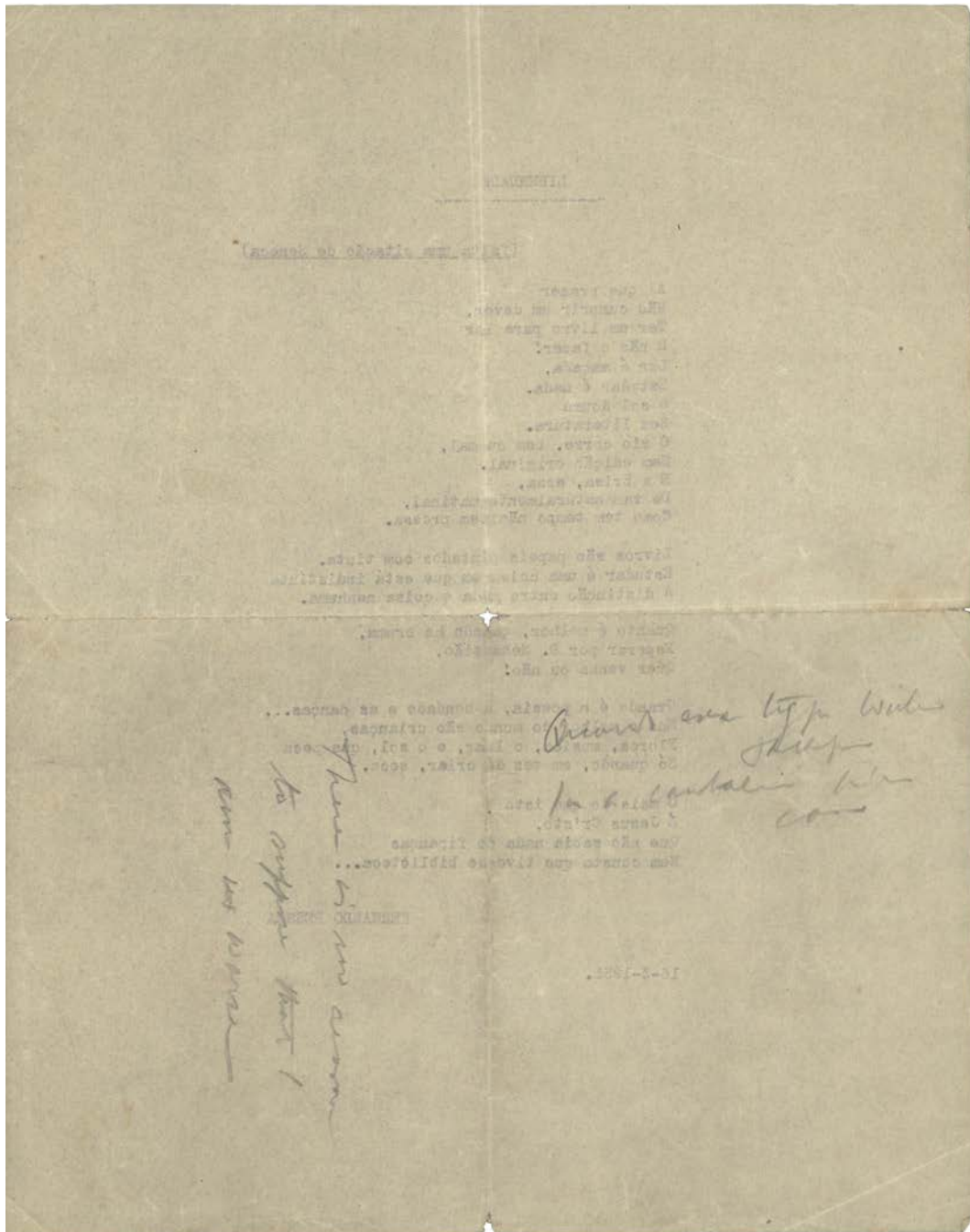


Fig. 69. "Liberdade" (BNP/E3, 118-55<sup>v</sup>). Existem duas notas:  
 "Quando essa typa William Shakespeare | Ia a cambalear p'ra casa"  
 "There is no reason to suppose that I am not worse...".

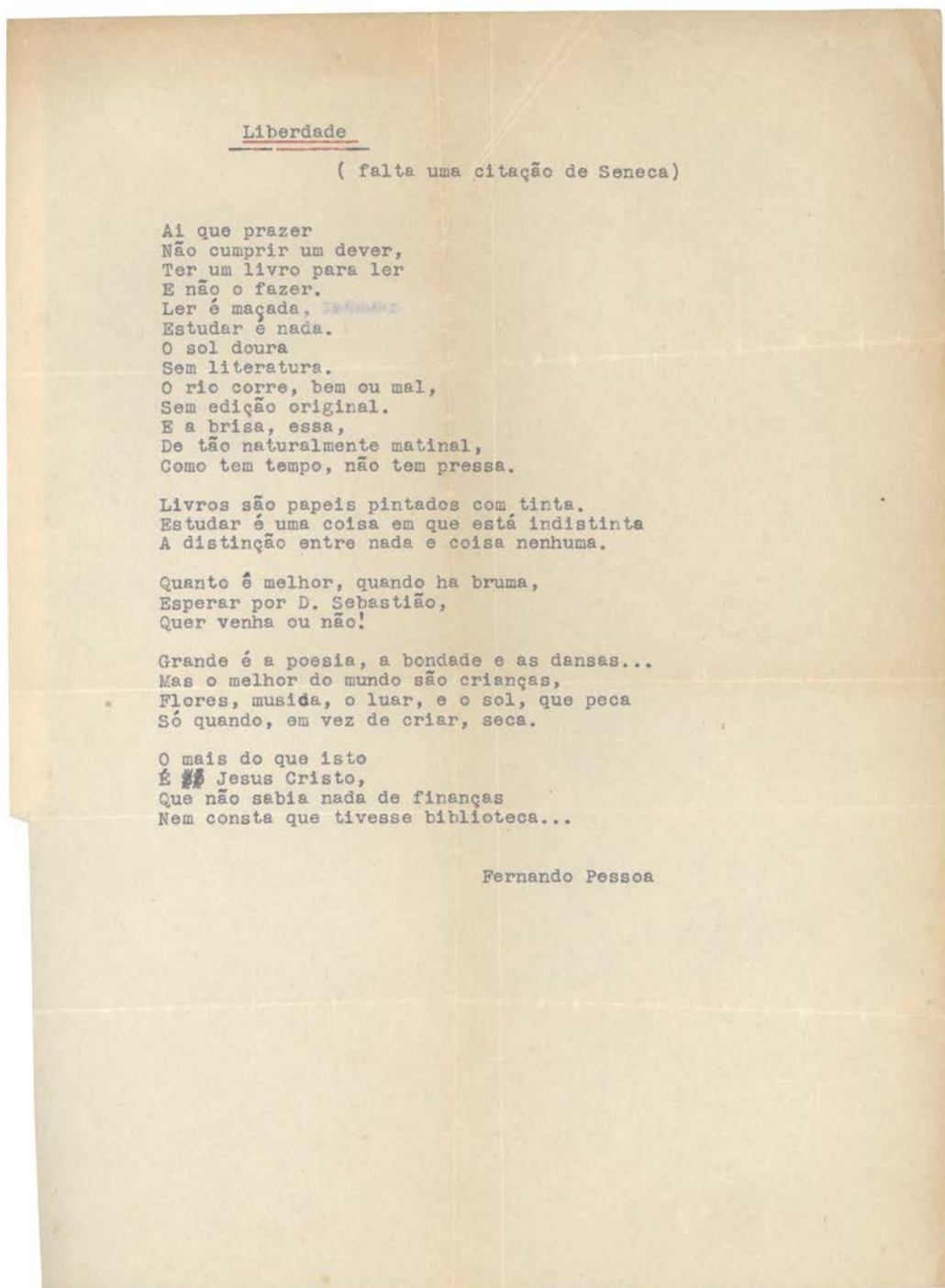
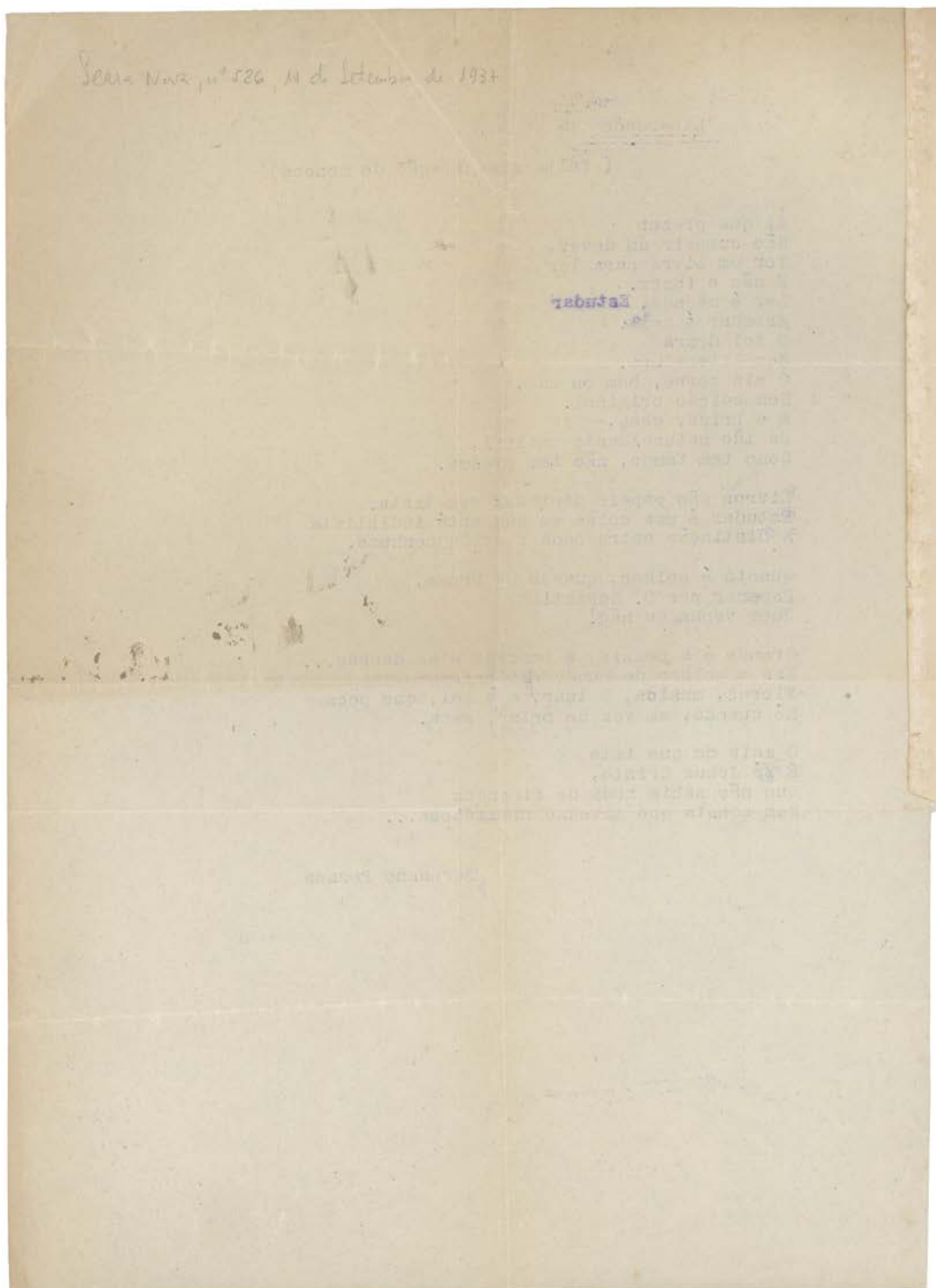


Fig. 70. "Liberdade" (coleção Fernando Távora).



**Fig. 71. "Liberdade" (coleção Fernando Távora).**  
Na margem superior lê-se: "Seara Nova, n.º 526, 11 de Setembro de 1937".

SEARA NOVA

427

UM INÉDITO DE FERNANDO PESSOA

## L I B E R D A D E

*(falta uma citação de Sêneca)*

Ai que prazer  
 Não cumprir um dever,  
 Ter um livro para ler  
 E não o fazer!  
 Ler é maçada,  
 Estudar é nada.  
 O sol doura  
 Sem literatura.  
 O rio corre, bem ou mal,  
 Sem edição original.  
 E a brisa, essa,  
 De tam naturalmente matinal,  
 Como tem tempo não tem pressa.

Livros são papéis pintados com tinta.  
 Estudar é uma coisa em que está indistinta  
 A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,  
 Esperar por D. Sebastião,  
 Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
 Mas o melhor do mundo são crianças,  
 Flores, música, o luar, e o sol, que peca  
 Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto  
 É Jesus Cristo,  
 Que não sabia nada de fianças  
 Nem consta que tivesse biblioteca...

16-3-1935

F E R N A N D O P E S S O A

Fig. 72. "Liberdade" (Seara Nova).



## VIII. “Hora absurda” [Lote 12]

O arquitecto Fernando Távora adquiriu o testemunho dactilografado de “Hora absurda” que pertenceu a Alfredo Guisado, e que terá sido utilizado para preparar a publicação do poema na *Revista Mensal de Arte, Letras e Ciências, Exílio*, em Abril de 1916. Finalmente, a separação tipográfica das páginas está indicada (ver Figs. 78, 80 e 82) e as diferenças entre o texto dactilografado e o impresso (Figs. 86 a 90), assinaladas apenas em notas de rodapé, são mínimas. Mas antes de rever o poema, vejam-se as notas do arquitecto, as quais revelam o seu profundo conhecimento da bibliografia activa e passiva pessoana. Távora inclui entre as referências o longo ensaio introdutório de Luigi Panarese, a sua antologia *Poesie* (Milão: Lerici Editori, 1967) e o *Dicionário de Literatura* (Porto: Livraria Figueirinhas, 1969), com direcção de Jacinto do Prado Coelho, que teve muitas reimpressões e reedições.

Ref. int. à Hora Absurda  
in Joel Serrão - "Cartas  
de F.P. a A. Côrtes Rodrigues"  
- pag. 10; Aliete Galhoz - "Obra  
poética", - 3.ª ed. pg 682, n.º  
[56] - c. interesse.

Publicada, pela 1.ª vez, na  
revista "Exílio", dirigida por  
A. Santa Rita, Pedro de  
Menezes (Alf. Guisado), A.  
Ferro e Côrtes Rodrigues,  
razão pela qual se encontra  
este original nas mãos  
de Alf. Guisado, de onde  
veio recentemente.

Sobre o facto acima e s/ a  
"Hora Absurda", - J.G. Simões -  
"Vida e obra de F.P.", - II, 70, 71,  
74, e ainda I - 179, 192,

Não esquecer o título do  
livro de Mário Sacramento -  
"F.P. - poeta da hora absurda,"

①  
Ref. int. à Hora Absurda  
in Joel Serrão - "Cartas  
de F.P. a A. Côrtes Rodrigues",  
- pag. 10; Aliete Galhoz - "Obra  
poética", - 3.ª ed. pg 682, n.º  
[56] - c. interesse.

Publicada, pela 1.ª vez, na  
revista "Exílio", dirigida por  
A. Santa Rita, Pedro de  
Menezes (Alf. Guisado), A.  
Ferro e Côrtes Rodrigues,  
razão pela qual se encontra  
este original nas mãos  
de Alf. Guisado, de onde  
veio recentemente.

Sobre o facto acima e s/ a  
"Hora Absurda", - J.G. Simões -  
"Vida e obra de F.P.", - II, 70, 71,  
74, e ainda I - 179, 192,

Não esquecer o título do  
livro de Mário Sacramento -  
"F.P. - poeta da hora absurda,"

s/ a "Hora Absurda", e seu  
significado na poetica  
de F.P., relações com o  
Paulismo, etc - vêr Georg  
Rudolf Lind - "Teoria  
Poética de F.P." - ed. Inova<sup>51</sup>,  
pg. 22 e s<sup>tes</sup> <vêr págs.>  
<128, 223, 326.>

Anexo a este original de  
F.P. um "fac-símile", da  
parte final do poema  
"Hora Absurda", que veio  
da casa de Alf. Guisado  
por intermédio do Sr.  
Ernesto Martins, da "Bibloar-  
te", - Foi-me dado pelo  
M.ª Ferreira, em 8/VIII/72.  
Trata-se de uma prova  
e falta-me saber onde foi  
publicado este "fac-símile",<sup>53</sup>

s/ a "Hora Absurda", e seu  
significado na poetica  
de F.P., relações com o  
Paulismo, etc - vêr Georg  
Rudolf Lind - "Teoria  
Poética de F.P." - ed. Inova<sup>51</sup>,  
pg. 22 e s<sup>tes</sup> <vêr págs.>  
<128, 223, 326.>

Anexo a este original de  
F.P. um "fac-símile", da  
parte final do poema  
"Hora Absurda", que veio  
da casa de Alf. Guisado  
por intermédio do Sr.  
Ernesto Martins, da "Bibloar-  
te", - Foi-me dado pelo  
M.ª Ferreira, em 8/VIII/72.  
Trata-se de uma prova  
e falta-me saber onde foi  
publicado este "fac-símile",<sup>53</sup>

Figs. 73 e 74. Notas sobre “Hora absurda”  
(coleção Fernando Távora).

<sup>51</sup> Cortes ] aqui, e na terceira linha, sem acento.

<sup>52</sup> inova ] no original.

<sup>53</sup> fac-simile ] aqui, e no início do parágrafo, sem acento.

s/a publ. n. Hora Absurda  
 no rev. Exílio - in J. Gaspar  
 Simões - "Fontes impressas  
 da obra de F.P." - v. 74.  
 A data é: 4/Julho/  
 1913; faz-se aí referência  
 ao "magnífico poema,"  
 ref. à Hora Absurda - Pana-  
 rese - "F.P. - Poesie," -  
 pg. LXXXII  
 ref. à "Hora Absurda" in "Dic.  
 de literatura," (655 - B)  
 820 - A e 1030 - B  
 ref. à Hora Absurda, int.  
 J. Gaspar Simões - "V. e O. de  
 F.P.," - 2.ª ed. pg. 383, 195,  
 publicada no "Exílio,"  
 juntamente c. um artigo  
 sobre o "sensacionismo,"  
 "do simbolismo decadentis-  
 ta e desconexo de Hora Absurda.

②  
 s/a publ. de Hora Absurda  
 na rev. Exílio - vêr José  
 Galvão - "Fontes impressas  
 da obra de F.P.," - p. 34.  
 A data é: 4/Julho/  
 1913; faz-se aí referência  
 Ao "magnífico poema,"

ref. à Hora Absurda - Pana-  
 rese - "F.P. - Poesie," -  
 pg. LXXXII

ref. à "Hora Absurda," in "Dic.  
 de literatura," (655 - B)  
 820 - A e 1030 - B

ref. à Hora Absurda, int.  
 J. Gaspar Simões - "V. e O. de  
 F.P.," - 2.ª ed. pg. 383, 195,

publicada no "Exílio,"  
 juntamente c. um artigo  
 sobre o "sensacionismo,"  
 "do simbolismo decadentis-  
 ta e desconexo de Hora Absurda.

ao interseccionismo impres-  
 sionista de "Chuva Oblíqua,"  
 Uma personagem de "Hora  
 Absurda," é descrita na aber-  
 tura de <"Hora absur"> "F.P.,  
 poeta da Hora Absurda,"  
 por Mário Sacramento.  
 Descrição bibl. da rev.  
 Exílio onde foi publicada  
 a "Hora Absurda," - in,  
 M<sup>el</sup> Ferreira - catálogo<sup>54</sup>  
 n.º 3 - n.º 893.  
 s/a "Hora Absurda," o "Exílio,"  
 e o momento da sua publi-  
 cação vêr [↑ na] edição facsi-  
 milada do "Exílio," (edição  
 da Contexto), o artigo intro-  
 dutório de Teresa Almeida.  
 Estes originais figuraram na  
 Exposição realizada duran-  
 te o 1.º Congresso de Estudos  
 Pessoaanos (n.º 55 do Catálogo)

ao interseccionismo impres-  
 sionista de "Chuva Oblíqua,"

Uma personagem de "Hora  
 Absurda," é descrita na aber-  
 tura de <"Hora absur"> "F.P.,  
 poeta da Hora Absurda,"  
 por Mário Sacramento.

Descrição bibl. da rev.  
 Exílio onde foi publicada  
 a "Hora Absurda," - in,  
 M<sup>el</sup> Ferreira - catálogo<sup>54</sup>  
 n.º 3 - n.º 893.

s/a "Hora Absurda," o "Exílio,"  
 e o momento da sua publi-  
 cação vêr [↑ na] edição facsi-  
 milada do "Exílio," (edição  
 da Contexto), o artigo intro-  
 dutório de Teresa Almeida.

Estes originais figuraram na  
 Exposição realizada duran-  
 te o 1.º Congresso de Estudos  
 Pessoaanos (n.º 55 do Catálogo)

③  
 "Paúlita é também a bela  
 Hora Absurda..." - Ant. Quadros -  
 "Fernando Pessoa - iniciação global à  
 obra," - 2.º vol. pp. 52  
 Este original figurou na Exposição  
 realizada na Fac. de Letras da Univer-  
 sidade do Porto em Dezembro 1985

③  
 "Paúlita é também a bela  
 Hora Absurda..." - Ant. Quadros -  
 "Fernando Pessoa - Iniciação global à  
 obra," - 2.º vol. pg 52

Este original figurou na Exposição  
 realizada na Fac. de Letras da Univer-  
 sidade do Porto em Dezº 1985

Figs. 75, 76 e 77. Notas sobre "Hora absurda"  
 (coleção Fernando Távora).

<sup>54</sup> catalogo ] sem acento.

Segue-se a transcrição do poema conservado na coleção Fernando Távora e que as notas anteriores introduzem bem:

## HORA ABSURDA

O teu silencio é uma nau com todas as velas pandas...  
 Brandas, as brisas brincam nas flammulas, teu sorriso...  
 E o teu sorriso no teu silencio é as escadas e as andas  
 Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma amphora que cahe e que se parte...  
 O teu silencio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...  
 Minha idéa de ti é um cadáver que o mar traz á praia..., e emtanto  
 Tu és a tela irreal em que érro em côr a minha arte...<sup>55</sup>

Abre todas as portas e que o vento varra a idéa  
 Que temos de que um fumo perfuma de ocio os salões...  
 Minha alma é uma caverna enchida pla<sup>56</sup> maré cheia,  
 E a minha idéa de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fóra... É em mim... Sou a Hora,  
 E a Hora é de assombros e toda ella escombros d'ella...  
 Na minha attenção ha uma viuva pobre que nunca chora...  
 No meu céu interior nunca houve uma unica estrella...

Hoje o céu é pesado como a idéa de nunca chegar a um porto...  
 A chuva miuda é vazia... A Hora sabe a ter sido...  
 Não haver qualqué<sup>57</sup> cousa como leitos para as naus!... Absorto  
 Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,  
 Minhas ansias<sup>58</sup> todas talhadas num marmore que não ha,  
 Não é alegria nem dor esta dor com que me alégro,  
 E a minha bondade inversa não é nem boa nem má...

Os feixes dos lictores abriram-se á beira dos caminhos...  
 Os pendões das victorias medievaes nem chegaram ás cruzadas...  
 Puzeram in-folios uteis entre as pedras das barricadas...  
 E a herva cresceu nas vias-ferreas com viços damninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!...  
 Na praia só um cabo morto e uns restos de vela fallam  
 Do Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram  
 Aquella angustia de sonhar mais que até para si calam...

---

<sup>55</sup> Távora arte... Exílio arte ..

<sup>56</sup> Távora pla... Exílio p'la

<sup>57</sup> Távora qualqué<sup>r</sup> Exílio qualquer

<sup>58</sup> Távora ansias Exílio ancias

O palacio está em ruínas... Dóe ver no parque o abandono  
 Da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada  
 E sente saudades de si ante aquelle logar-outomno...  
 Esta paisagem é um manuscrito com a phrase mais bella cortada...<sup>59</sup>

A doida partiu todos os candelabros glabros,  
 Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...  
 E a minha alma é aquella luz que não mais haverá nos candelabros...  
 E que querem ao lago aziago minhas ansias<sup>60</sup> brisas fortuitas...

Porque me afflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar  
 Todas as nymphas... Veiu o sol e já tinham partido...  
 O teu silencio que me embala e a idéa de naufragar,  
 E a idéa de a tua voz soar a lyra d'um Apollo fingido...

Já não ha caudas de pavões todas olhos nos jardins de outr'ora...  
 As proprias sombras estão mais tristes... Ainda  
 Ha rastos de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora  
 Um como que echo de passos pela alameda que eis finda...

Todos os occasos fundiram-se na minha alma...  
 As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...  
 Seccou em<sup>61</sup> teu olhar a idéa de te julgares calma,  
 E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas  
 Passou uma saudade de não serem o mar... Em frente  
 Ao meu throno de alheamento ha gestos com pedras raras...  
 Minha alma é uma lampada que se apagou e ainda esta quente...

Ah, e o teu silencio é um perfil de pincaro ao sol!  
 Todas as princezas sentiram o seio opprimido...  
 Da ultima janella do castello só um girasol  
 Se vê, e o sonhar que ha outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...  
 Repique de sinos para além, no Outro Valle... Perto?...  
 Arde o collegio e uma creança ficou fechada na aula...  
 Porque não ha de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te  
 E o teu silencio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...  
 Ha coisas rubras e cobras no modo como medito-te,  
 E a tua idéa sabe á lembrança de um sabor de medonho...

<sup>59</sup> No testemunho **Távora** há uma linha riscada: <A doida partiu todos os candelabros glabros,>

<sup>60</sup> Em ambos os testemunhos, "ansias", com dois "s".

<sup>61</sup> No testemunho **Távora** há uma substituição: no [← em]

Para que não ter por ti desprezo? Porque não perdel-o?...  
 Ah, deixa que eu te ignore... O teu silencio e um leque –  
 Um leque fechado, um leque que aberto seria tão bello, tão bello  
 Mas mais bello é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...  
 Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...  
 O meu amar-te é uma cathedral de silencios eleitos,  
 E os meus sonhos uma escada sem principio mas com fim...

Alguem vae entrar pala porta... Sente-se o ar sorrir...  
 Tecedeiras viuvas, gosam as mortalhas de virgens que tecem...<sup>62</sup>  
 Ah, o teu tedio e a estatua de uma mulher que ha de vir,  
 O perfume que os crysantemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o proposito de todas as pontes,  
 Vestir de alheamento as paysagens de todas as terras,  
 Endireitar á força a curva dos horisontes,  
 E gemer por ter de viver, como um ruido brusco de serras...

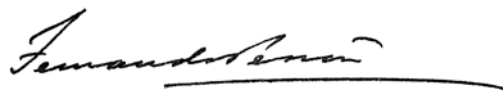
Ha tão pouca gente que ame as paysagens que não existem!...  
 Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã – como nos desalégria!...  
 Que o meu ouvir o teu silencio não seja nuvens que attristem  
 O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tedio, auréola negra...

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...  
 Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...  
 A minha consciencia de ter consciencia de ti é um prece,  
 E o meu saber- te a sorrir é uma flôr murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longinquo vitral!...  
 Ah, se fôssemos as duas côres de uma bandeira de gloria!...  
 Estatua acéphala posta a um canto, poeirenta pia baptismal,  
 Pendão de vencidos tendo escripto ao centro este lemma – *Victoria!*

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma  
 Sé me enche de tedios e de opios de ocios medonhos!...  
 Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua propria alma...  
 Eu fui amado em effigie num paiz para além dos sonhos...

Lisboa, 4 de Julho de 1913.



<sup>62</sup> **Távora** tecem... **Exílio** tecem..

## HORA ABSURDA

O teu silencio é uma nau com todas as velas pandas...  
 Brandas, as brisas brincar nas flammulas, teu sorriso...  
 E o teu sorriso no teu silencio é as escadas e as andas  
 Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma amphora que cahe e que se parte...  
 O teu silencio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...  
 Minha idéa de ti é um cadaver que o mar traz á praia..., e  
 entanto  
 Tu és a tela irreal em que érro em côr a minha arte...

Abre todas as portas e que o vento varra a idéa  
 que temos de que um fumo perfuma de ocio os salões...  
 Minha alma é uma caverna enchida pla maré cheia,  
 E a minha idéa de te sonhar uma caravana de histrições...

Chove ouro baço, mas não no lá-fóra... É em mim... Sou a Hora,  
 E a Hora é de assombros e toda ella escombros d'ella...  
 Na minha attenção ha uma viuva pobre que nunca chora...  
 No meu céu interior nunca houve uma unica estrella...

Hoje o céu é pesado como a idéa de nunca chegar a um porto...  
 A chuva miuda é vazia... A Hora sabe a ter sido...  
 Não haver qualquer cousa como leitões para as naus!... Absorto  
 Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,  
 Minhas ansias todas talhadas num marmore que não ha,  
 Não é alegria nem dor esta dor com que me alégro,  
 E a minha bondade inversa não é nem boa nem ma...

Os feixes dos lictores abriram-se á beira dos caminhos...  
 Os pendões das victorias medievas nem chegaram ás cruzadas...  
 Puzeram in-folios uteis entre as pedras das barricadas...  
 E a herva cresceu nas vias-ferreas com viços damnhinhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!...  
 Na praia só um cabo morto e uns restos de vela fallam  
 Do Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram  
 Aquella angustia de sonhar mais que até para si calam...

O palacio está em ruinas... Dóe ver no parque o abandono  
 Da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada  
 E sente saudações de si ante aquelle logar-outomno...  
 Esta paysagem é um manuscripto com a phrase mais bella cortada...

~~A deida partia todos os candelabros glabros,~~

Fig. 78. "Hora absurda" (coleção Fernando Távora).



## Hora Absurda - 2

A doida partiu todos os candelabros glabros,  
 Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...  
 E a minha alma é aquella luz que não mais haverá nos  
 candelabros...  
 E que querem ao lago aziago minhas ansias, brisas fortuitas?...

Porque me afflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar  
 Todas as nymphas... veiu o sol e já tinnam partido...  
 O teu silencio que me embala é a idéa de naufragar,  
 E a idéa de a tua voz soar a lyra d'um Apollo fingido...

Já não ha caudas de pavões todas olhos nos jardins de outr'ora...  
 As proprias sombras estão mais tristes... Ainda  
 Ha rastos de vestes de alas (parece) no chão, e ainda chora  
 Um como que echo de passos pela alameda que eis finda...

Todos os occasos fundiram-se na minha alma...  
 As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...  
 Seccou ~~o~~ teu olhar a idéa de te julgar, e  
 E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas  
 Passou uma saudade de não serem o mar... Em frente  
 Ao meu throno de alheamento ha gestos com pedras raras...  
 Minha alma é uma lampada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silencio é um perfil de pincaro ao sol!  
 Todas as princezas sentiram o seio opprimido...  
 Da ultima janella do castello só um girasol  
 Se vê, e o sonhar que ha outros pões brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...  
 Repique de sinos para além, no Outro Valle... Perto?...  
 Arde o collegio e uma creança ficou fechada na aula...  
 Porque não ha de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te  
 E o teu silencio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...  
 Ha coisas rubras e cobras no modo como medito-te,  
 E a tua idéa sabe é lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Porque não perdel-o?...  
 Ah, deixa que eu te ignore... O teu silencio é um leque -  
 Um leque fechado, um leque que aberto seria tão bello, tão bello,  
 Mas mais bello é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...  
 Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...  
 O meu amar-te é uma cathedral de silencios eleitos,  
 E os meus sonhos uma cascada sem principio mas com fim...

Fig. 80. "Hora absurda" (coleção Fernando Távora).



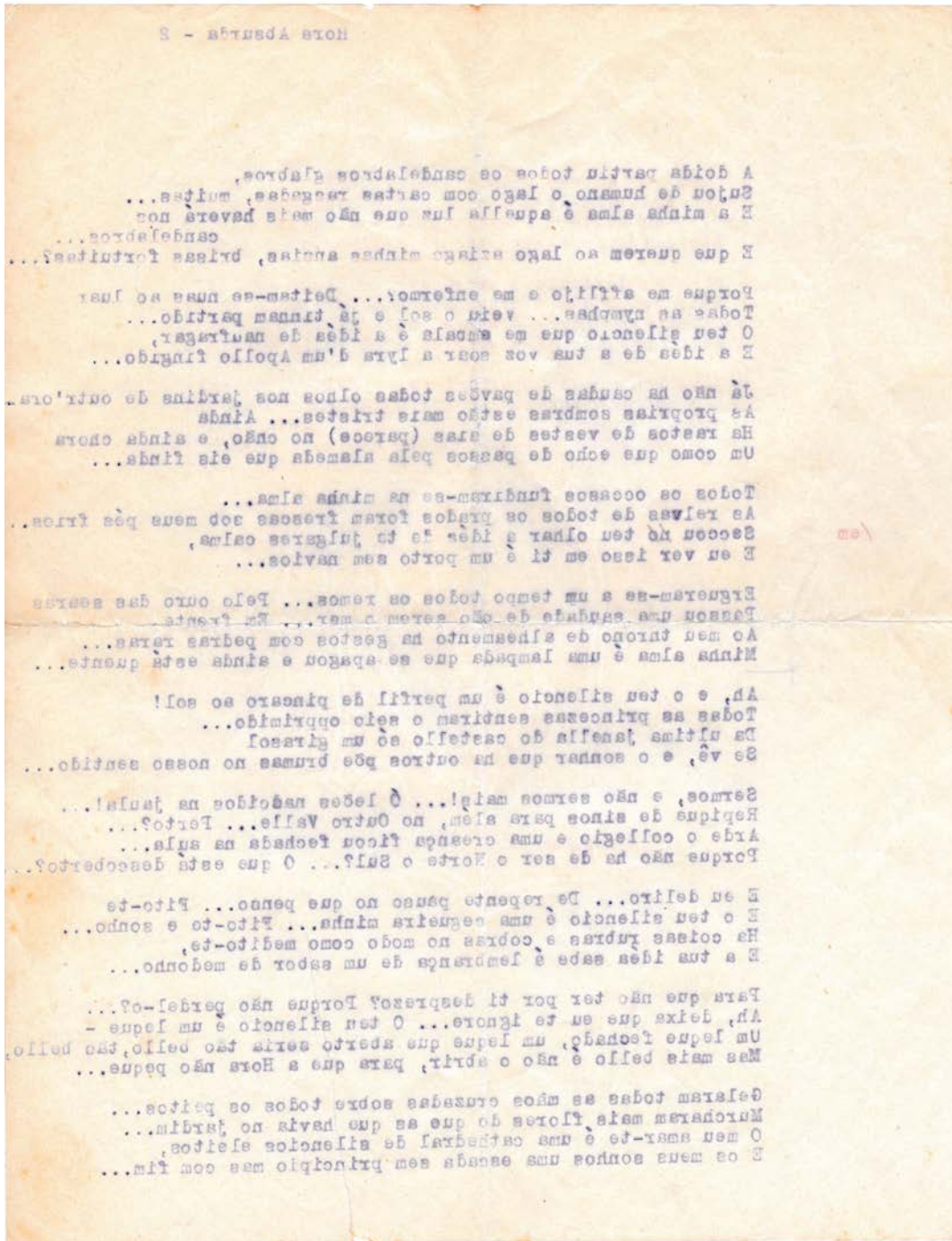


Fig. 81. "Hora absurda" (coleção Fernando Távora).

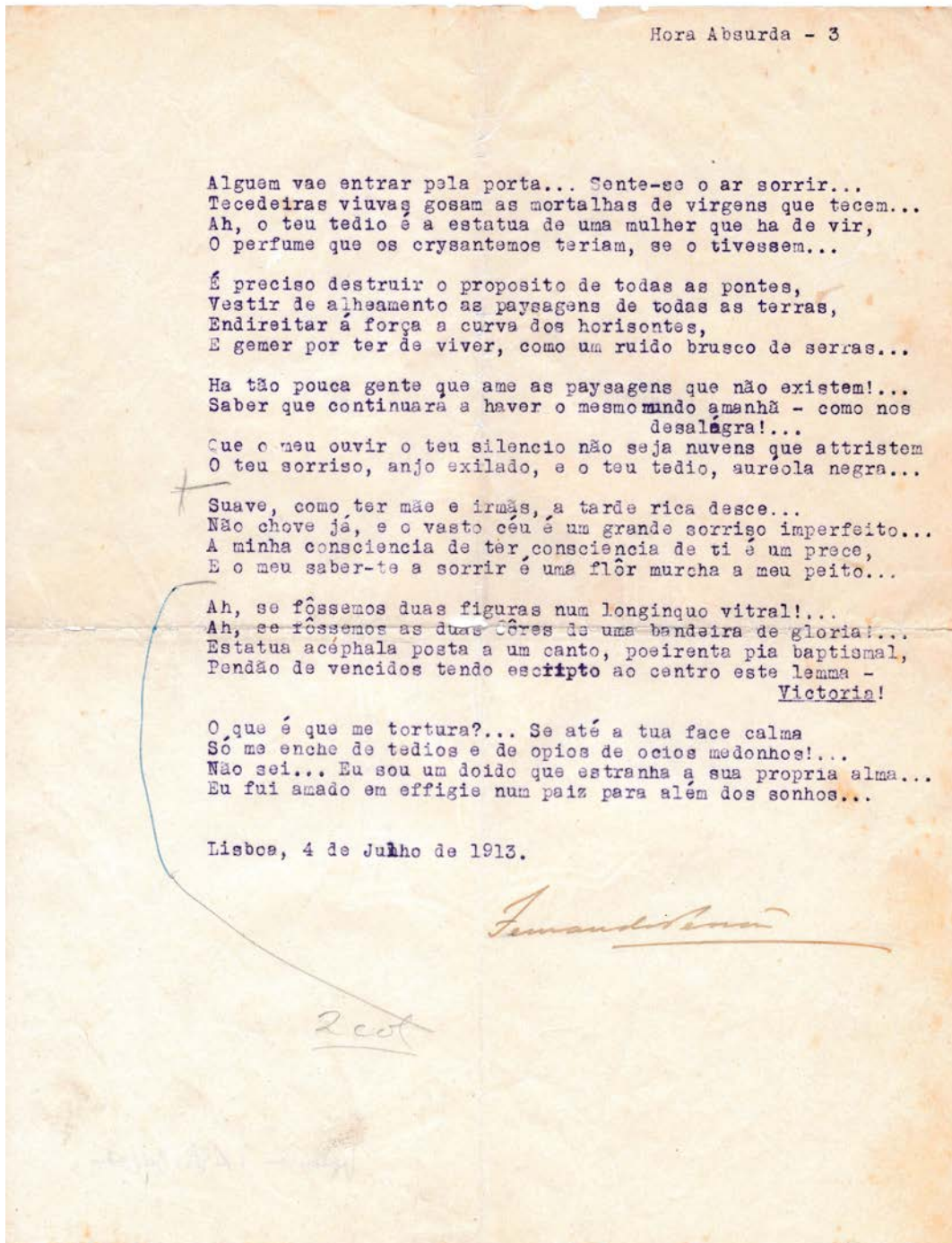


Fig. 82. "Hora absurda" (coleção Fernando Távora).

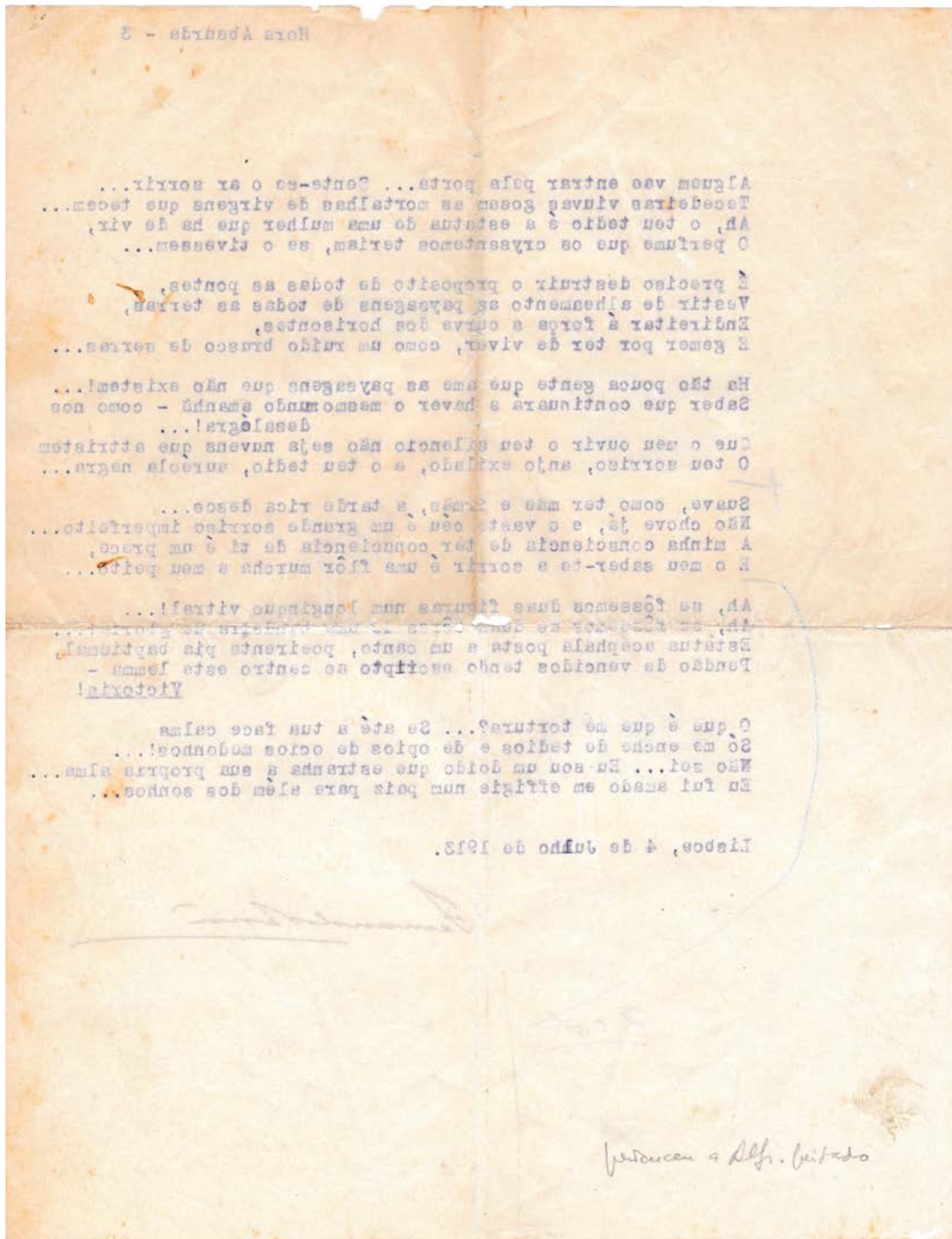


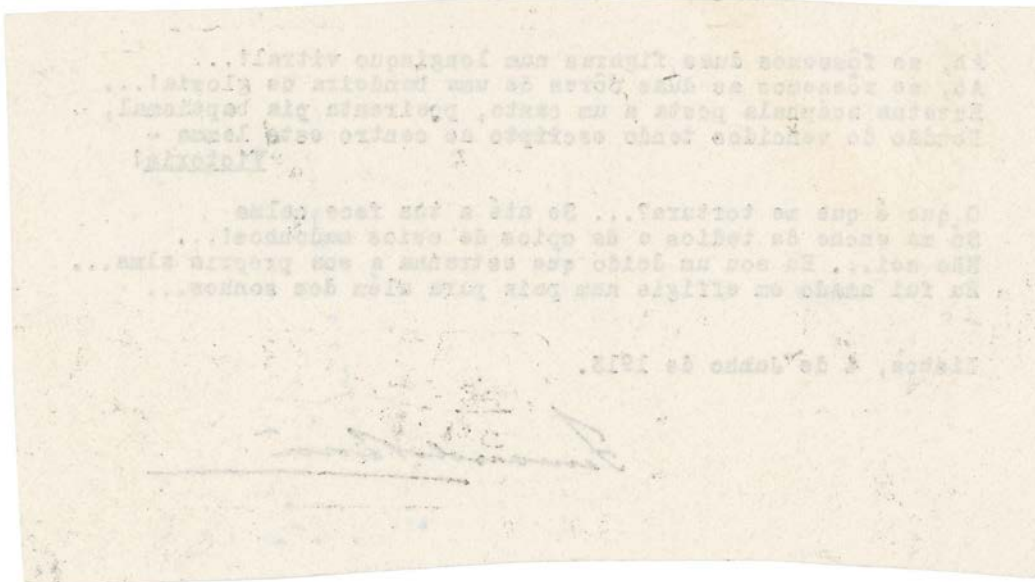
Fig. 83. "Hora absurda" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "pertenceu a Alfr[edo] Guisado".

Ah, se fôssemos duas figuras num longinquo vitral!...  
 Ah, se róssemos as duas côres de uma bandeira de gloria!...  
 Estatua acéphala posta a um canto, poeirenta pia baptismal,  
 Pendão de vencidos tendo escripto ao centro este lemma -  
Victoria!

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma  
 Só me enche de tédios e de opios de ocios medonhos!...  
 Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua propria alma...  
 Eu fui amado em effigie num paiz para além dos sonhos...

Lisboa, 4 de Junho de 1913.

*Fernando Pessoa*



Figs. 84 e 85. Parte final de "Hora absurda"  
 (cf. Lote 14: prova tipográfica, zincogravura, das duas últimas quadras de "Hora Absurda,")  
 (coleção Fernando Távora).

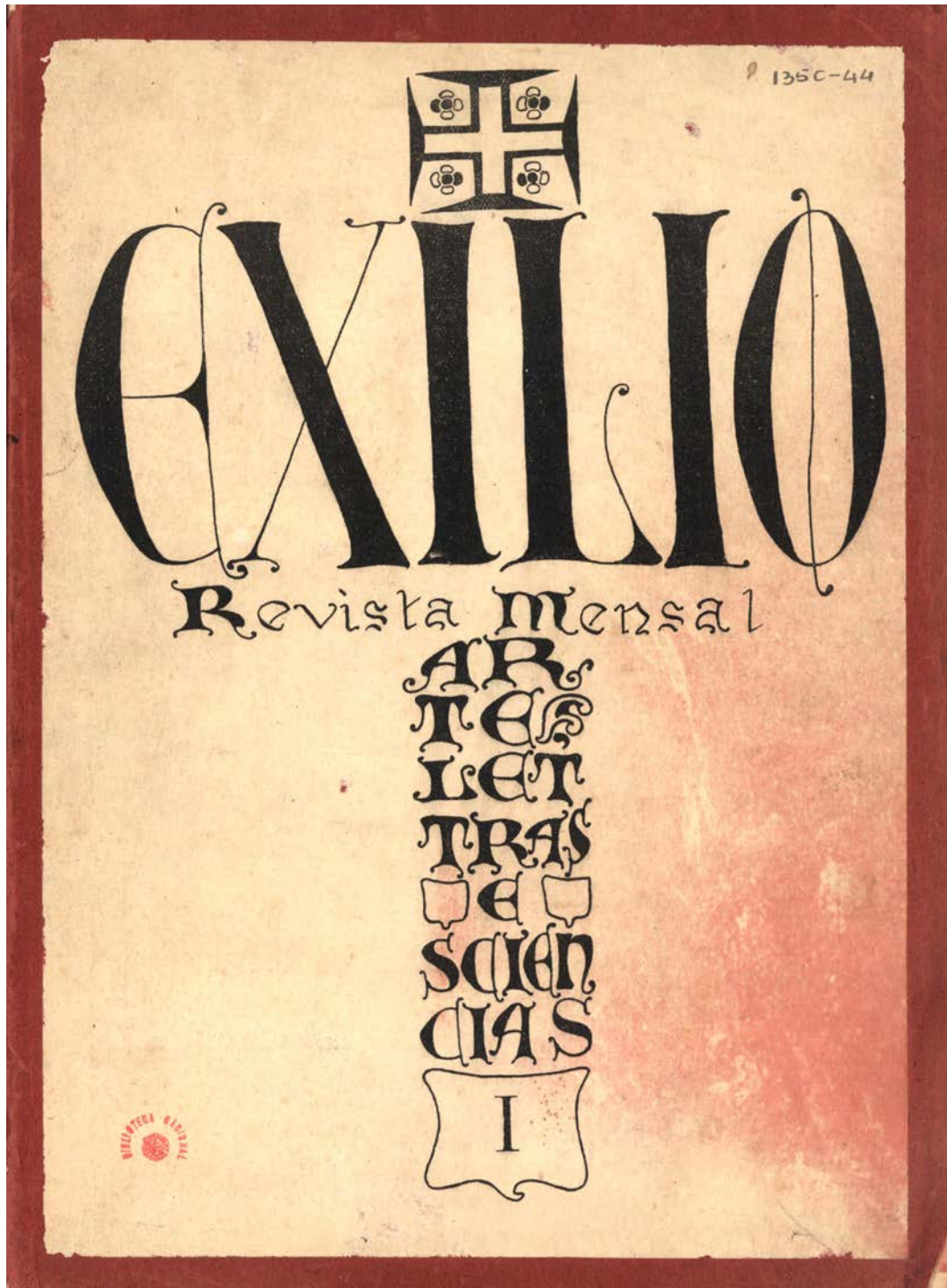


Fig. 86. "Hora absurda" (BNP/E3, 135C-44).

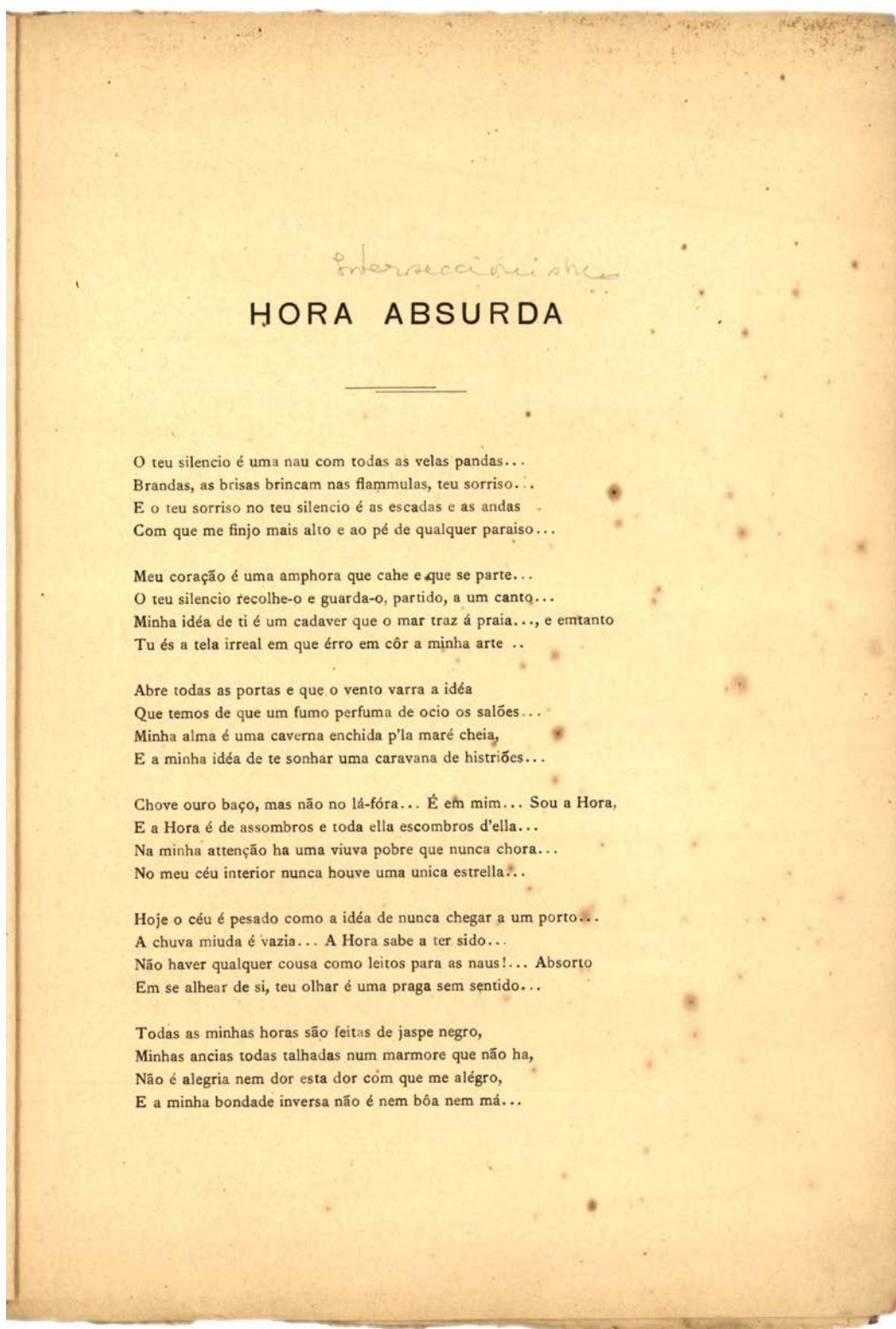


Fig. 87. "Hora absurda" (BNP/E3, 135C-44r, página 13).

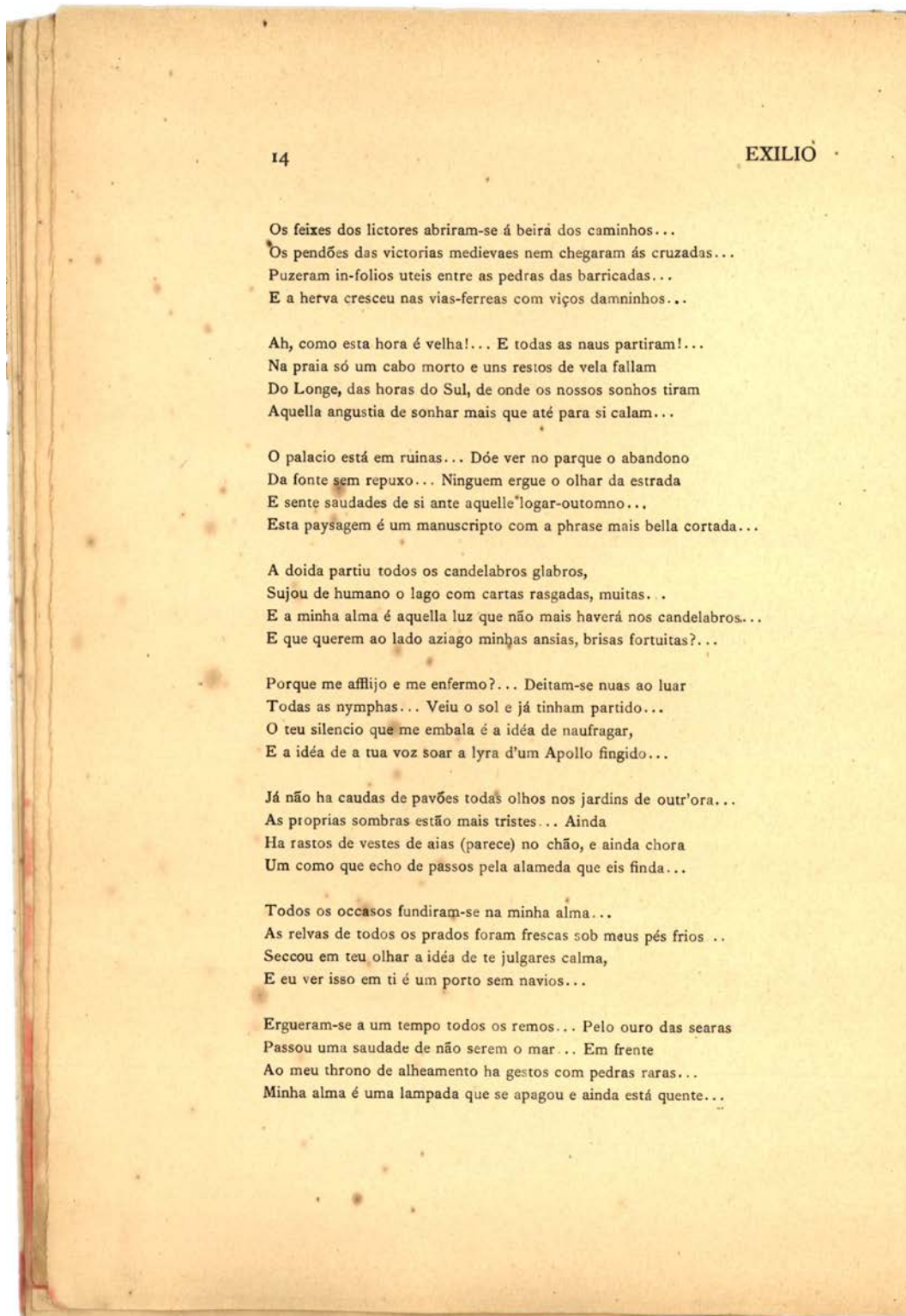


Fig. 88. "Hora absurda" (BNP/E3, 135C-44r, página 14).

## EXILIO

15

Ah, e o teu silencio é um perfil de pincaro ao sol!  
 Todas as princezas sentirem o seio opprimido...  
 Da ultima janella do castello só um girasol  
 Se vê, e o sonhar que ha outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...  
 Repique de sinos para além, no Outro Valle... Perto?...  
 Arde o collegio e uma creança ficou fechada na aula...  
 Porque não ha de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te  
 E o teu silencio é uma cegueira m' nha... Fito-te e sonho...  
 Ha coisas rubras e cobras no modo como medito-te,  
 E a tua idéa sabe á lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Porque não perdel-o?...  
 Ah, deixa que eu te ignore... O teu silencio é um leque —  
 Um leque fechado, um leque que aberto seria tão bello, tão bello,  
 Mas mais bello é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...  
 Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...  
 O meu amar-te é uma cathedral de silencios eleitos,  
 E os meus sonhos uma escada sem principio mas com fim...

Alguem vae entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir...  
 Tecedeiras viivas gosam as mortalhas de virgens que tecem...  
 Ah, o teu tedio é uma estatua de uma mulher que ha de vir,  
 O perfume que os crysantemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o proposito de todas as pontes,  
 Vestir de alheamento as paysagens de todas as terras,  
 Endireitar á força a curva dos horisontes,  
 E gemer por ter de viver, como um ruido brusco de serras...

Ha tão pouca gente que ame as paysagens que não existem!...  
 Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã — como nos desalégra!...  
 Que o meu ouvir o teu silencio não seja nuvens que attristem  
 O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tedio, auréola negra...

Fig. 89. "Hora absurda" (BNP/E3, 135C-44r, página 15).



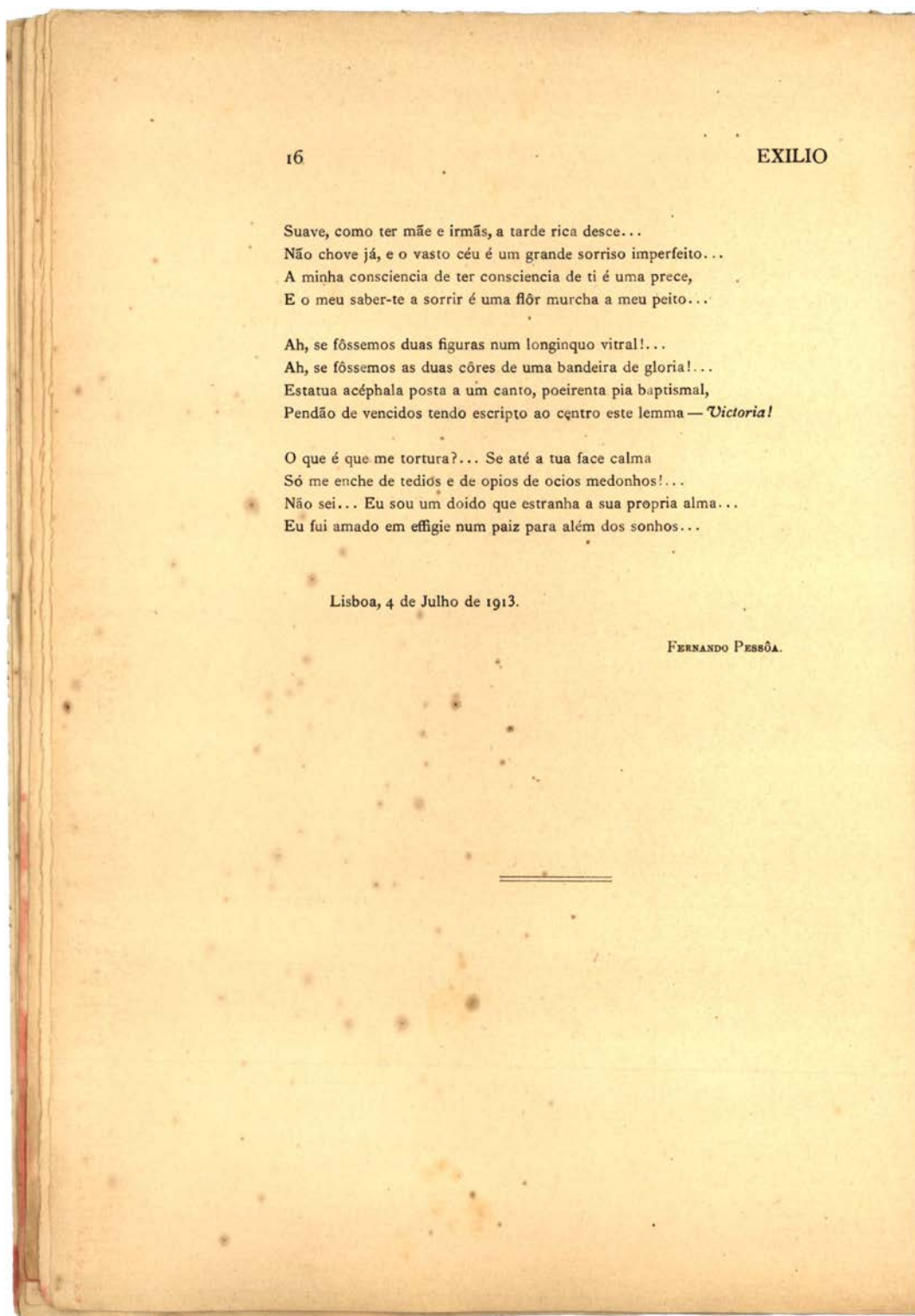
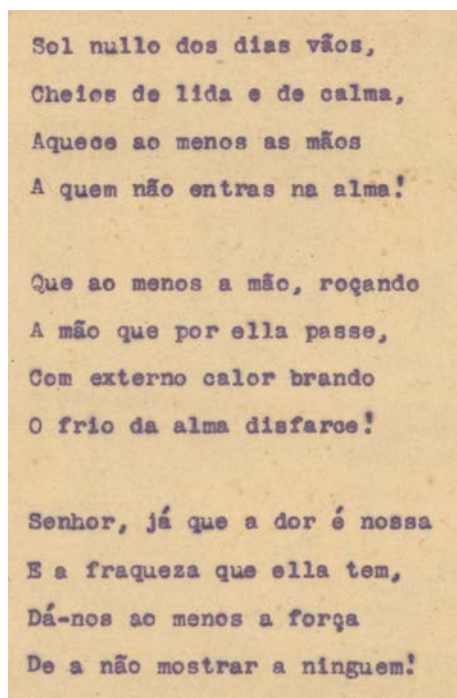


Fig. 90. "Hora absurda" (BNP/E3, 135C-44r, página 16).

## IX. “Sol nullo dos dias vãos” [Lote 39.2]

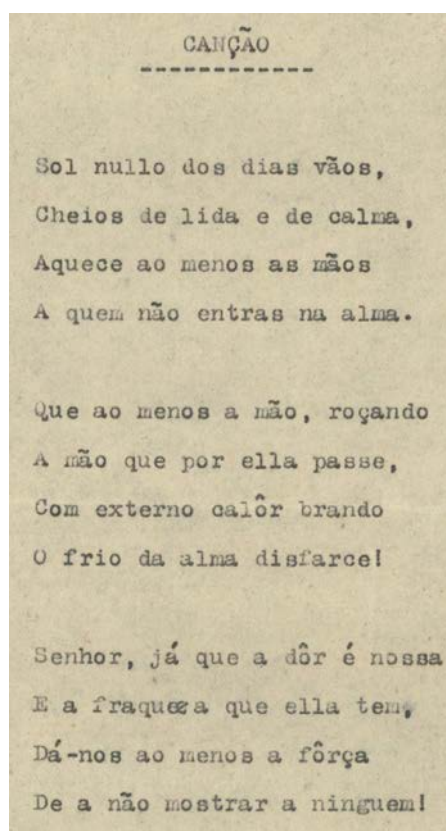
Deste poema existem dois testemunhos dactilografados, identificados com as cotas BNP/E3, 117-30<sup>63</sup> e 117-31, e três testemunhos impressos: dois, com título (“Canção”), encontram-se, respetivamente, na revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 832, de Janeiro de 1922, e no livro colectivo *Cancioneiro* (1930); e outro, sem título, está incluído na sequência de “Alguns poemas” da revista *Athena*, n.º 3, de Dezembro de 1924. O texto publicado em *Cancioneiro* é idêntico ao da *Athena*. Desconhecia-se a versão manuscrita que se encontra na colecção Távora e que, para além de indicar o ano de “1920”, tal como o testemunho da *Ilustração Portuguesa*, indica o mês de Janeiro. Essa versão também reforça as opções ortográficas do autor, nem sempre adoptadas nas publicações impressas.



Sol nullo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ella passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ella tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!



CANÇÃO  
-----

Sol nullo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma.

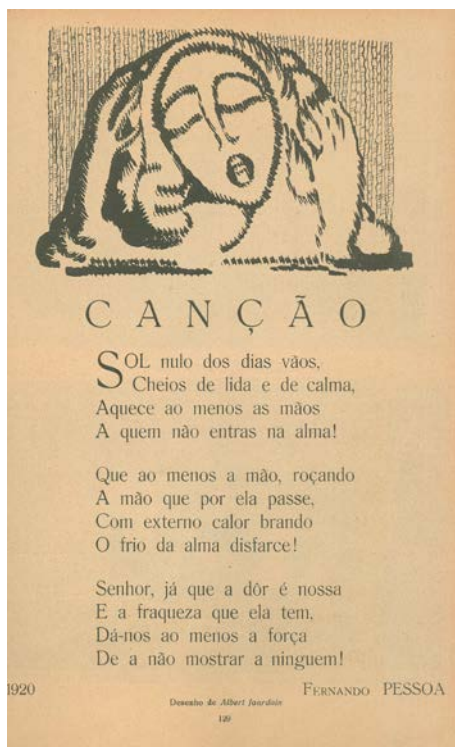
Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ella passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ella tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!

Figs. 91 e 92. “Sol nullo...” (BNP/E3, 117-30<sup>r</sup> e 117-31<sup>r</sup>; pormenores).

Como se pode ver, os testemunhos preservados no espólio pessoano são quase idênticos: o v. 4 termina com ponto de exclamação em 30<sup>r</sup> e com ponto final em 31<sup>r</sup>, e neste último há acentos circunflexos não presentes no primeiro (“calôr”, “dôr”, “fôrça”). É difícil estabelecer qual esteve na base da publicação na *Ilustração Portuguesa* (1922) e qual na da *Athena* (1924).

<sup>63</sup> BNP/E3, 117-30a é uma cópia a químico de BNP/E3, 117-30.



Figs. 93 e 94. "Sol nullo..." (Ilustração Portuguesa; Athena).

Sol nullo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ella passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ella tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!

E ainda existe, assinado, mas sem data, o que foi publicado em *Cancioneiro* (1930), um impresso que o arquitecto Távora tinha na sua colecção. Numa das suas notas, o arquitecto esclarece:

Este "Cancioneiro, o "catálogo do I Salão dos Independentes,, e o "Manifesto do I Salão dos Independentes,, por António Pedro formam um conjunto [...] Do Cancioneiro [Eduardo Antunes] diz ser "de reduzidissima tiragem,,; do Catálogo diz "rarissimo de aparecer,, e do conjunto diz ser "rarissimo aparecer no mercado,,. Falta-me o "Manifesto,,.

Assim figura em *Cancioneiro* (1930) (segue depois o fac-símile da colecção Távora):

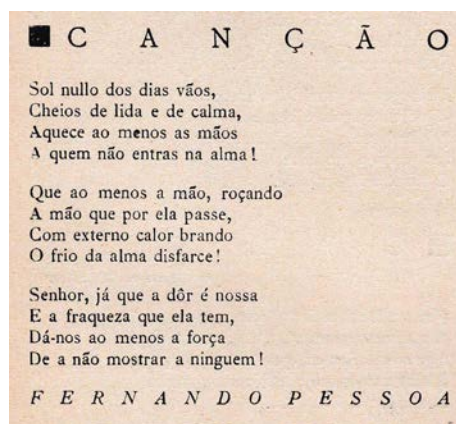


Fig. 95. "Sol nullo..." (Cancioneiro).

Sol nullo dos dias vãos,  
 Cheios de vida e de calma,  
 Aqueça ao menos as mãos  
 A quem não entra na alma!  
  
 Que ao menos a mão, recordando  
 A mão que por ella passou,  
 Com extenuo calor brando  
 O fio da alma desfarce!  
  
 Senhor, já que a dor é nossa  
 E a fraqueza que ella tem,  
 Dá-nos ao menos a força  
 De a não mostrar a ninguém!  
  
 Janeiro, 1920. Fernando Pessoa

39.2

Figs. 96 e 97. "Sol nullo dos dias vãos" (coleção Fernando Távora).  
 Na margem inferior lê-se: "39.2".

E ainda a transcrição:

Sol nullo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ella passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ella tem,  
Dá-nos ao menos a fôrça  
De a não mostrar a ninguém!

Janeiro,  
1920.

*Fernando Pessoa*

## X. Anexos

No lote 31, como já foi referido, existem outros documentos, alguns dos quais relevantes, para encerrar este contributo. Os dois seguintes são comentados pelo arquitecto Fernando Távora nas suas notas:

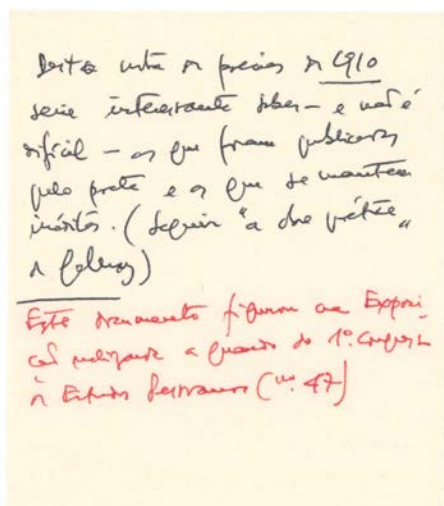


Fig. 98. Sobre “Nota de poesias portuguesas” (coleção Távora; pormenor).

Desta nota às<sup>64</sup> poesias de 1910 seria interessante saber – e não é difícil – as que foram publicadas pelo poeta e as que se mantêm<sup>65</sup> inéditas. (Seguir “a obra poética”, de Galhoz)

Este documento figurou na Exposição realizada aquando do 1.º Congresso de Estudos Pessoaanos (n.º 47)

Esta é a transcrição do primeiro (Figs. 99 e 100):

<sup>64</sup> as ] no original.

<sup>65</sup> mantem ] no original.

Nota de poesias portuguesas: –

<i>Na Noite</i> – “O socego da noite desce” – 8/8/10.	40.
Soneto – “Se eu te adorasse então...” – 8/8/10.	14.
<i>Pausa</i> – “Que nos importa que a lua morta...” – 23/7/10.	15.
<i>A Flauta</i> – “A flauta debil” –	109.
<i>Ad Voluptatem</i> – “Porque nasceste...” – 11/8/10.	25.
<i>Tristeza</i> – “Fallo-me em versos tristes <sup>66</sup> ” – 6/7/10.	18.
<i>Tristeza</i> – “Não sei porquê estou triste” – 6/7/10.	21.
<i>Tristeza</i> – “O espaço imenso é noite” – 19/7/10.	18.
<i>Tristeza</i> – “Feliz só aquelle que” – 19/7/10.	18.
<i>Edade Media</i> – “Com capacete de plumas” – 19/7/10.	32.
<i>Folha Cahida</i> – “Nasceu uma flôr, amôr” – 15/7/10.	12.
<i>A Um Philosopho Christão</i> – “Quem te deu, espirito nú” – 5/8/10.	16.
<i>A Uma Estatua</i> – “Eterno momento...” – 3/9/10.	44.
<i>Edade Media</i> – “Ó naus felizes...” –	18.
<i>Outomnal</i> – “Cahiram as folhas da arvore. O outomno” – 3/9/10.	20.
<i>Cinza</i> – “No silencio das cousas tristes” – 25/9/10.	16.

Estudados um a um, estes são os resultados: “Na Noite” (BNP/E3, 56-61 e 56-62), inédito até *Poesias 1902-1917* (PESSOA, 2005b: 91-92), onde não se refere uma primeira versão (BNP/E3, 37-2); “Se eu te adorasse então...”, também inédito até essa data (PESSOA, 2005b: 90) e existente no verso dessa primeira versão (BNP/E3, 37-2); “Pausa”, inédito até a mesma data (PESSOA, 2005b: 8), partindo de um testemunho em que o título é “In articulo mortis” (BNP/E3, 56-59); “A Flauta”, publicado como sendo de 1909 (PESSOA, 2005b: 62-65), inédito até então, e intitulado “A Flauta Nocturna” (BNP/E3, 34-27 e 34-28; cf. 93-74); “Ad Voluptatem” (BNP/E3, 37-4 e 37-5), inédito até *Poesias 1902-1917* (PESSOA, 2005b: 92-93), com uma variante alternativa logo no *incipit*: “Porque nasceste” | “Porque te fizeram”; “Fallo-me em versos tristes”, inédito (PESSOA, 2005b: 85-86), e com o título, “Tristeza – ①”, acrescentado à mão (BNP/E3, 36-46); “Não sei porquê estou triste”, ainda hoje inédito, do qual existem dois testemunhos, um com o título “Tristeza – ②” (Figs. 101 a 104); “O espaço imenso é noite”, também ainda hoje inédito, de que se preserva um testemunho intitulado “Tristeza – ③” (Fig. 105); “Feliz só aquelle que”, igualmente inédito, redigido no verso da folha anterior e encimado pelo título “Tristeza – ④” (Fig. 106); “Edade Media”, publicado pela primeira vez em *Poesias 1902-1917* (PESSOA, 2005b: 87-88; BNP/E3, 36-48); “Folha Cahida”, inédito em português antes de *Poesias 1902-1917* (PESSOA, 2005b: 86; BNP/E3, 56-58); “A Um Philosopho Christão”, inédito (Figs. 107-108); “A Uma Estatua”, publicado (PESSOA, 2005b: 97-98; BNP/E3, 37-44), mas não com 44 versos; “Edade Media”, encontra-se em *Poesias* (PESSOA, 1942: 208-209; BNP/E3, 118-41, 36-43), mas não em *Poesias 1902-1917* (PESSOA, 2005b); “Outomnal”, publicado (PESSOA, 2005b: 96-97; BNP/E3, 37-44), mas não com 20 versos; “Cinza”, *idem* (PESSOA, 2005b: 98-99; BNP/E3, 38-3).

<sup>66</sup> trsites ] no original.

Nota de poesias portuguesas:-	
<u>Na Noite</u> - "O socego da noite desce" - 8/8/10.	40.
Soneto -"Se eu te adorasse então..."- 8/8/10.	14.
<u>Pausa</u> -"Que nos importa que a lua morta..."- 23/7/10.	15.
<u>A Flauta</u> - "A flauta debil" -	109.
<u>Ad: Voluptatem</u> -"Porque nasceste..." - 11/8/10.	25.
<u>Tristeza</u> -"Fallo-me em versos trsites" - 6/7/10.	18.
<u>Tristeza</u> -"Não sei porquê estou triste" - 6/7/10.	21.
<u>Tristeza</u> -"O espaço immenso é noite" - 19/7/10.	18.
<u>Tristeza</u> -"Feliz só aquelle que" - 19/7/10.	18.
<u>Edade Media</u> - "Com capacete de plumas" - 19/7/10.	32.
<u>Folha Cahida</u> -"Nasceu uma flôr, amôr" - 15/7/10.	12.
<u>A Um Philosopho Christão</u> -"Quem te deu, espirito nú"-5/6/10.	16.
<u>A Uma Estatua</u> - "Eterno momento..." - 3/9/10.	44.
<u>Edade Media</u> - "Ó naus felizes..." -	18.
<u>Outomnal</u> -"Cahiram as folhas da arvore. O outomno"-3/9/10.	20.
<u>Cinza</u> -"No silencio das cousas tristes" - 25/9/10.	16.

Fig. 99. "Nota de poesias..." (coleção Fernando Távora).

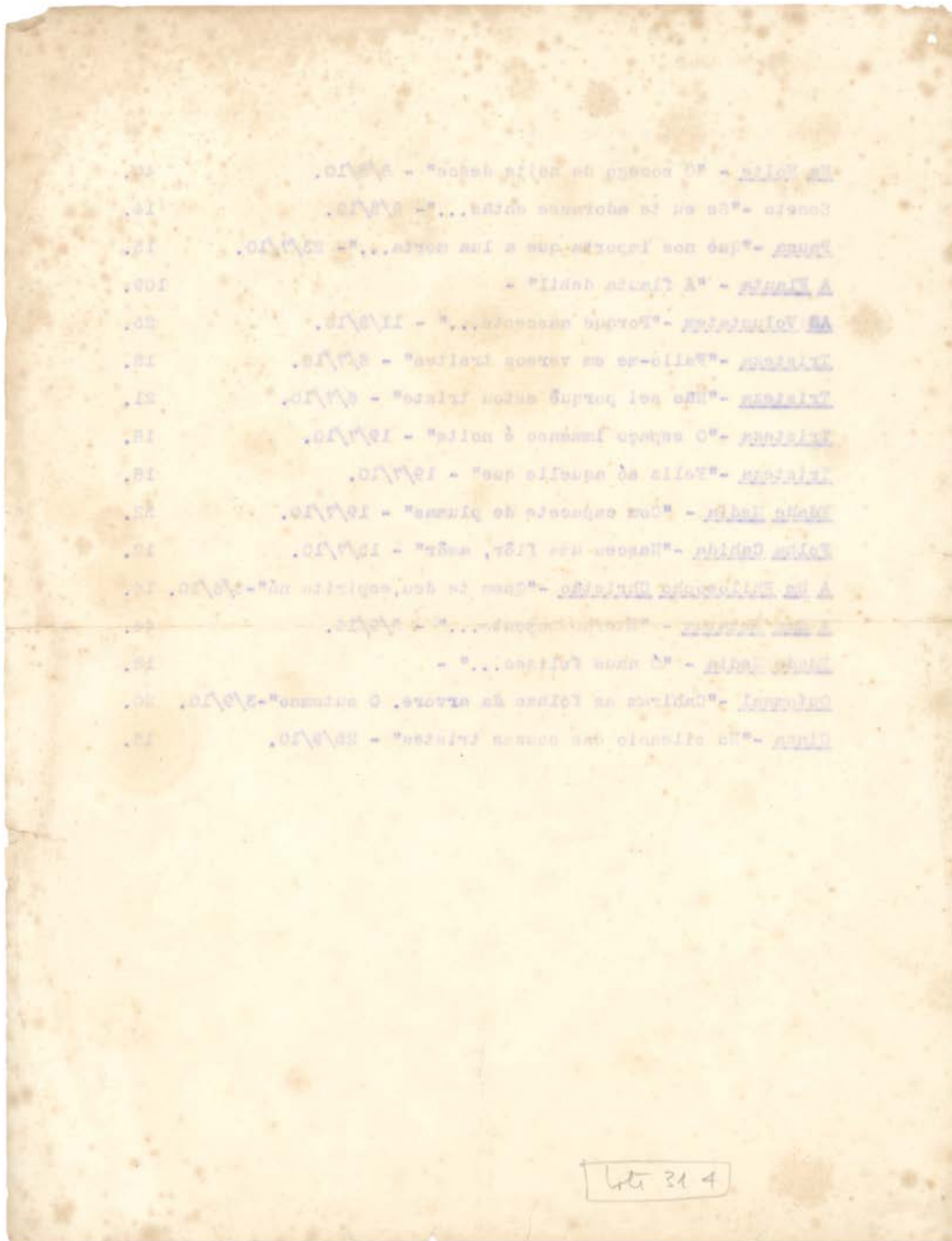


Fig. 100. "Nota de poesias..." (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "31.4".




56-56

Triste (2)

Não sei porquê estou triste  
 Até á ancia o estou (ao tédio, raiva)  
 E dentro em mim persiste  
 Uma que com ~~vaga lembrança~~ me affaga  
 Lembrança De ~~qualquer~~ coisa vaga  
 Que já se me acabou.

*esperança*  
 Não é da infancia. Morta  
 Foi-me essa já ao nascer.  
 Não vem bater á porta  
 Do carcere do meu ser.  
 Tampouco assim me absorva  
 Amor que ~~ter.~~ *ter. tu não a mi queres...*

Nada. Um como desejo  
 Um como fraquejar  
~~Nem pensar,~~  
 D'Um intimo bocejo  
~~que se realizar.~~  
 Como o sabor que existe  
 Entre um beijo e um beijo


Fig. 101. "Não sei porquê estou triste" (BNP/E3, 56-56<sup>v</sup>).

Este é, mas sem agradar.  
 Não sei porquê estou triste,  
 Sem sentir nem pensar.

6/7/10.

Fig. 102. "Não sei porquê estou triste" (BNP/E3, 56-56<sup>v</sup>).

31-7-10.  
36-49

Não sei porquê estou triste  
 Até à morte o estar  
 E dentro de um persiste  
 Remota ninguém triste  
 Que um sonho me leva.

Imagem de uma princesa  
 (branda <sup>meu</sup> / <sub>me era</sub>) e um jardim,  
 Vozes de estrombo helleg  
 Que era, ~~last~~ <sup>pruniz</sup>  
 Palas alamedas seu fim  
 Nos

Até ao caber morto  
 De cansado e a ser,  
 E foi morto a porta  
 do palácio de A. m.

D.

Fig. 103. "Não sei porquê estou triste" (BNP/E3, 36-49<sup>o</sup>).

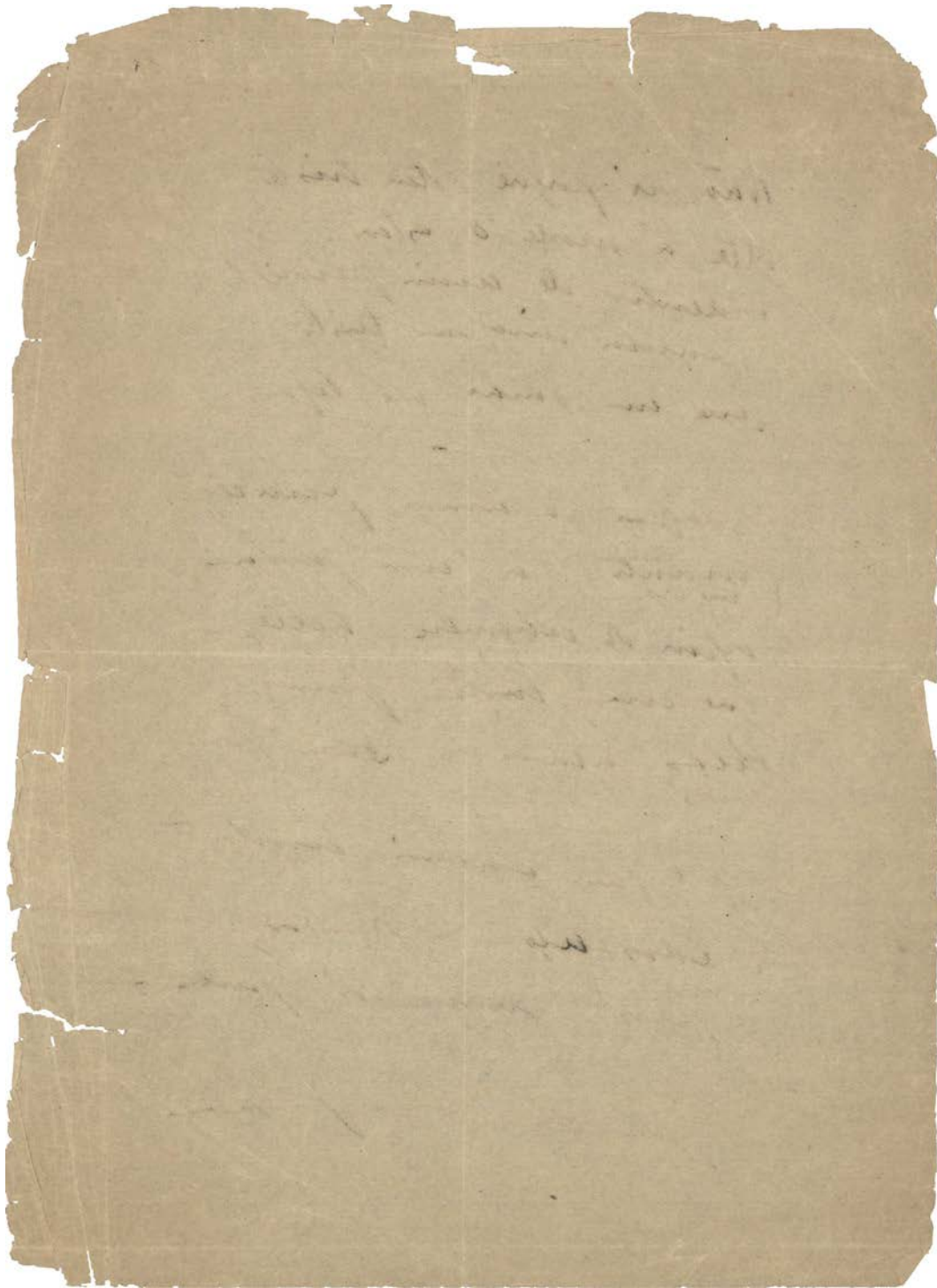


Fig. 104. "Não sei porquê estou triste" (BNP/E3, 36-49<sup>v</sup>).

56-57

*Turista - 3*

O espaço immenso é noite  
~~Amor~~ ~~um dia e~~  
 X ~~na~~ na immensidão;  
 Que ~~ha~~ ha em que se acoitte  
 A alma que esta idéa fria  
 Gelou de solidão.

O espaço enorme é quedo  
 O som e o ruido apenas  
 Pingos de nada são.  
 Quem sente ~~mudo~~ este segredo  
 Na alma já sem horas serenas,  
 De que lhe esfria o coração?

O espaço infindo é morto  
 A vida é apenas nada  
 N'aquella escuridão.  
 E haverá algum porto ~~na~~ ~~estagnação~~  
 Onde a alma ~~crie~~ ~~as~~ ~~maos~~ ~~cansadas~~  
 N'um sonho de uma illusão?

19-7-10.

56-57

*Turista - 4*

*Slon*

Feliz só aquelle que  
 Dorme o viver;  
 elle que

Não sabe soffrer.

Mesmo que gema não  
 Soffre qual quem  
 Não porque tema, não  
 Porque ~~tem~~ tem  
 Cinzas por lemma, não  
 Ama ninguém.

Não; nem a si nem  
 A ouro ou mulhêr,  
 O que não ri nem  
 Sabe querer

nem

19-7-10.

Fig. 105. "O espaço immenso é noite" (BNP/E3, 56-57<sup>r</sup>).

Fig. 106. "Feliz só aquelle que" (BNP/E3, 56-57<sup>v</sup>).

56-53 (5-0-10)

*A um philosopho christão*

Quem te deu espirito  
 e  
 a pensar  
 Licença para tratar  
 o iniquissimil por teu?

A Transcendencei en que se idous  
 e de que os seus são veis;  
 que se pu frei de luptim  
~~Quem~~ <sup>Quem</sup> o nome d' Deus?

Pois o que ~~tem~~ <sup>tem</sup> ~~algun~~ <sup>algun</sup> ~~na~~ <sup>na</sup> ~~culha~~  
 de paladar da ~~roça~~  
 Tão ~~ha~~ <sup>ha</sup> ~~sentido~~ <sup>sentido</sup> ~~ha~~ <sup>ha</sup> ~~me~~  
 Como ~~deus~~ <sup>deus</sup> e

Pois, Resurrei, entre ~~offici~~  
 d' Egipt e ~~entre~~ <sup>entre</sup> ~~os~~ <sup>os</sup> ~~mundos~~  
 d' este e a ~~vont~~ <sup>vont</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~Reph~~  
 d' Egi e ~~o~~ <sup>o</sup> ~~me~~ <sup>me</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> ~~me~~

*A um philosopho christão*

*[Faint handwritten text, mostly illegible]*

Fig. 107. "A Um Philosopho Christão" (BNP/E3, 56-53<sup>r</sup>).

Fig. 108. "A Um Philosopho Christão" (BNP/E3, 56-53<sup>v</sup>).

O seguinte é o confronto, remetindo parte da génese para rodapé, dos documentos BNP/E3, 56-56 e 36-49. Em “Nota de poesias portuguesas”, Pessoa refere-se ao primeiro, que tem 22 versos, mas indica 21 (talvez porque a primeira estrofe, de seis versos, deva ser substituída pela variante com cinco versos).

## Tristeza ②

Não sei porquê porquê estou triste  
Até á raiva o estou<sup>67</sup>  
E dentro em mim persiste  
Uma que como me affaga<sup>68</sup>  
Lembrança de cousa vaga<sup>69</sup>  
Que já se me acabou.

Não é da esperança<sup>70</sup>. Morta  
Foi-me essa já ao nascer.  
E a Fé, a eterna absorta<sup>72</sup>  
Não me vem bater á porta  
Do carcere do meu ser.  
E, se viesse... Que importa?<sup>75</sup>  
Eu não a sei querer...<sup>76</sup>

Nada. Um como desejo  
Um como fraquejar  
D’um intimo bocejo<sup>79</sup>  
A se realizar.<sup>80</sup>  
Como o sabor que existe  
Entre um beijo e um beijo  
Este é, mas sem agradar.  
Não sei porquê estou triste,  
Sem sentir nem pensar.

Não sei porquê porquê estou triste  
Até á morte o estou  
E dentro em mim persiste  
Remota imagem triste  
Que um sonho me lega.

Imagem de uma princeza  
Que era<sup>71</sup> n’um jardim,  
Virgem de extranha belleza  
Que era, triste<sup>73</sup> princeza,  
Nas<sup>74</sup> alamedas sem fim.

Até que cahiu morta  
De cansaço e de dor,  
E ficou morta á porta<sup>77</sup>  
Do palacio do Amor.<sup>78</sup>

6/7/10.

<sup>67</sup> Até á ancia o estou (ao tédio, raiva) ] *com variantes alternativas para “ancia”*.

<sup>68</sup> [← Uma que como] <Vaga lembrança tris> <que> me affaga

<sup>69</sup> [← Lembrança] De <qualquer> cousa vaga

<sup>70</sup> <infancia> [↑ esperança]

<sup>71</sup> Errante [↑ndo] [↓ Que era]

<sup>72</sup> [← E a Fé, a eterna absorta]

<sup>73</sup> triste ] *sobre sinal de hesitação*.

<sup>74</sup> Pelas [↓ Nas] *variantes alternativas*.

<sup>75</sup> <Tampouco assim me absórta> E, se viesse... Que importa?

<sup>76</sup> <Amor que □ ter.> Eu não a sei querer...

<sup>77</sup> *Segue-se um verso riscado*.

<sup>78</sup> *Segue-se uma rubrica, talvez de VG [Vicente Guedes]*.

<sup>79</sup> <No sentir do pensar,> | [←D’]Um intimo bocejo

<sup>80</sup> <Do □ recomçar> A se realizar.

Falta transcrever os outros três poemas inéditos (Figs. 105 a 108), referidos na lista dactilografada do arquitecto Fernando Távora, e que estão no espólio pessoano. “O espaço imenso é noite”, de 18 versos; “Feliz [*var.*: Ditoso] só aquelle que”, também de 18 (ou de 16, e então falta apenas um verso no fim?); e “A Um Philosopho Christão” – que começa “Quem te deu espirito nu” –, de 16.

*Tristeza – 3 –*

O espaço imenso é noite  
A luz é local <um dia> [→ e]  
Ilha na immensidão;<sup>81</sup>  
Que □ ha em que se acoite  
A alma que esta idéa fria  
Gelou de solidão.

O espaço enorme é quedo  
O som e o ruido apenas  
Pingos de nada são.  
Quem sente mudo este segredo<sup>82</sup>  
Na alma já sem horas serenas,  
De que lhe esfria o coração?

O espaço infindo é morto  
A vida é apenas nadas  
N’aquella escuridão.  
E haverá algum porto  
Onde a alma cruze as horas estagnadas<sup>83</sup>  
N’um sonho de uma illusão?

19-7-10.

*Tristeza – 4 –*

Ditoso<sup>84</sup> só aquelle que  
Dorme o viver;  
□ elle que  
Não sabe soffrer.

Mesmo que gema não  
Soffre qual quem  
Não porque tema, não  
Porque □ tem  
Cinzas por lemma, não  
Ama ninguém.

<sup>81</sup> <N> <□>/Ilha\ na immensidão;

<sup>82</sup> Quem sente <□>/mudo\ este segredo

<sup>83</sup> Onde a alma <□>/cruze as mãos cansadas\ [↑ horas estagnadas]

<sup>84</sup> Feliz [↑ Ditoso] *variantes alternativas*.

Não; nem a si nem  
 A ouro ou mulhér,  
 O que não ri nem  
 Sabe querer

□       nem  
 □

19-7-10.

5-8-10

*A um philosopho christão*

Quem te deu espirito nu  
 De □ e pensar  
 Licença para tratar  
 O incognoscivel por tu?

A Trascendencia em que scismo  
 E de que os sóes são véus,  
 De<sup>85</sup> que pia de baptismo  
 Tomou<sup>86</sup> o nome de Deus?

Para o que na<sup>87</sup> alma não cabe,  
 Ao paladar da razão  
 Tão bom \*vinho lhe sabe  
 Como Deus a □

Pois, Reverendo, outro officio –  
 Se Igreja é <\*mas> intima<sup>88</sup> ao mundo  
 E<sup>89</sup> este é a veste do Papado  
 A Igreja é o seu cilicio<sup>90</sup>

A lista do architecto Távora torna possível uma revisitação crítica e editorial de alguns poemas de 1910 e leva a ler como uma unidade os quatro poemas da série “Tristeza”, de 6 e 19 de Julho de 1910. Também sugere a necessidade de se publicar não alguns poemas de 1910, mas a totalidade deles (urge a edição crítica dos poemas anteriores a 1915). Afinal, hoje podemos localizar mais poemas dos que teria localizado o architecto na altura – ele teria localizado apenas um poema dos dezasseis consultando a obra impressa –, mas ainda dependemos de mapas próprios do espólio pessoano para determinar o lugar de determinados textos.

<sup>85</sup> Em [↑ De] *variantes alternativas*.

<sup>86</sup> /Levou/ [↑ Tomou] *variantes alternativas*.

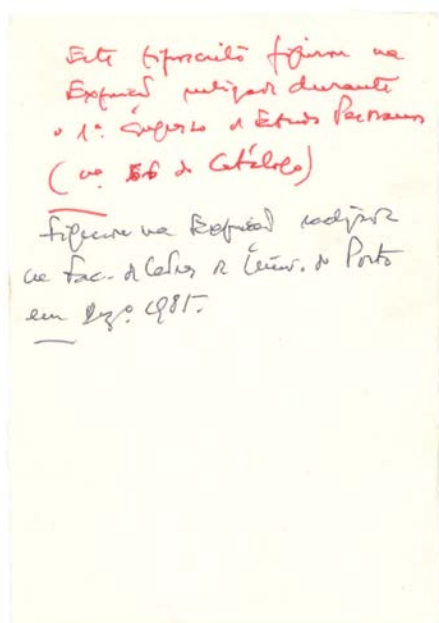
<sup>87</sup> <em> [↑ na]

<sup>88</sup> <\*mas> [↑ intima]

<sup>89</sup> Se [↑ E] *variantes alternativas*.

<sup>90</sup> A Igreja <□ é>/é o seu \ o seu cilicio

Veja-se mais uma nota de Távora, referente ao último documento que falta transcrever e comentar: uma longa lista de poemas que deviam ficar reunidos sob o título geral de “Cancioneiro”



Este tiposcrito figurou na Exposição realizada durante 1.º Congresso de Estudos Pessoaanos (n.º 66 do Catálogo)

Figurou na Exposição realizada na Fac. de Letras da Univ. do Porto em Dez.º 1985.

Fig. 109. Poemas de “Cancioneiro” (coleção Fernando Távora).

Segue a transcrição e o fac-símile (Figs. 110 e 111) da segunda lista de poemas do lote 31. Não está datada, mas talvez seja datável de c. 1931-1932:

CANCIONEIRO.

1. Gladio.
2. “Treme em luz a agua.” ✓
3. Lâ-Bas. ✓
4. Minuete invisível.
5. “Sylphos ou gnomos tocam?” ✓
6. Realejo. ✓
7. Aria Incerta. ✓
8. Pierrot Bebado. ✓
9. Saudade Dada. ✓
10. “Dorme, creança, dorme.” ✓
11. Canção de Outomno<sup>91</sup>. ✓
12. “Ide buscal-a, desejos.” ✓
13. “Aurora de outro dia.” ✓

<sup>91</sup> Outumno ] no original.



14. Transeunte. ✓
15. "Nasceu uma flôr, amor." ✓
16. "Sol nullo dos dias vãos." ✓
17. Do aldeão. ✓
18. Nocturno ("Suspiro triste"). ✓
19. A Ceifeira. ✓
20. "Choras? Caia o teu pranto." ✓
21. "Vento que passas." ✓
22. Manibus O date lilia plenis. ✓
23. "Maria, linda Maria." ✓
24. "A luz da tarde está calma." ✓
25. "Ó naus felizes..." ✓
26. Madrugadas – I.
27. Madrugadas – II.
28. Madrugadas – III.
29. Envoi ("Princeza que morreste"). ✓
30. Abysmo.
31. A Voz de Deus.
32. Passou...
33. A Queda.
34. "Entre a arvore e o vel-a."
35. "Leve, breve, suave". ✓
36. "Não sei porquê, estou triste." ✓
37. "Não sei a dôr que me é triste."
38. ~~Bacchica Medieval~~. (? "Para que vens? Já perdi." ✓
39. "Suspiro, quero ir contigo." ✓
40. "Não achei dita na crença."
41. "Não tornarei a ver as rosas". ✓
42. "Impossivel visão." ✓
43. As Septe Salas do Palacio Abandonado.
44. "Cahe do firmamento". ✓
45. "Olhos verdes, côr do mar." ✓
46. "Dorme sobre o meu seio." ✓
47. Insomnia.
48. Threno Geral.
49. "...E a minha<sup>92</sup> sensação é nulla..." ✓
50. Fado dos Ausentes. ✓

---

<sup>92</sup> ...E a minha ] *no original*.

CANCIONEIRO.

-----

1. Gladio.
2. "Treme em luz a água."
3. Lá-Bas.
4. Minuete invisível.
5. "Sylphos ou gnomos tocam?"
6. Realejo.
7. Aria Incerta.
8. Pierrot Bebado.
9. Saudade Dada.
10. "Dorme, criança, orme."
11. Canção de Outunno
12. "Ide buscal-a, desejos."
13. "Aurora de outro dia."
14. Transeunte.
15. "Nasceu uma flôr, amor."
16. "Sol nullo dos dias vãos."
17. Do aldeão.
18. Nocturno ("Suspiro triste").
19. A Ceifeira.
20. "Choras? Caia o teu pranto."
21. "Vento que passa..."
22. Manibus O date lilia plenis.
23. "Maria, linda Maria."
24. "A luz da tarde está calma."
25. "Ó naus felizes..."
26. Madrugadas - I.
27. Madrugadas - II.
28. Madrugadas - III.
29. Envoi ("Princesa que morreste").
30. Abyssos.
31. A Voz de Deus.
32. Passou..
33. A Queda.
34. "Entre a arvore e o vel-a".
35. "Leve, breve, suave".
36. "Não sei porquê, estou triste."
37. "Não sei a dôr que me é triste."
38. ~~Ressaca-Meakevel~~ - (? "Para que vens? Já perdi.")
39. "Suspiro, quero ir contigo."
40. "Não achei dita na crença."
41. "Não tornarei a ver as rosas".
42. "Impossível visão."
43. As Sete Salas do Palacio Abandonado.
44. "Cabe do firmamento".
45. "Olhos verdes, côr do mar."
46. "Dorme sobre o meu seio."
47. Insomnia.
48. Threno Geral.
49. "...E a minha sensação é nulla..."
50. Fado dos Ausentes.

Fig. 110. "Cancioneiro" (coleção Fernando Távora).

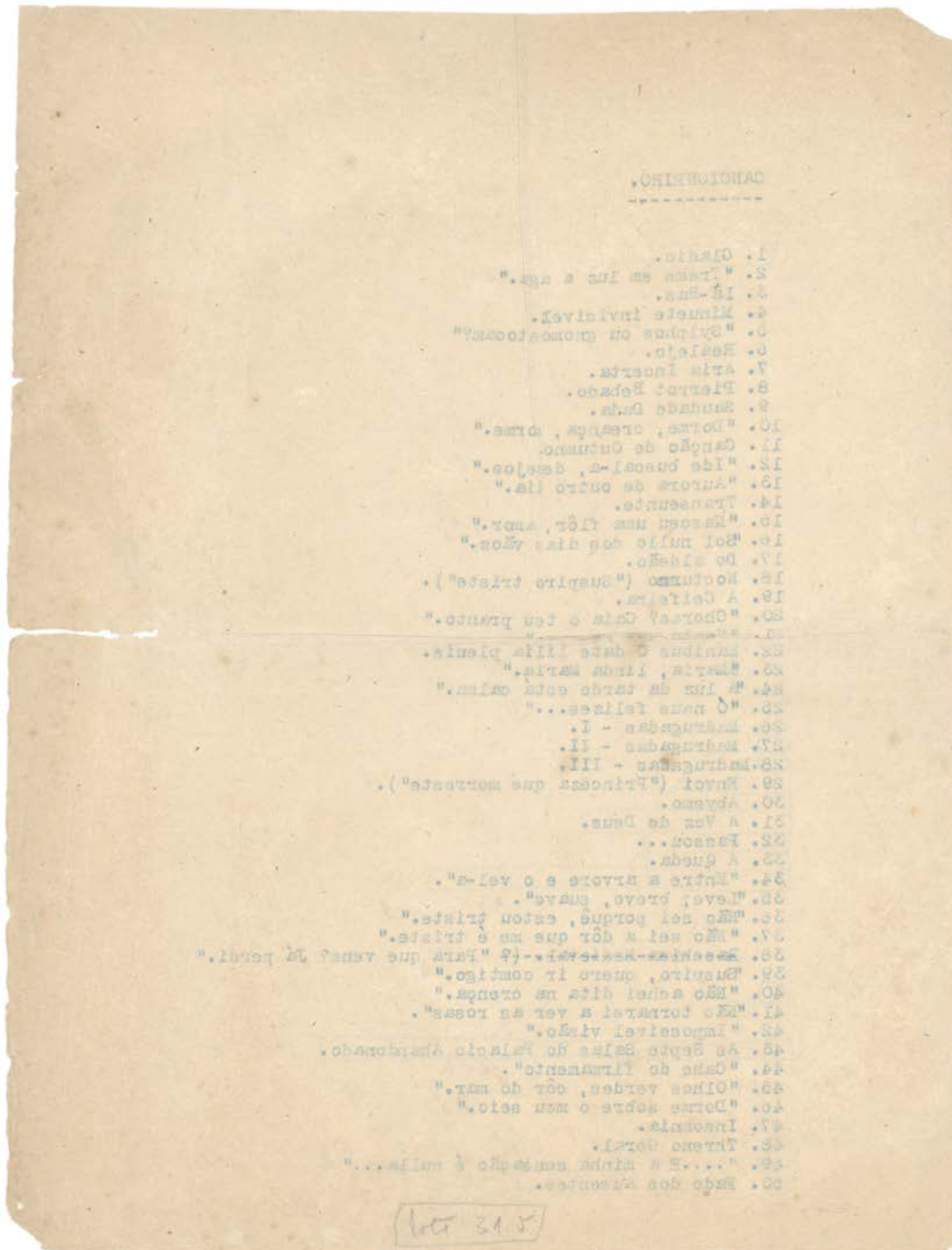


Fig. 111. "Cancioneiro" (coleção Fernando Távora).  
Na margem inferior lê-se: "31.5".

O seguinte é o estudo detalhado da lista já transcrita, indicando a data de cada poema e a sua localização no espólio pessoano:

	Data	cota(s)
1. Gladio ["Deu-me Deus o Seu Gladio"]	21-VII-1913	57-40, 121-1, 121-2 <sup>93</sup>
2. "Treme em luz a agua"	21-VI-1913	16-37, 117-36
3. Lâ-bas ["Dorme enquanto eu velo"]	11/12-VII-1912	39-21, 117-28, 117-29
4. Minuete invisível ["Ellas são vaporosas"]	c. 1-V-1915	42-19, 117-13
5. "Sylphos ou gnomos tocam?"	25-IX-1914	16-25 a 16-28
6. Realejo ["Pobre velha música"]	12-V-1913	40-30, 117-26, 117-27
7. Aria incerta ["Trila na noite uma flauta"]	19-V-1913	57-25, 117-32
8. Pierrot bebado ["Nas ruas da feira"]	17-VIII-1914	117-11, 117-12
9. Saudade dada ["Em horas inda louras"]	c. 1917	117-9, 117-10
10. "Dorme, creança, dorme"	27-I-1909	34-26 <sup>94</sup>
11. Canção de Outomno ["No amarellecer"]	1-XII-1909	35-41, 65-69 <sup>95</sup>
12. "Ide busca-a, desejos"	15-XI-1908	34-6, 66A-43
13. "Aurora d'outro dia"	15-V-1910	36-32
14. Transeunte ["Ouço tocar um piano"]	21-VIII-1921 <sup>96</sup>	42-23, 42-46, 59-8
15. Folha cahida ["Nasceu uma flôr, amor"]	15-VII-1910	56-58
16. "Sol nullo dos dias vãos"	JANEIRO, 1920	117-30, 117-31
17. O aldeão ["Ó sino da minha aldeia"] <sup>97</sup>	8-IV-1911	119-11, 117-21 a 117-23
18. Nocturno <sup>98</sup> ["Suspiro triste"]	15-V-1910	36-33 e 36-34
19. A ceifeira ["Ella canta, pobre ceifeira"]	1-XII-1914	117-42
20. "Choras? Caia o teu pranto" <sup>99</sup>	31-XII-1908	34-25
21. "Vento que passas"	21-VIII-1921 <sup>100</sup>	119-11, 119-12
22. O <i>manibus date lilia plenis</i> ["Cheias..."]	10-I-1913	57-30 <sup>101</sup>
23. "Maria, linda Maria"	19-XI-1908	34-19
24. "A luz da tarde está calma"	29-V-1910	36-38
25. "Ó naus felizes que do mar vago"	10-VI-1910	36-43
26. Madrugadas – I. ["Em toda a noite..."]	14-I-1920	117-40, 117-41
27. Madrugadas – II. ["Manhã dos outros..."]	15-I-1920	117-35

<sup>93</sup> Há também um poema intitulado "Gladio" ["A sombra de todos os luares"], datado de 31-VIII-1915, com a cota 57A-31.

<sup>94</sup> Há também um poema que começa "Dorme, creança, dorme", datado de 16-III-1934, com a cota 33-20. Mas, em princípio, trata-se deste, intitulado "Nocturno"; veja-se PESSOA (2000: 265).

<sup>95</sup> Publicado em *Poesia 1931-1935 e Não Datada* PESSOA (2006: 491), dado que as editoras não localizaram o primeiro testemunho, o qual ostenta a data indicada.

<sup>96</sup> Sobre a datação deste poema, veja-se PESSOA (2001: 272-273).

<sup>97</sup> O título de um testemunho dactilografado, BNP/E3, 117-23, é "O aldeão". Na folha cotada 119-11, lê-se: "Da m[inha] aldeia é como quem diz, isto é, como quem mente. Nasci num 4.º andar do Largo de S. Carlos, em Lisboa, dois andares por [↑ a] cima de onde o C[entro] E[leitoral] R[epublicano] ainda não estava. Teve este aldeísmo o meu nascimento."

<sup>98</sup> Este título não figura no manuscrito conhecido; cf. BNP/E3, 48F-49.

<sup>99</sup> Publicado, por erro e leitura, com o título "Chorar? Caia o teu pranto", em *Poesias 1902-1917* (PESSOA, 2005b: 40). Cf. BNP/E3, 48F-40.

<sup>100</sup> Sobre a datação deste poema, veja-se PESSOA (2001: 271-272).

<sup>101</sup> Existe um poema anterior, com o mesmo título, datado de 4-I-1913; cf. BNP/E3, 30A-7. Sá-Carneiro refere-se ao poema da lista em carta de 3-II-1913 (SÁ-CARNEIRO, 2015: 74).

28. Madrugadas – III. [“Com um splendor...”]	15-I-1920	58A-2
29. Envoi [“Princesa que morreste”] <sup>102</sup>	6-XI-1913	41-28
30. Abysmo [“Olho o Tejo, e de tal arte”]	c. 20-I-1913	16-22
31. A voz de Deus [“Brilha uma voz...”]	1-III-1913	57-33
32. Passou... [“Passou, fóra de quando”]	1-III-1913	57-33
33. A queda [“Da minha idea-do-mundo”]	c. 8-II-1913	16-23
34. Braço sem corpo [“Entre a arvore...”]	2-II-1913	40-1
35. “Leve, breve, suave”	15-I-1920 <sup>103</sup>	117-24, 117-25
36. “Não sei porquê, estou triste”	15-XI-1908	34-13, 65-73 <sup>104</sup>
37. “Não sei a dôr que me é triste” <sup>105</sup>		
38. Manhã [“Para que vens? Já perdi”]	15-XI-1908	34-14
39. “Suspiro, quero ir contigo”	15-XI-1908	34-8, 34-10
40. “Não achei dita na crença”	28-XII-1908	34-23 <sup>106</sup>
41. “Não tornarei a ver as rosas”	26-II-1920	144G-30
42. “Impossível visão”	14-I-1917	144Y-22, 144Y-23
43. As septe salas do palacio abandonado	c. 1915	144C-1 a 10, 15 a 17 <sup>107</sup>
44. “Cahe do firmamento”	26-X-1919	58-87
45. “Olhos verdes, côr do mar”	c. 1-XII-1909	65-69 <sup>108</sup>
46. “Dorme sobre o meu seio”	28-X-1909	117-37, 117-38
47. Insomnia [“Insomnia. Ouço o gemido”]	13-VIII-1921	59-6
48. Threno <sup>109</sup>	19-XI-1908	56-12
49. Mar. Manhã [“Suavemente...”] <sup>110</sup>	16-XI-1909	16-20
50. Fado dos ausentes [“Ó fado repenicado”]	29-X-1909	56-39

Apenas dois poemas estarão ainda inéditos: “Aurora d’outro dia” e “Não sei a dôr que me é triste”; sendo que ainda falta localizar este último. E há um que está parcialmente inédito – “Não achei dita na crença” – porque apenas uma secção foi publicada em 2005 (ver a nota de rodapé respectiva).

Para encerrar, apresenta-se “Aurora d’outro dia” e uma lista de poemas encimada pelo título *Cancioneiro*. De um estudo mais aprofundado dos planos desse livro de canções poderia um dia surgir uma antologia da poesia ortónima mais próxima dos projectos pessoanos.

<sup>102</sup> Também há um “Envoi” que começa “Princesa, se perguntares”, sem data (BNP/E3, 34-2).

<sup>103</sup> Vejam-se as listas de poemas BNP/E3, 48-38 e 48E-23, onde figura a data deste poema.

<sup>104</sup> Publicado em *Poesia 1931-1935 e Não Datada* PESSOA (2006: 491), dado que as editoras não localizaram o primeiro testemunho, isto é, aquele datado. Segundo as listas já citadas, 48-38 e 48E-23, está constituído por dois poemas com o mesmo *incipit*.

<sup>105</sup> Poema não localizado. Inédito.

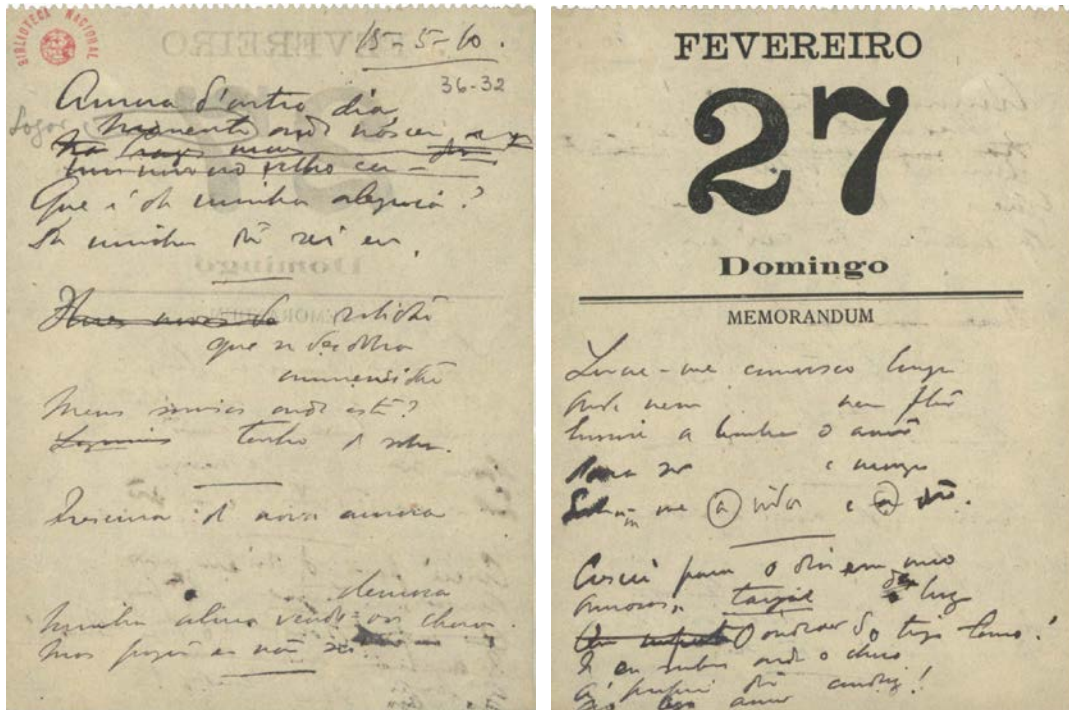
<sup>106</sup> Em *Poesia 1902-1917* lê-se: “Fixamos apenas a parte I de um poema que deveria ser constituído por 4 partes, que ficaram apenas esboçadas” (PESSOA, 2005b: 447). Três partes estão inéditas. O título geral parece ter mudado de “Lyrismos” para “Lagrimas”.

<sup>107</sup> Constituído por 7 secções e um “Fim”. Sobre a datação, veja-se PESSOA (2005a: 339-346; 2005b: 462).

<sup>108</sup> Publicado em *Poesia 1931-1935 e Não Datada* PESSOA (2006: 490). Dado que se encontra no mesmo suporte de um testemunho de Canção de Outomno [“No amarellecer do Outomno”], é datável.

<sup>109</sup> Se “Threno geral” for “Threno”, então deve ser este poema. Figura em pelo menos duas listas: BNP/E3, 48-39 e 144D<sup>2</sup>-2 a 5.

<sup>110</sup> Referido por um dos versos finais: “...E a minha sensação é nulla...”.



Figs. 112 e 113. "Aurora d'outro dia" e outros versos (BNP/E3, 36-32<sup>r</sup> e 32<sup>v</sup>).

15-5-10.

Aurora d'outro dia

Momento [← Logar] onde nasceu <a dor>  
 <Não trazes mais>  
 <Um novo no velho ceu →>  
 Que é da minha alegria?  
 Da minha dôr sei eu.

<Flores novas da> solidão  
 □ que se desdobra  
 □ immensidão  
 Meus sorrisos onde estão?  
 <Lagrimas> tenho de sobra.

Frescura de nova aurora

□  
 □ demora  
 Minha alma vendo-vos chora  
 Mas porquê eu não sei.

Levae-me comvosco longe  
 Onde nem □ nem flôr  
 Ensine a lembrar o amôr  
 Para ser □ e monge

Sobram-me /a/ vida e /a/ dôr.

Crescei para o dia em ouro  
 \*Amoras, /trigal/ □ <a> <\*e> [↑ d<\*a>/e\] luz  
 <Que importa> O ondear do trigo louro!  
 Se eu soubesse onde o choro  
 Á propria dôr [↓ Ao cégo amor] conduz!

48-39

Cançãoiro - Liv. I e II.

---

1. Como a noite é longa... 4/XI/14. 5 x 4.
2. Bate a luz no cimo... 4/XI/14. 4 x 6.
3. Saber? Que sei eu?... 4/XI/14. 5 x 3.
4. Vae redonda e alta... 4/XI/14. 4 x 8.
5. Canção (Ide busca-la, desejos...). 5 x 3.
6. O orvalho da tarde beija... 6 x 3.
7. Treme em luz a agua...
8. Lá-Bas. (Dorme enquanto eu vélo...) 5 x 3.
9. Canção de Outomno. 6 x 3.
10. Trila na noite uma flauta... 4 x 3.
11. Pobre velha musica... 4 x 3.
12. N-o sei qué desgosta...
13. Põe-me as mãos nos hombros... 4 x 3.
14. Vae leve a sombra...
15. Não sei porquê, estou triste...
16. Sylphos ou gnomos tocam?... 25/IX/14. 4 x 5.
17. Ameaçou chuva...
18. Marinheiro-monge...
19. A Tristeza Lusitana...
20. Quadras.
21. Choras? Caia o teu pranto... 6 x 3.
22. Nocturno.
23. Sonata em X (Arrepio);
- ~~24.~~ 24. Dobre.
25. Fio de Agua.
26. Mar, manhã.
- ~~27.~~ 27. Fonte.
28. Abandonada.
29. Suspiro.
30. Manibus o data lilia plena.
- ? 31. No amarellecer do outomno.
- ? 32. Cahiram as folhas da arvore...
- ? 33. A hora é de cinza e de fogo...
34. ... medindo esta vida...
35. ... só de a ver tão distante...
36. Ó sino da minha aldeia...
37. Amarellecer Dó poente...
38. Linda Maria.
39. Threno geral.
40. Parado acaso na viagem.
41. Descendo acaso...
42. Fallo-me em versos tristes...
43. Aurora de outro dia...
44. O Fado dos Ausentes.
45. Por quanto tempo ainda...
46. Para que vens? Eu perdi...
47. Hora Lenta.
48. Com capacete com plumas.
49. Paraiso.
50. Tange o sino, tange...

Fig. 114. "Cançãoiro - Liv. I e II" (BNP/E3, 48-39).

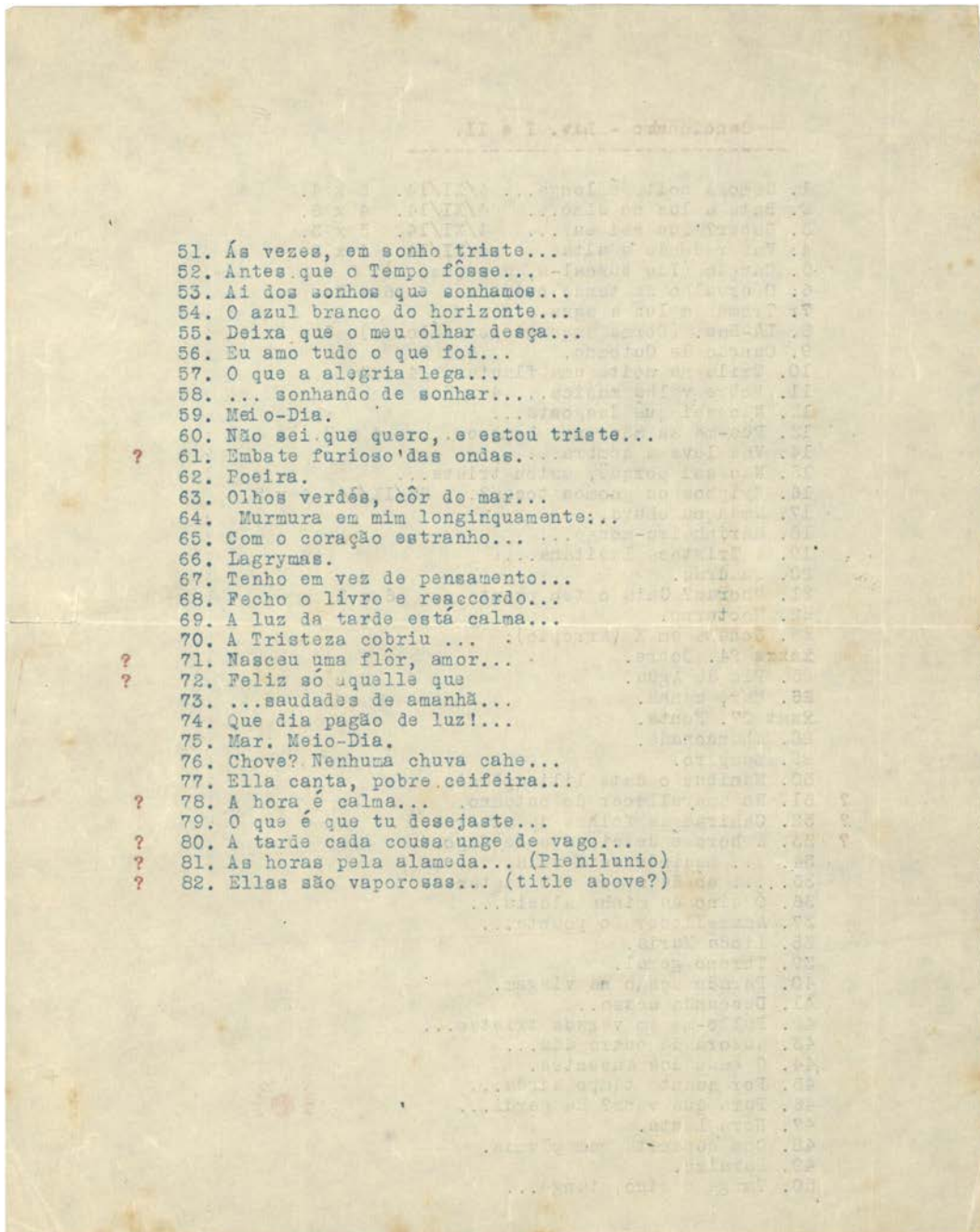


Fig. 114. "Cancioneiro – Liv. I e II" (BNP/E3, 48-39v).



## Cancioneiro – Liv. I e II.

1. Como a noite é longa... 4/XI/14. 5 × 4.
2. Bate a luz no cimo... 4/ XI/14. 4 × 6.
3. Saber? Que sei eu?... 4/ XI/14. 5 × 3.
4. Vae redonda e alta... 4/ XI/14. 4 × 8.
5. Canção (Ide buscal-a, desejos...). 5 × 3.
6. O orvalho da tarde beija... 6 × 3.
7. Treme em luz a agua...
8. Là-Bas. (Dorme enquanto eu vélo...)5 × 3.
9. Canção de Outomno. 6 × 3.
10. Trila na noite uma flauta... 4 × 3.
11. Pobre velha musica... 4 × 3.
12. Não sei quê desgosta...
13. Põe-me as mãos nos hombros... 4 × 3.
14. Vae leve a sombra...
15. Não sei porquê, estou triste...
16. Sylphos ou gnomos tocam?... 25/ IX/14. 4 × 5.
17. Ameaçou chuva...
18. Marinheiro-monge...
19. A Tristeza Lusitana...
20. Quadras.
21. Choras? Caia o teu pranto... 6 × 3.
22. Nocturno.
23. Sonata em X (Arrepio).
24. Dobre.<sup>111</sup>
25. Fio de Agua.
26. Mar, manhã.
27. Fonte.<sup>112</sup>
28. Abandonada.
29. Suspiro.
30. Manibus o date lilia plenis.
- ? 31. No amarellecer do outomno.
- ? 32. Cahiram as folhas da arvore...
- ? 33. A hora é de cinza e de fogo...
34. ... medindo esta vida...
35. ... só de a ver tão distante...
36. Ó sino da minha aldeia...
37. Amarellecer Do poente...
38. Linda Maria.
39. Threno geral.
40. Parado acaso na viagem.
41. Descendo acaso...
42. Fallo-me em versos tristes...
43. Aurora do outro dia...
44. O Fado dos Ausentes.
45. Por quanto tempo ainda...

---

<sup>111</sup> <Dobre> 24. Dobre.

<sup>112</sup> <Font> 27. Fonte.

46. Para que vens? Eu perdi...
47. Hora Lenta.
48. Com capacete com plumas.
49. Paraíso.
50. Tange o sino, tange...
51. Às vezes, em sonho triste...
52. Antes que o Tempo fosse...
53. Ai dos sonhos que sonhamos...
54. O azul branco do horizonte...
55. Deixa que o meu olhar desça...
56. Eu amo tudo o que foi...
57. O que a alegria lega...
58. ... sonhando de sonhar...
59. Mei o-Dia.
60. Não sei que quero, e estou triste...
- ? 61. Embate furioso das ondas.
62. Poeira.
63. Olhos verdes, côr do mar...
64. Murmura em mim longinquamente...
65. Com o coração estranho...
66. Lagrymas.
67. Tenho em vez do pensamento...
68. Fecho o livro e reccordo...
69. A luz da tarde está calma...
70. A Tristeza cobriu...
- ? 71. Nasceu uma flôr, amor...
- ? 72. Feliz só aquelle que
73. ...saudades de amanhã...
74. Que dia pagão de luz!...
75. Mar. Meio-Dia.
76. Chove? Nenhuma chuva cahe...
77. Ella canta, pobre ceifeira...
- ? 78. A hora é calma...
79. O que é que tu desejaste...
- ? 80. A tarde cada cousa unge de vago...
- ? 81. As horas pela alameda... (Plenilunio)
- ? 82. Ellas são vaporosas... (title above?)

## Bibliografia

- BLANCO, José (2008). *Pessoana*. I volumen, bibliografia passiva, selectiva e temática referida a 31 de Dezembro de 2004. I volumen, índices. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2007). “A verdade sobre a *Mensagem*”, in *A Arca de Pessoa: novos ensaios*. Steffen Dix, Jerónimo Pizarro (orgs.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 147-158.
- CENTRO DE ESTUDOS PESSOANOS (1978). *1.º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos | Minha Pátria É a Língua Portuguesa – Exposição Iconográfica e Bibliográfica*. Catálogo da Exposição. Impr. Rocha Artes Gráficas.
- CIRURGIÃO, António (1990). *O “olhar esfíngico” da Mensagem de Pessoa e a Concordância*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- FARGE, Arlette (1989). *Le goût de l’archive*. Paris: Le Seuil.
- FERRARI, Patricio (2015). “Bridging Archives: Twenty-Five Unpublished English Poems by Fernando Pessoa”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, Outono, pp. 365-431.
- GALHOZ, Maria Aliete (1990). “Breve nota à sequência ‘Abdicação’. Sete sonetos post-simbolistas de Fernando Pessoa”, in *Nova Renascença*, n.º 35/38, Porto, pp. 270-275.
- GASPAR SIMÕES, João (1950). *Vida e Obra de Fernando Pessoa (História de uma geração)*. Lisboa: Livraria Bertrand. 2 vols.
- MONTEIRO, George (2013). “First International Symposium on Fernando Pessoa. Seven unpublished letters by Jorge de Sena”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 114-140.  
[https://www.brown.edu/Departments/Portuguese Brazilian Studies/ejph/pessoaplural/Issue3/PDF/I3A07.pdf](https://www.brown.edu/Departments/Portuguese%20Brazilian%20Studies/ejph/pessoaplural/Issue3/PDF/I3A07.pdf)
- PESSOA, Fernando (2015). *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Edição de José Barreto. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_ (2007). *A Educação do Stoico*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (2006). *Poesia 1931-1935 e Não Datada*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2005a). *Poemas 1915-1920*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (2005b). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2001). *Poemas 1921-1930*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (2000). *Poemas 1934-1935*. Edição crítica de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (1993). *Mensagem. Poemas Esotéricos*. Edição crítica, José Augusto Seabra (coord.). Madrid: Archivos, CSIC. Coleção Archivos, n.º 28.
- \_\_\_\_ (1972). *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: José Aguilar Editôra. 1.ª ed., 1960; 2.ª ed., 1965; 3.ª ed., 1969; 4.ª ed., 1972.
- \_\_\_\_ (1942). *Poesias*. Lisboa: Ática.
- PITTELLA, Carlos (2017). “Juliano Apóstata: um poema em três arquivos”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 457-487.
- \_\_\_\_ (2017). “Mr. Ormond: the testimonial from a classmate of Fernando Pessoa”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 194-235.
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2017). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida. Primeiras Lições*. Lisboa: Tinta-da-china.

- PIZARRO, Jerónimo (2017). “Álvaro de Campos Revisited”, in *Estudos Regianos*, n.º 22-23 (número comemorativo), Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, pp. 67-90. Direcção Editorial: Isabel Cadete Novais; cf. <http://joseregio-cer.pt/index.php/o-boletim/>
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa | Fernando Pessoa's Private Library*. Edição bilingue. Alfragide: D. Quixote.
- PRISTA, Luís (2003). “O melhor do mundo não são as crianças”, in *VVAA, Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 217-238.
- RIBEIRO, António Sousa (2017). “Modernist temporalities: the Orpheu generation and the impact of history”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 11, Primavera, pp. 9-22. [http://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/pessoaplural/Issu e11/PDF/I11A02.pdf](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issu e11/PDF/I11A02.pdf)
- SÁ-CARNEIRO, Mário (2017). *Poesia Completa*. Edição de Ricardo Vasconcelos. Lisboa: Tinta-da-china. Colecção Sá-Carneiro.
- SÁ-CARNEIRO, Mário (2015). *Em Ouro e Alma. Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. Colecção Sá-Carneiro.
- SILVEIRA, Pedro da (1974). “Nota adicional” [a Jorge de Sena, “Quatro poemas anti-salazaristas de Fernando Pessoa”], in *Seara Nova*, n.º 1545, Lisboa, Julho, p. 20.
- VASCONCELOS, Ricardo (2017). “Uma Carta Inédita de Fernando Pessoa ao Gerente do Grand Hôtel de Nice”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 547-561.
- VERÍSSIMO, Artur (2000). *Dicionário da Mensagem – Figuras Históricas, Mitos, Símbolos, Conceitos*. Porto: Areal Editores.